



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO REVESTIDA DE HÁBITO: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA
PIEDADE DE LAGARTO-SE (1947 – 1964)**

MARIA DE LOURDES MARTINS DA SILVA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO REVESTIDA DE HÁBITO: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA
PIEDADE DE LAGARTO-SE (1947 – 1964)**

MARIA DE LOURDES MARTINS DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História, sociedade e pensamento educacional

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586e Silva, Maria de Lourdes Martins da
Educação revestida de hábito : Colégio Nossa Senhora da Piedade de Lagarto-SE (1947-1964) / Maria de Lourdes Martins da Silva ; orientador Joaquim Tavares da Conceição. – São Cristóvão, 2017.

104 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2017.

1. Educação – Sergipe - História. 2. Ensino religioso. 3. Religião e cultura. 4. Educação feminina. 5. Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. 6. Colégio Nossa Senhora da Piedade (Lagarto,SE). I. Conceição, Joaquim Tavares da orient. II. Título.

CDU 37.018.56(813.7)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO

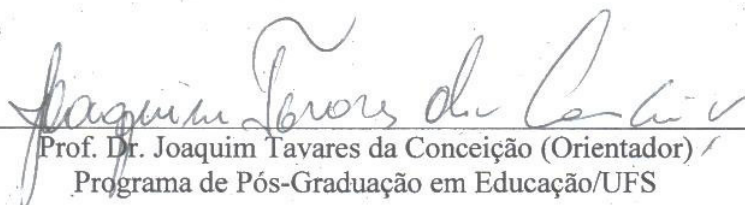


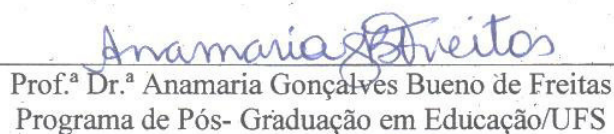
MARIA DE LOURDES MARTINS DA SILVA

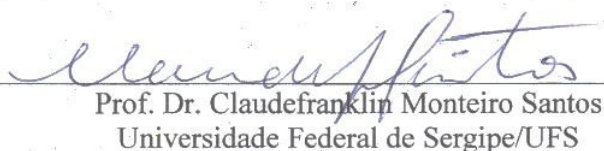
EDUCAÇÃO REVESTIDA DE HÁBITO: COLÉGIO NOSSA SENHORA
DA PIEDADE DE LAGARTO-SE (1947 – 1969)

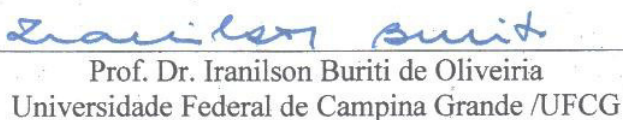
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 15.12. 2017


Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS


Prof.ª Dr.ª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Programa de Pós- Graduação em Educação/UFS


Prof. Dr. Claudfrancklin Monteiro Santos
Universidade Federal de Sergipe/UFS


Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande /UFCG

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2017

Dedico este trabalho à Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, bem como às ex-alunas do “Piedade” que dividiram suas histórias comigo.

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória acadêmica traçou caminhos até então desconhecidos para mim. Foram descobertas diárias, passo após passo, que me fizeram compreender que era só o início de uma longa caminhada como historiadora.

A partir de então, tive a honrosa oportunidade de participar de um universo intelectual bastante incentivador, desenvolvido pelo contato com professores e amigos de pós-graduação, empenhados em entender e descrever sobre tudo o que nos fosse causa de inquietação e curiosidade. A esse convívio e às discussões presenciadas, eu devo boa parte desta dissertação.

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me dado a graça de chegar até aqui, e por toda a força concedida na concretização deste sonho. Além disso, agradeço a Ele por todas as pessoas que cruzaram meu caminho, todas muitíssimo especiais. Dentre elas, agradeço em primeiro lugar àquele que esteve comigo em todos os momentos desta trajetória. Ao Professor Doutor Joaquim Tavares da Conceição, muito obrigada pela confiança, paciência, compreensão, estímulo à pesquisa e pelo acompanhamento sério e preciso, que despertaram em mim o gosto pelo conhecimento da história da Educação e, conseqüentemente, da minha própria Congregação, enquanto franciscana de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Minha gratidão à dileta Professora Doutora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, a quem estimo e admiro imensamente, pelo apoio carinhoso e acolhedor, pelos conselhos e sugestões que abriram possibilidades e viabilizaram novas percepções.

Ao querido Professor Doutor Claudefranklin Monteiro Santos, sempre solícito em colaborar e inclusive deter-se horas ao telefone, na intenção de ajudar-me a entender o “bendito projeto romanizador da Igreja Católica”. Meu sincero agradecimento.

Aos participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas, sou grata pelas partilhas intelectuais que tanto me ajudaram na elaboração desta escrita.

Agradeço também a minha Congregação, família religiosa que abracei e na qual construo, dia a dia, uma história de amor pela educação. De modo especial, à comunidade na qual estou inserida, a cada irmã, que, a seu modo, contribuiu para que eu chegasse aonde cheguei. Orações, preces e companhia nas horas em que o sono chegava não me faltaram durante todo esse tempo de pesquisa, quando foi preciso me debruçar por horas e horas, sobre livros, textos e infinitas leituras. Nessas ocasiões contei sempre com a compreensão de todas. Muito obrigada, irmãs!

Aos meus pais, Augusto e Socorro, minhas bases, simplesmente por terem me feito existir; por tanto amor, por tudo o que sou, por cada oração, por terem me proporcionado educação e amor pelos estudos, e, apesar das inúmeras dificuldades, por sempre me estimular a continuar.

Aos meus irmãos e familiares, que, mesmo na distância física, sempre estiveram compartilhando meus ideais e incentivando-me a prosseguir, insistindo para que eu avançasse cada vez mais um pouquinho. Meus amores, não há palavras que expressem o quanto lhes sou grata.

Este trabalho certamente não seria o mesmo sem a contribuição dos amigos, companheiros de curso, por todas as discussões, encontros, papos ao telefone, almoços, puxões de orelha... Sim, certamente as partilhas no trajeto “Lagarto/Aracaju/Lagarto” amadureceram concepções e consolidaram amizades... A cada um de vocês, um grande muito obrigada!

À minha comunidade educativa, onde desfruto das mais belas experiências, que fortalecem e fundamentam minha pesquisa, bem como a todos aqueles que se dispuseram a ceder suas histórias de vida na instituição Colégio Nossa Senhora da Piedade, através das entrevistas e conversas informais, minha gratidão.

Enfim, agradecer é um ato nobre, presente nos corações fortalecidos pela fé, no reconhecimento da caminhada feita em parceria e com a sensação maravilhosa do dever cumprido. Que tudo seja para maior glória de Deus, fortalecimento da nossa missão e preservação da nossa história.

“[...] a história é apenas um modo de
conhecer”.

Antoine Prost

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma compreensão histórica do modelo educacional e da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora Piedade das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, no período de 1947 a 1964. A investigação foi pautada nas técnicas da pesquisa documental, com base em fontes coletadas e catalogadas no arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Cúria da Arquidiocese de Aracaju, Paróquia de Nossa Senhora da Piedade e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, além de acervos pessoais de ex-alunas. Igualmente, utilizou-se a metodologia da história oral, coletando relatos orais de narradores-colaboradores que tiveram relação com a instituição no período especificado no recorte temporal. Aprofundou-se o trato dessas fontes a partir dos conceitos de cultura escolar, representação e apropriação. O trabalho apresenta aspectos gerais do modelo de educação católica no período especificado, as origens do projeto educacional da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, especialmente as configurações históricas do Colégio Nossa Senhora da Piedade, instalado em 1947 na cidade de Lagarto (SE), as relações estabelecidas entre agentes da ação educativa; o espaço físico, o currículo e as variadas formas de moldar comportamentos e valores de jovens lagartenses. A prática do Colégio Nossa Senhora da Piedade tornou-se significativa à medida que a fé foi colocada como mediadora da educação, elemento importante, porém não exclusivo. Na verdade, por meio da fé buscou-se interagir com o contexto social, visando à formação cidadã e ao desenvolvimento intelectual das alunas. Nos registros de fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho é possível compreender a representação da ação missionária como uma ação educativa que teria a função de realizar o saneamento moral da população ordenado pela moral cristã-católica.

Palavras-chave: Colégio Nossa Senhora da Piedade. Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. Educação Católica. Educação feminina. Cultura escolar.

ABSTRACT

This dissertation presents a historical understanding of the educational model and school culture of the Colégio Nossa Senhora da Piedade (Our Lady of Mercy College) of the Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho (Franciscan Sisters of Our Lady of Good Counsel) from 1947 to 1964. The research was based on documentary research techniques, based on sources collected and cataloged in the archive of the Colégio Nossa Senhora da Piedade (College Our Lady of Mercy), Curia of the Archdiocese of Aracaju, Parish of Our Lady of Mercy and Historical and Geographic Institute of Sergipe, as well as personal collections of former students. Likewise, the oral history methodology was used, collecting oral reports of narrators-collaborators who had relations with the institution in the period specified in the temporal cut. The treatment of these sources was deepened from the concepts of school culture, representation and appropriation. The work presents general aspects of the model of Catholic education in the period specified, the origins of the educational project of the Congregation of the Franciscan Sisters of Our Lady of Good Counsel, especially the historical configurations of the Colégio Nossa Senhora da Piedade (College of Our Lady of Mercy), installed in 1947 in the city of Lizard (SE), the relationships established between agents of educational action; the physical space, the curriculum and the various ways of molding the behaviors and values of young people from La Rioja. The practice of the Colégio Nossa Senhora da Piedade (College of Our Lady of Mercy) became significant as faith was placed as a mediator of education, an important but not exclusive element. In fact, through faith, we sought to interact with the social context, aiming at the formation of citizens and the intellectual development of the students. In the founding records of the Congregation of the Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho (Franciscan Sisters of Our Lady of Good Counsel) it is possible to understand the representation of missionary action as an educational action that would have the function of carrying out the moral sanitation of the population ordained by Christian-Catholic morality.

Keywords: Colégio Nossa Senhora da Piedade (Our Lady of Mercy College). Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho (Congregation of the Franciscan Sisters of Our Lady of Good Counsel). Catholic Education. Women's education. School culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Frei Caetano de Messina	30
Figura 02: Irmãs da fraternidade do Nossa Senhora da Piedade	38
Figura 03: Prospecto geral das despesas do Educandário – 1947 / Despesa	42
Figura 04: Prospecto geral das despesas do Educandário – 1947 / Receita	43
Figura 05: Irmãs e alunas em dia de passeio. s/d.	52
Figura 06: Irmãs e alunas no clube social de 1964	53
Figura 07: Fachada do Educandário Nossa Senhora da Piedade em 1947	54
Figura 08: Aluna de bicicleta em frente ao Colégio em 1960	56
Figura 09: Grupo de alunas do 2º Pedagógico de 1966, na laje do Colégio	57
Figura 10: Alunas de 1967 tendo ao fundo o prédio do Colégio em construção	58
Figura 11: Alunas em aulas de bordado, costura e datilografia, acompanhadas da mestra	63
Figura 12: Grupo de alunas da Juventude Estudantil Católica fazendo uma apresentação	64
Figura 13: Alunas em apresentação musical no grêmio do Colégio.....	65
Figura 14: Alunas em desfile cívico de 1960	66
Figura 15: Alunas em aula de educação física.	67
Figura 16: Alunas que fizeram a primeira comunhão, acompanhadas pelo Monsenhor Marinho	72
Figura 17: Alunas após retiro, acompanhadas pelo Frei Eliseu	73
Figura 18: Alunas acompanhando a procissão de Nossa Senhora da Piedade	75
Figura 19: Alunas em momento de comemoração no sítio	77
Figura 20: Alunas participando de uma prova da Gincana em 1964	78
Figura 21: Exemplar do Jornal “O Estudante”	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Arquivos pesquisados	14
Quadro 02: Relação das narradoras/colaboradoras	15
Quadro 03: Dissertações sobre instituições educacionais católicas femininas em Sergipe ...	17
Quadro 04: Relação de Ordens e Congregações religiosas no governo diocesano de Dom José Tomas Gomes.....	22
Quadro 05: Lista de enxoval para alunas internas	25
Quadro 06: Profissão dos pais de alunos matriculados no Colégio Nossa Senhora da Piedade em 1948	45
Quadro 07: Grau de instrução escolar dos pais de alunos matriculados no Colégio Nossa Senhora da Piedade em 1948	46
Quadro 08: Número de alunas contribuintes, gratuitas, bolsistas e não identificadas	48
Quadro 09: Professoras do educandário nos anos de 1947 a 1949	61
Quadro 10: Internatos femininos	81
Quadro 11: Alguns trabalhos sobre impressos sergipanos católicos e/ou educacionais do século XX	86
Quadro 12: Informações sobre o jornal “O estudante” (1966 a 1967)	89

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. EM BUSCA DA HEGEMONIA: A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO SERGIPANA	19
2.1 – UMA EDUCAÇÃO REVESTIDA DE HÁBITO: INSTITUIÇÕES CATÓLICAS EM SERGIPE.....	21
2.2 – GÊNESE DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO	28
2.3 – MISSÃO FRANCISCANA EM LAGARTO: FUNDAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE	33
3. ENTRE OS SAGRADOS SABERES E OS SABERES SAGRADOS: ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR:	45
3.1 – RELAÇÕES, REPRESENTAÇÕES: AGENTES DA AÇÃO EDUCATIVA.....	47
3.2 – O ESPAÇO FÍSICO E SUAS TRANSFORMAÇÕES.....	53
3.3 – O MODELO DE EDUCAÇÃO OFERECIDO	60
4. “A ARTE DE EDUCAR A VONTADE”: FORMANDO O COMPORTAMENTO IDEAL	69
4.1 – APRENDENDO A “DOBRAR OS JOELHOS”: PRÁTICAS DE ORAÇÃO.....	71
4.2 – SORRISOS, LÁGRIMAS, BRINCADEIRAS E CASTIGOS.....	76
4.3 – A CULTURA DO INTERNATO	80
4.4 – JORNAL “O ESTUDANTE”: VALORES, BUSCAS E INQUIETUDES DAS ALUNAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
FONTES	97
REFERÊNCIAS	101

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta uma compreensão da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora Piedade (CNSP), dirigido pelas Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, localizado em Lagarto/SE, cujo recorte temporal é o período de 1947 a 1969.

Nesse colégio, no marco temporal em questão, o ensino era voltado para a formação feminina na perspectiva da doutrina católica, conforme a orientação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, cuja nomenclatura evocava uma pequena povoação do Estado de Pernambuco: Bom Conselho, onde, em 1853, Frei Caetano de Messina idealizou e fundou a congregação. Ele tinha por objetivo criar um colégio-convento para, seguindo seu ideário, minimizar os problemas sociais daquela região, principalmente no tocante à moralidade e à desigualdade social. A instituição criada desenvolveu-se ao longo dos anos, expandindo-se por cidades dos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe, conforme era solicitado por padres e bispos, em concordância com o projeto da Igreja Católica (MELO, 2003).

O desejo de trabalhar com essa temática surgiu durante o Curso de Pedagogia, na Universidade Tiradentes, quando, por meio da disciplina História e Filosofia da Educação, as leituras sobre a História da Educação em Sergipe provocaram o encontro com o Colégio Nossa Senhora da Piedade, o único de orientação católica, dirigido por religiosas da cidade. Por não haver registros científicos sobre essa instituição, esta foi objeto monográfico para conclusão do mencionado curso, deixando espaço para realização do aprofundamento das questões e ampliação de fontes, especialmente no sentido de compreender a cultura escolar do “colégio das freiras”, como também é conhecido em Lagarto.

Esta dissertação tem como objetivo conhecer, a partir dos pressupostos da Nova História Cultural, a história do Colégio Nossa Senhora da Piedade, da sua fundação ao ano de 1969, verificando aspectos do modelo educacional adotado e a forma como se apresentava a cultura escolar. Para tanto, busca situar o colégio no contexto político educacional de Sergipe; analisar aspectos da Cultura Escolar do Colégio Nossa Senhora da Piedade, desde sua fundação até o ano de 1969; e caracterizar o trabalho pedagógico de educação feminina desenvolvido no Colégio Nossa Senhora da Piedade.

Tendo em vista estes fins, a mesma insere-se na linha de pesquisa História da Educação, da área de concentração Sociedade e Pensamento Educacional do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS), e está vinculada às pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas em História

da Educação: Memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS)¹, que desenvolve pesquisas historiográficas relacionadas com memórias da educação, intelectuais e sujeitos da ação educativa e os saberes e práticas.

A pesquisa constitui-se numa investigação histórico-educacional, pautada nas técnicas da pesquisa documental e da metodologia da história oral. A pesquisa documental “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam *nenhum tratamento científico*, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVIERA, 2007, p. 69). Portanto, “Enquanto modo de conhecer a história, é conhecimento por vestígios [...] um trabalho a partir de objetos perdidos” (PROST, 2008, p. 66). Daí a necessidade do cuidado na escolha e no trato das fontes, a fim de garantir a coerência no olhar e no perceber os elementos que constituíram essa história.

Com relação à pesquisa documental, cabe destacar a busca pelas fontes, *a priori* realizada no Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade e no Arquivo da Casa Generalícia das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. Nesses locais foram coletadas informações contidas em relatórios, cadernetas, livros de atas, livros de tombo, livros de matrículas e fotografias, que, neste caso, foram usadas enquanto fonte, sendo exploradas e analisadas e não apenas utilizadas como ilustração, além de outros documentos relacionados com as atividades da Congregação e de instituições educacionais católicas existentes no período compreendido no recorte temporal desta pesquisa. Além destes, outros locais mediaram encontros com fontes e informações importantes, como se pode observar no quadro a seguir:

Quadro 01: Arquivos pesquisados

LOCAL DA PESQUISA	INFORMAÇÕES ENCONTRADAS
Arquivo da Cúria da Arquidiocese de Aracaju	Documentos ligados às instituições educacionais católicas de Sergipe
Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade	Documentos que tratam da chegada das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho em Lagarto
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	Jornais da época. Notícias a respeito de instituições educacionais católicas

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A história oral também foi utilizada, compreendida como “[...] uma prática de narrativas feita através do uso de meios eletrônicos e destinada a: recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente, e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY e HOLANDA, 2014, p. 18). Deste modo, os relatos orais foram de primordial importância, uma

¹ Líderes: Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição e Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

vez que possibilitaram observar “a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral” (MEIHY, 1996, p. 13). Por este motivo, tais relatos ganham expressividade e medeiam a compreensão da cultura escolar do “Piedade”, trazendo à tona memórias, lembranças e fatos, que, de outra forma, não encontrariam meios de se revelar. O quadro adiante apresenta a relação de entrevistas realizadas que, em conjunto com a documentação catalogada, contribuem para a compreensão da trajetória histórica e aspectos da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora da Piedade.

Quadro 02: Relação das narradoras/colaboradoras

ENTREVISTADO	NOME PELO QUAL FICOU CONHECIDA	RELAÇÃO COM A INSTITUIÇÃO
Altair de Souza Libório	Ir. Altair	Ex-aluna, ex-secretária e freira
Amazilde Ribeiro Viana	Ir. Anunciação	Ex-aluna interna e freira
Célia Mariana Santos de Oliveira	D. Célia Mariana	Ex-aluna
Eletice Oliveira Hora de Matos	D. Eletice	Ex-aluna e ex-professora
Elisa Eulália da Costa	D. Elisa	Ex-aluna
Josefa Amélia Siqueira Fonseca	Vina	Ex-aluna interna e ex-professora
Josefa Darticléa Souza Almeida	Professora Darticléa	Ex-aluna e ex-professora
Josefa Stela Carvalho da Silva	D. Stela	Ex-aluna
Josefa Viana de Almeida Nascimento	Nêga ou D. Viana	Ex-aluna interna e ex-professora
Maria Lina de Mesquita	D. Odelite	Ex-aluna
Maria da Piedade Hora	D. Piedade Hora	Ex-aluna

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Além das informações coletadas por ocasião das entrevistas, também foi possível ter acesso a acervos pessoais das ex-alunas, nos quais foram localizadas fontes, tais como: fotografias, exemplares do jornal “O estudante” (do qual falaremos mais adiante), discursos, letras de músicas usadas nas aulas de Canto Orfeônico, entre outros.

Cabe aqui enfatizar que os estudos na linha da História Cultural permitem um alargamento das fontes e uma compreensão do “outro” no tempo e no espaço, principalmente no aspecto das práticas escolares, uma vez que, por meio da história, podemos ver e entender que, em outros lugares, culturas e em outras épocas, a educação e a escola mudam, deixando claro que “[...] a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política e cultura popular”. (JULIA, 2001, p. 10). Nesse sentido, destaca-se nesta dissertação o conceito de cultura escolar, que, segundo Dominique Julia, enfatiza normas e práticas, apontando para a possibilidade dos distintos

significados nelas presentes, por levar em conta as questões próprias de cada período, os diversos agentes envolvidos e os diferentes lugares da ação, entre outros aspectos:

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p. 10-11).

Observando essa premissa, volta-se às fontes, ouvindo (através delas): quem fala, de onde fala, para quem fala e para que fala. Desta forma, é possível entender os significados, intenções e finalidades que geraram essa cultura escolar e compreender igualmente o processo de sua construção.

Nesse exercício, a materialidade também é expressiva por permitir “exagerar o silêncio dos arquivos”, apontando para elementos cotidianos, como cadernos escolares e registros de professores, enquanto meios eficazes para o historiador “[...] fazer flechas com qualquer madeira” (JULIA, 2001, p. 17). Aqui, ganham destaque os cadernos de anotações das ex-alunas, registros, relatórios e jornais escolares – entre outros elementos já mencionados do rol das fontes

Outros conceitos trabalhados nesta abordagem elegem o referencial de Roger Chartier. Assim, toma-se o conceito de representação, definido como “[...] instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”. (CHARTIER, 1990, p. 20), bem como de apropriação, entendendo que esse “[...] visa uma história social dos usos e das interpretações relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. (CHARTIER, 2002, p. 68)

É, portanto, a partir desses pressupostos e entendendo que na história “[...] a verdadeira lacuna é constituída pelas questões ainda sem respostas para os historiadores” (PROST, 2008, p. 80), que este estudo buscou, enquanto problema de pesquisa, responder à pergunta: Quais as características da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora da Piedade (1947 – 1969), tendo em vista a origem e as particularidades dessa instituição no cenário sergipano? Para isso, se deixa conduzir pelas seguintes questões norteadoras: Onde o colégio estava situado no contexto político educacional de Sergipe? Que práticas pedagógicas estiveram presentes no trabalho

pedagógico desenvolvido no Colégio Nossa Senhora da Piedade? E como se dava a vivência da Cultura Escolar do Colégio Nossa da Piedade, da sua fundação ao ano de 1969?

O marco temporal desta pesquisa compreende os anos de 1947 a 1964, cobrindo o período que se estende da fundação do Colégio Nossa Senhora da Piedade à administração da Irmã Ana Maria, ex-aluna, que se tornou freira e retornou à instituição assumindo o cargo de diretora. No recorte, foram diretoras do “Piedade”: Madre Maria Gabriela (1947 – 1952), Madre Maria Rafaela (1953 – 1957), Madre Maria das Neves (1958 – 1960) e a Irmã Ana Maria (1961 – 1964), esta já supracitada.

As pesquisas no campo da história da educação a respeito de instituições educacionais católicas têm ganhado expressividade em Sergipe, de modo que no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) encontra-se uma quantidade expressiva de pesquisas acerca de colégios católicos femininos fundados em Sergipe no século XX, conforme apresentado no quadro que segue.

Quadro 03: Dissertações sobre instituições educacionais católicas femininas em Sergipe

TÍTULO	AUTOR	UNIVERSIDADE	ANO
Fé, civilidade e ilustração: memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903–1973).	COSTA, Rosemeire Marcedo	Universidade Federal de Sergipe	2003
As Filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre educação católica (1915 – 1970).	MELO, Valéria Alves	Universidade Federal de Sergipe	2008
Por uma educação católica: um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Teresinha (1947 – 1968)	RODRIGUES, Simone Paixão	Universidade Federal de Sergipe	2008
Acolher, evangelizar e educar: contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914 – 1952).	BONIFÁCIO, Nadja Santos	Universidade Federal de Sergipe	2011
Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na escola da Imaculada Conceição (1922 – 1969). Dissertação (Mestrado em Educação)	SANTANA, Josineide Siqueira de	Universidade Federal de Sergipe	2011
Civilidade e formação de professoras: um mosaico do Ensino Normal Regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-SE, 1949 – 1955).	GRAÇA, Rogério Freire	Universidade Tiradentes	2012
“Para tornar o estudo um farol no colégio o lema tracemos” O Colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953)	SAMPAIO, Dilson Gonzaga	Universidade Tiradentes	2016

Fonte: Banco de teses e dissertações CAPES. Acessado em 27 de maio de 2017, às 22h30.

Tais dissertações dialogam com este trabalho na medida em que proporcionam a compreensão da cultura escolar presente nos colégios católicos, dando a entender o projeto doutrinal e moralizante imerso no cerne de cada uma dessas instituições, que enxergavam na missão educativa a oportunidade de oferecer às meninas sergipanas uma formação voltada para a família, a Igreja e a sociedade – preparando-as para o magistério, como era permitido naquela realidade, principalmente a partir do surgimento das Escolas Normais, que “[...] constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres”. (FREITAS, 1995, p. 17)

Destaca-se o trato com as memórias das ex-alunas que, em todas as abordagens, são utilizadas como importantes instrumentos por trazerem “a narração daquele que pode dizer “Eu vi, senti””. (LE GOFF, 1990, p. 9), oferecendo ao leitor a possibilidade de também “ver e sentir”, sob essas lentes, a emoção e a essência por trás da história narrada.

Assim, o resultado deste trabalho está organizado em três seções: a primeira, intitulada “Em busca de hegemonia: a presença da Igreja Católica na educação sergipana”, contextualiza o projeto romanizador católico que inclui em seu programa a educação. Para tanto, são apresentados os colégios femininos existentes em Sergipe, desde a chegada do primeiro colégio católico até o ano de 1947; o surgimento da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho; e, por fim, a fundação do Colégio Nossa Senhora da Piedade, em Lagarto, e seus primeiros anos de funcionamento.

A segunda seção, “Entre os sagrados saberes e os saberes sagrados”, adentra na análise dos aspectos da cultura escolar, trazendo à tona relações e representações das ex-alunas sobre os agentes da ação educativa. Também é abordada a questão do espaço físico, dando ênfase às mudanças e transformações, bem como do currículo enquanto instrumento formador na instituição.

A última seção, cujo título é “A arte de educar a vontade”, versa sobre práticas cotidianas como oração, lazer e castigos, trazendo ainda a produção do jornal “O estudante”, organizado pelas próprias alunas.

É, portanto, uma oportunidade de caminhar nos corredores da história do Colégio Nossa Senhora da Piedade, entendendo a forma como a cultura escolar daquela instituição se configurou, os valores que incutiu e as práticas de conhecimento e condutas que desenvolveu.

2. EM BUSCA DA HEGEMONIA: PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA NA EDUCAÇÃO SERGIPANA

O desejo de construir uma nação moderna apontava para a educação como elemento civilizador essencial dentro das perspectivas do regime republicano. A forte influência do liberalismo no governo fortalecia os desafios provocados pelo fim do padroado e a ruptura entre a Igreja e o Estado, conforme determinava o Decreto nº 119-A de 1890. O catolicismo já não era a religião oficial do Brasil, uma vez que a proclamação da República havia estabelecido o estado laico.

Claudefranklin Monteiro Santos, na introdução do seu livro “Contradições da Romanização da Igreja no Brasil: A festa de São Benedito em Lagarto (1771 – 1928)”, lançando um olhar sobre a relação Igreja e Estado, destaca três momentos que interessam a Sergipe:

1º tempo – o movimento ultramontano como tentativa da reafirmação de Trento (primeira metade do século XIX); 2º tempo – crise da Igreja com Estado, provocando a necessidade do reforço das ações ultramontanas ou realocação do espaço político e mesmo de poder com a implantação da República (segunda metade do século XIX); 3º tempo – expansão das dioceses e reafirmação da Igreja por meio dos efeitos romanizadores do século passado e pela educação (primeira metade do século XX) (SANTOS, 2016, p.39).

Para a compreensão do contexto abordado nesta pesquisa, interessa o que o autor denomina de “3º tempo”. Nessa fase indicada por ele, havia por parte da Igreja Católica a intenção de organizar em torno de Roma a vida eclesial no Brasil que, em função do padroado, caminhava por veredas próprias, por vezes mais políticas que religiosa, num período “[...] marcado por indivíduos que andavam quase todos longe de Roma, mais ciosos das autoridades civis que dos ensinamentos da Igreja e convicção de suas doutrinas” (ANDRADE, 2010, p. 20).

O fim do padroado, sobretudo, representou a oportunidade para a Igreja Católica romanizar-se, uma vez que é “[...] com a proclamação da República e a separação legal da Igreja e do Estado que o processo de reconstituição institucional tem lugar. Um dos elementos fundamentais dessa reforma é o processo de ‘clericalização’ do catolicismo brasileiro” (NUNES, 2007, p. 491). A centralidade da ação religiosa voltou-se para a execução dos sacramentos, como orientou o Concílio de Trento, enaltecendo a pessoa do padre, figura essencial dessas ações, enquanto ministro ordenado para tal. Todavia, sem o apoio do Estado, foram necessários novos esforços a fim de garantir a manutenção da fé católica, combatendo igualmente outros riscos vindos do avanço do protestantismo, espiritismo e maçonaria.

Nessa perspectiva, a Igreja Católica iniciou um novo e audacioso processo que incluía a expansão da ação da Igreja pela criação de novas dioceses, além da fundação de congregações religiosas, objetivando “[...] recristianizar a nação através dos ensinamentos da Igreja e assegurar o poder eclesiástico”. (RODRIGUES, 2008, p. 25). Nas terras sergipanas, esse processo deu-se claramente, *a priori*, em 1910, quando a Diocese de Aracaju foi criada pela Bula *Divina disponente clementia* do papa Pio X, desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Assim, organizadas em grupo mais conciso, as dioceses ofereciam a seus pastores, neste caso aos bispos, melhores condições de acompanhar o trabalho dos padres e o desenvolvimento das paróquias. Na Diocese de Aracaju, seu primeiro bispo, Dom José Tomaz Gomes da Silva², não tardou em iniciar seu trabalho, buscando a reconquista de espaços para a Igreja.

Visitas pastorais e criação de paróquias também foram atitudes importantes no tocante à ampliação dos domínios da Igreja, sem contar com a relação desenvolvida por Dom José, com os governantes do Estado e com os representantes da elite econômica e intelectual local. O Bispo agiu como um estrategista, inseminando os preceitos da igreja em toda a sua circunscrição. (BARRETO, 2004, p. 144)

A administração diocesana de Dom José Tomaz foi marcada pelo auxílio material e espiritual dado aos estabelecimentos escolares e assistenciais, pela obtenção de patrimônio para a Diocese, “[...] porém, o que mais marcou o bispado de Dom José foi a criação do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Foi através dele que o Bispo, efetivamente, cumpriu com a missão de ampliação dos domínios da Igreja e de reforma do clero”. (BARRETO, 2004, p. 146). Além do Seminário, que se destacou na formação do clero, Dom José igualmente empenhou-se em trazer para sua diocese congregações religiosas masculinas e femininas, a fim de fundar colégios e disseminar a educação católica, inserindo-se também no projeto educacional e modernizador proposto na época. Assim, tomando por estratégia a atuação no campo educativo, a Igreja católica em Sergipe pôs-se em guerra contra o analfabetismo, combatendo ao mesmo

² “Dom José Tomaz Gomes da Silva nasceu na cidade de Martins, Estado do Rio Grande do Norte, ao 04 de agosto de 1873, sendo filho legítimo de Dr. Tomaz Gomes e D. Ana Constança da Silva. Fez seus cursos secundário e filosófico no Seminário de Olinda, ordenando-se sacerdote a 19 de novembro de 1896. Sua ação sacerdotal desenvolveu-se no Estado da Paraíba, em cuja capital logo se impôs pelos seus dotes intelectuais, sua capacidade de ação e de trabalho. Poucos anos depois o seu grande e saudoso bispo, D. Adalto, o nomeia visitador diocesano. Cresce seu campo de atividades que agora compreende os Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, cujos territórios ele percorre de lado a lado, em viagens penosas e difíceis, quase todas feitas a cavalo. Quinze anos de vida sacerdotal e a Santa Sé vai surpreendê-lo em plena luta, chamando-o para trabalhos mais árduos e mais vastos”. (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949, p. 139 frente e verso)

tempo o avanço do protestantismo e do paganismo, num misto de missão educativa e catequética, representada na perspectiva de libertar mentes da ignorância e almas do inferno.

2.1 – UMA EDUCAÇÃO REVESTIDA DE HÁBITO: INSTITUIÇÕES CATÓLICAS EM SERGIPE

Incensados pela “santidade da Igreja”, os hábitos religiosos resguardavam as mestras que, vindas de diferentes partes do mundo, assumiam a missão de educar a mocidade sergipana, uma vez que “Foi por reconhecer a crescente influência que a escola tendia a exercer na formação cultural das novas gerações que a igreja pretendeu não deixar que ela lhe escapasse o controle”. (CRUZ E FRANÇA, 2011, p. 68). Assim, na primeira metade do século XX, surgiram, atendendo aos apelos do Bispo diocesano, os primeiros colégios e conventos em Sergipe:

No âmbito pedagógico, os católicos criaram uma vasta rede de escolas no início do século XX, que se pode entender como uma das estratégias para deter a expansão do movimento evangélico. De outro modo, não se explicaria o surgimento de várias instituições escolares católicas em Sergipe durante a primeira metade dos anos de 1900, como o Colégio de Santa Terezinha, em Boquim; o Educandário Nossa Senhora da Piedade, em Lagarto; o Colégio da Imaculada Conceição, em Capela; o Colégio Sagrado Coração, em Estância; e, o Colégio Nossa Senhora das Graças, em Propriá, entre outros. (COSTA, 2003, p. 15)

O Livro de Tombo 1 da Arquidiocese de Aracaju, no entanto, ao citar a fundação de tais instituições, revela atenção especial à importância da chegada das freiras, vindas para a administração desses colégios, como se pode observar na “síntese histórica” do Ginásio Nossa Senhora de Lourdes:

O século 20 apenas começava, quando, a 11 de fevereiro de 1903, viu dirigirem-se à Rua Pacatuba, Irmã Saint Theofane, superiora, Irmã Maria Costelli, Irmã Sainte Adelaide, Irmã Marie Clemencia, Irmã Sainte Lucie e Irmã Joana.

O então Vigário Geral, Mons. Raimundo de Melo, havia pedido às religiosas para fundar um colégio [...] em Feira de Santana, num santo zelo pela educação da mocidade sergipana (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949, p. 116).

Nesse sentido, cabe lembrar que a vinda de cada Congregação religiosa trazia consigo as marcas próprias de seu carisma fundacional³ envolvido do espírito evangelizador, característico à vida consagrada⁴. Daí, na continuidade da narração referente ao “Lourdes”:

Religiosas genuinamente imbuídas do Espírito do Fundador da Congregação do SS. Sacramento, continuaram, uma após a outra, alicerçando, com a solidez de suas virtudes e com a firmeza de sua sábia direção, o terreno sobre o qual repousariam mais tarde o majestoso edifício e a história gloriosa deste educandário. (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949, p. 117)

Dada a importância do testemunho de religiosas para a Igreja, vale destacar que na administração de Dom José Tomaz Gomes registram-se, no livro de Tombo 1 da Arquidiocese de Aracaju, a presença e atuação das seguintes congregações/ordens⁵ religiosas:

Quadro 04: Relação de Ordens e Congregações religiosas no governo diocesano de Dom José Tomaz Gomes

ORDENS E CONGREGAÇÕES MASCULINAS		
ORDENS E CONGREGAÇÕES	INSTITUIÇÃO	LOCAL
Ordem dos Frades Menores (OFM)	Convento da Santa Cruz	Paróquia de São Cristóvão
	Convento de Santo Antonio ⁶	Paróquia de Santo Antonio de Aracaju
Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM Cap.)	Convento de Ribeirópolis	Paróquia de Ribeirópolis
Congregação Salesiana	Ginásio Maria Auxiliadora	Aracaju
CONGREGAÇÕES FEMININAS		
CONGREGAÇÕES	INSTITUIÇÃO	LOCAL
Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas	Ginásio Patrocínio São José	Aracaju
	Ginásio N. S. das Graças	Propriá

³ Por Carisma fundacional entenda-se a missão específica de cada Instituto ou Congregação Religiosa, pensada por seu fundador e atualizada conforme as necessidades da Igreja Católica, como se expressa na Exortação Apostólica Pós-sinodal, *VITA CONSECRATA*, do Santo Padre João Paulo II, 1996, no número 36: “traços específicos dos vários modelos de vida, precisamente pelo facto de predominar naquele «um profundo ardor do espírito de se configurar com Cristo, para testemunhar algum aspecto do seu mistério», aspecto esse que se há de encarnar e desenvolver na mais genuína tradição do Instituto, segundo as Regras, as Constituições e os Estatutos”. (JOÃO PAULO II, 1996)

⁴ “Com a expressão Vida Religiosa Consagrada nos referimos a certos cristãos – homens e mulheres – que vivem uma forma especial de seguimento a Jesus Cristo. Vivem em comunidade. Cultivam a oração. Meditam a Palavra de Deus. E participam na missão evangelizadora da Igreja, com especial atenção aos que foram os preferidos de Jesus; pobres, enfermos, pequenos... Os que abraçam essa forma de vida, não casam, vivem pobremente, e obedecem à regra e constituições próprias do Instituto a que pertencem”. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?p=4795>. Acessado dia 23 de maio de 2017.

⁵ Pensando em termos estritamente canônicos, não existe mais diferença entre ordem e congregação. O Código de 1983 fala apenas em institutos de vida religiosa, sem diferenciá-los em duas categorias distintas como faziam o de 1917 e a tradição jurídico-eclesiástica anterior. Disponível em: <http://www.veritatis.com.br/diferenca-entre-ordem-e-congregacao-religiosa/>. Acessado dia 29 de março de 2017.

⁶ Os Padres Franciscanos regiam, ainda, as paróquias de Salgado e Cotinguiba. (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949, p. 167 verso)

	Instituto Sagrado Coração de Jesus	Estância
	Hospital São Vicente de Paula	Propriá
	Hospital São Vicente de Paula	Estância
Missionárias da Imaculada Conceição	Hospital Cirurgia	Aracaju
	Ginásio da Imaculada Conceição	Capela
	Orfanato de São Cristóvão	São Cristóvão
	Casa do Noviciado	São Cristóvão
Irmãs Sacramentinas	Ginásio Nossa Senhora de Lourdes	Aracaju
	Hospital de Santa Isabel	Aracaju
Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho	Educandário Nossa Senhora da Piedade	Lagarto
Irmãs de Santa Teresinha	Colégio Santa Terezinha	Boquim

Fonte: ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949.

Como se observa no quadro anterior, das ordens/congregações masculinas, apenas a Congregação Salesiana atuou na Diocese no campo da educação. Quanto às femininas, as quatro congregações apresentadas fundaram colégios, sendo que três delas também atuaram no campo da assistência médica e de outras ações. Todas, no entanto, estavam ligadas ao projeto romanizador da Igreja Católica, que precisava se reinventar e garantir sua estabilidade social, após a separação com o Estado, no plano jurídico. Como em todo o Brasil, a presença de congregações religiosas nas diversas áreas e, especialmente, na educação destacou-se entre as estratégias do Catolicismo para manter-se vivo e forte no país.

Tendo como referência o período da administração de Dom José Tomaz, das congregações indicadas no quadro anterior, apenas a chegada das Irmãs Sacramentinas foi anterior ao seu governo. Todas as demais são frutos do trabalho desse bispo. Observa-se também que, dentre todas as congregações femininas citadas, apenas duas não eram de origem estrangeira: as Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, cuja fundação deu-se na cidade pernambucana de Bom Conselho, e a de Santa Terezinha, genuinamente sergipana, fundada na cidade de Boquim.

É possível encontrar registros sobre algumas dessas instituições em impressos católicos da época, a exemplo do jornal *A Cruzada*⁷, que em muito colaborou com a difusão dos ideais cristãos presentes no trabalho oferecido pelas escolas católicas, uma vez que

⁷ Conforme o discurso da Igreja, esse jornal estaria completamente voltado para a defesa dos interesses da religião, da pátria e também, de maneira mais específica, do Estado de Sergipe.

O periódico circulou em três fases: a primeira foi de 1918 até 1925. Em 1935, D. José Thomaz nomeou o “Conselho de Imprensa da Diocese” e a “Cruzada” voltou a circular de 1935-1943. Depois, retomou a circulação na década de 1950, e continuou até meados da década de 1960. (FREITAS e DANTAS, 2008, p. 149)

[...] estes impressos católicos fizeram e fazem parte da estratégia local que visa concretizar o projeto amplo da Igreja Católica de difusão e propagação dos valores morais e da fé cristã através dos impressos. Contudo não se pode negar que são veículos condutores de discursos educacionais. (FREITAS e DANTAS, 2008, p. 157)

Das 131 edições analisadas entre os anos de 1947 e 1949 do mencionado jornal, foi possível encontrar 24 propagandas do Ginásio Nossa Senhora das Graças; 26 do Ginásio Patrocínio de São José – ambos pertencentes às Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas; 2 do Colégio Nossa Senhora de Lourdes; além de outras notas, tais como: visitas do Bispos aos Ginásios, festas de Santos (ou Santas) padroeiros das instituições, notícias de campeonatos, retiros, turmas concluintes, informações sobre condições de aceitação de novos alunos, regimento escolar, enxoval necessário para alunos/as, reconhecimento da instituição e estatuto, entre outras.

Nessas notas de jornais, as ações educacionais da Igreja Católica, especialmente dos colégios, eram apresentadas com grande destaque e vinculadas à proposta do trabalho oferecido pelas religiosas consagradas: mediar, nas perspectivas moral e religiosa, um ensino capaz de formar nas meninas sergipanas “[...] um caráter irrepreensível” (JORNAL A CRUZADA, 1949, p. 02). Sobre estes aspectos é exemplo a propaganda do Ginásio Patrocínio de São José que oferece – além do Curso Ginásial, de Admissão, Primário e Pré-primário – aulas de Religião, Educação Moral e Cívica, pintura, desenho, trabalhos manuais e costura, destacando que:

Educar um menino, diz uma criteriosa sentença, é educar um homem, mas educar uma menina é educar uma família. A mulher de hoje não basta uma instrução superficial; o seu papel na sociedade é grande e por isso urge habilitá-la para o seu desempenho [...] Todavia, mas do que tudo convém formar-lhe o coração, mediante o ensino prático da moral e da religião. Será isto que levantará o nível da mulher cristã, futura mãe e educadora do lar doméstico. Esta formação está confiada as religiosas que não pouparam nenhum sacrifício à sua realização (JORNAL A CRUZADA, 1949, p. 02).

Como era comum ao período, são postas também nos jornais as exigências para aceitação de alunas na instituição, que abrangiam detalhes de ordem higienista, financeira e comportamental, demonstrando a que público se destinava aquele estabelecimento escolar: moças saudáveis, inteligentes, comportadas e originárias de famílias que poderiam arcar com os custos. O destaque para a representação que se fazia da educação feminina ideal aparece claramente no texto jornalístico acima, evidenciando também a forma como a sociedade se

Para mais informações sobre “A Cruzada”, consultar: SOUZA, Valéria Carmelita Santana. “**A Cruzada**” Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação – Mestrado em Educação).

apropriava das ideias referentes ao papel a ser desempenhado pela mulher: ser mulher cristã, mãe e esposa dedicada ao lar.

Outro aspecto revelado nos anúncios de jornais e que traduzem o interior dessas instituições são as listas de enxovais para as alunas internas:

Quadro 05: Lista de enxoval para alunas internas

QUANTIDADE	ITEM EXIGIDO
8	Camisas de dia
4	Combinações
12	Calças
8	Pares de meias de cor bege escuro sendo 2 de seda fio de Escocia
2	Pares de meias esporte branca
1	Par de sapato esporte
2	Robes
4	Toalhas de rosto
6	Guardanapos
2	Pares de sapatos pretos
1	Par de sapato branco
4	Fronhas
2	Véus de filó branco
2	Toalhas para banho
1	Uniforme de ginástica (segundo o modelo do Ginásio)
6	Saias azuis, sendo 2 de seda ou crepe
9	Blusas brancas, sendo 2 de seda conforme o modelo
1	Par de luvas brancas
1	Chapéu segundo o modelo
2	Gravatas azuis segundo o modelo
12	Lenços
2	Sacos para roupa servida
2	Copos de metal
1	Talher completo louça completa para uso próprio
1	Copo para dentes
2	Pentes (grosso e fino)
Não especificada	Escova de dentes, de roupa e de sapatos
Não especificada	Tesoura, dedal, agulhas, alfinetes.
Não especificada	Presilhas, linha branca
Não especificada	Sabão, selos, papel de carta, saboneteira etc
1	Caixãozinho de madeira
Não especificada	Colchão e travesseiro

Fonte: JORNAL A CRUZADA, 1949, p. 02.

A exemplo dessa lista de enxoval percebe-se que o nível financeiro das alunas precisava ser no mínimo compatível com a aquisição dos itens exigidos. As quantidades e qualidades (tipos de tecido como seda e crepe) solicitadas reforçavam o nível econômico necessário. A questão higienista também pode ser observada tendo em vista elementos como os pentes (grosso e fino), sendo o fino para tratar e/ou evitar problemas como piolho. Nesta perspectiva, tais listas também revelam importantes elementos da cultura escolar, tanto no tocante ao cultivo dos

cuidados pessoais, quanto na introdução dessas jovens nas práticas católicas, como se pode observar pela presença do véu de filó branco entre os itens da lista, o que aponta para a participação dessas jovens em missas, em que era costume usar esse item.

No livro *Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840 – 1950)*, o professor Joaquim Tavares da Conceição aborda esses aspectos na perspectiva do internato oitocentista, destacando que:

Os internatos que costumeiramente recebiam os filhos das famílias ricas, especialmente “meninas patricias”, tendiam a exigir um completo e sofisticado enxoval, com uma relação de itens ligados ao uso dessas famílias. A exigência ou necessidade de um enxoval provavelmente também funcionou, como as mensalidades ou pensões, como uma barreira ao acesso de famílias de estratos médios da população aos internatos tradicionalmente ligados à educação de filhos de ricas e poderosas famílias do Império (CONCEIÇÃO, 2017, p. 262).

Todavia, o mesmo autor ainda acrescenta que “Independente do padrão social do estabelecimento ou dos pensionistas atendidos por esse, a entrega do enxoval sempre era uma exigência dos internatos [...]” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 262). Tais listas podiam ser encontradas em jornais e almanaques e eram fortes indicativos do tipo de público a que se destinava o serviço educativo.

Para educar as moças da capital sergipana, despontou como pioneiro, entre as instituições educacionais católicas femininas, o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, pelos idos de 1903, com funcionamento até o ano de 1974. O diferencial dos colégios de freiras era que eles “ofereciam educação escolar e transmitiam doutrina católica, afastando a população de ameaças como, por exemplo, a protestante” (COSTA, 2003, p. 15), numa proposta de educação que estava totalmente envolvida com a missão evangelizadora e doutrinária difundida pelo catolicismo da época.

A instituição esteve sob os auspícios das Irmãs Sacramentinas, congregação francesa, fundada em 1715 pelo Padre Pierre Vigne em Boucieu-le-Roy, que tem por carisma promover o culto a Jesus Eucarístico no exercício da caridade, silêncio e oração. O Colégio Nossa Senhora de Lourdes iniciou seus trabalhos na residência cedida pela Sra. Adelaide Maynard Ferreira, ofertando o curso primário até transferir-se para a Rua São Cristóvão em 25 de dezembro de 1924. Obteve a equiparação à Escola Normal em 22 de junho de 1931, e em 1935, realizou a formatura das primeiras professoras, segundo o jornal católico “O jornal do Congresso” (A CRUZADA, 1946). Outras melhorias ocorreram, como a construção de um novo pavilhão em 1936; a solicitação da equiparação ao Colégio Pedro II em 1939; o início do Curso Ginasial em

1838; a construção do terceiro pavilhão em 1940; a concessão (pelo Presidente Getúlio Vargas) da equiparação permanente em 1943; e em 1946, obteve a equiparação ao Curso Pedagógico com a extinção do antigo Curso Normal.

Por sua vez, foi precisamente em 9 de fevereiro de 1929 que chegaram as seis primeiras Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, cujo objetivo foi levar adiante a inspiração dos fundadores da Congregação, Dom Amando Bahlmann e Madre Imaculada de Jesus, os quais, no ano de 1910, em Santarém, Pará, Brasil, desejaram servir ao povo da Amazônia, através da educação da juventude e crianças órfãs⁸. Assim, em 2 de março desse mesmo ano, segundo o Livro de Tombo 1 da Arquidiocese de Aracaju (p. 171), foi inaugurado o Ginásio da Imaculada Conceição, *a priori*, apenas o curso primário. O prédio para funcionamento desse colégio era uma casa de família com sítio anexo que, embora confortáveis, não ofereciam “o necessário equipamento escolar” (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949). A partir de 1931, o decreto de louvor nº 86, de 29 de junho de 1937, do Poder Executivo do Estado de Sergipe, equiparou o “Colégio Imaculada Conceição” à Escola Normal Rui Barbosa, para todos os efeitos, de acordo com a Lei nº 30, de 27 de dezembro de 1935.

De acordo com o Livro de Tombo 1 da Arquidiocese de Aracaju (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949, p. 171), sua nova construção foi inaugurada em 1942, e em 18 de dezembro de 1944, mediante Portaria Ministerial Nº 0051, recebeu o reconhecimento preliminar ao 1º Ciclo. Aos 31 de outubro de 1950, por Decreto do Poder Executivo do Estado, Nº 240, atingiu a equiparação ao curso de Formação de Professores. E, por fim, mediante Portaria Ministerial Nº 305, de 4 de abril de 1952, foi definitivamente reconhecido como “Ginásio” Imaculada Conceição, tendo adquirido personalidade jurídica em 22 de setembro de 1941, sob o Nº 144.

Sobre a Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras, instituição católica fundada em Portugal no ano de 1871, pode-se afirmar que esta encontrou no Estado de Sergipe condições para a efetivação de sua ação educacional por meio da fundação de instituições educacionais. A primeira delas foi o Colégio Nossa Senhora das Graças, em Propriá.

O Colégio das Freiras de Propriá era tido como o melhor colégio da região, onde se tinha o melhor ensino, além do rigor, pois os pais buscavam para as suas filhas um ensino que oferecesse continuidade à educação recebida em casa, um ensino que pregasse a obediência, os bons costumes, os dotes domésticos e a educação religiosa católica. Não era somente pelos ensinamentos científicos que os pais procuravam a instituição para matricular suas filhas, mas, sobretudo, pela segurança que ela representava para as famílias e as “moças de família” (MELO, 2007, p. 19).

⁸ <http://provinciasmicbelem.blogspot.com.br/p/congregacao.html>. Acessado em 05 de março de 2017.

Estava, portanto, imerso no projeto civilizador do Estado e doutrinador da Igreja Católica, oferecendo ao público feminino o que lhe era peculiar: instrução necessária para ser boa mãe, esposa, cristã e, no ápice do que permitia o contexto social às moças da elite, formação para exercer a função de professora, demonstrando a forma como essa educação confessional se apropriava da representação referente à formação adequada para as “moças de família”. É importante considerar, neste prisma, que havia dois projetos de educação diferenciados: um do Estado e outro da Igreja. Estes não necessariamente concorriam ou tinham intenção de caminhar juntos, embora em alguns momentos se encontrassem.

Em 1º de setembro de 1916, todavia, buscando a coerência com a missão da congregação que impelia à opção preferencial pelos pobres, as irmãs fundaram, vinculada ao Colégio Nossa Senhora das Graças, a escola Santo Antônio, totalmente gratuita, a fim de atender às crianças “menos favorecidas da região”. Anos mais tarde, atendendo ao apelo do Monsenhor Raimundo de Mello, o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi solenemente inaugurado em 1º de março de 1939, segundo o Livro de Tombo I (1949) da Arquidiocese de Aracaju, como “uma dádiva generosa de Exmo. Sr. Arcebispo de Stobio, D. Manuel Raimundo, que o ofertou à Diocese, há alguns anos. O Sr. Bispo Diocesano, num momento feliz, achou por bem destiná-lo a um colégio feminino, sonho antigo do nobre povo estanciano” (ARQUIDIOCE DE ARACAJU, 1949, p. 65). Igualmente ao primeiro, também este destinava-se à educação feminina da elite, despertando outra vez nas irmãs a necessidade de fundar uma “escola para as pobrezinhas em honra de São José” (REIS, 2015, p. 95). Assim, em 7 de abril de 1940, por inspiração da Madre Rose de São Francisco e Irmã Cândida de Maria Imaculada, as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras fundaram na cidade de Aracaju o Colégio Patrocínio de São José, expandindo ainda mais os limites da ação educativa da congregação em Sergipe.

Finalmente, por iniciativa do Padre Gumercindo, foram fundados a Congregação das Irmãs de Santa Terezinha e o Colégio Santa Terezinha, cidade de Boquim, “objetivando educar a juventude dentro dos preceitos do catolicismo” (RODRIGUES, 2008, p. 57). O Ginásio Santa Terezinha foi inaugurado no dia 31 de janeiro de 1947, sendo o registro de sua fundação do dia 12 de março de 1947.

Foi nesse contexto de expansão de instituições educacionais católicas, na primeira metade do século XX, que a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho inaugurou também sua ação educativa em Sergipe.

2.2 – GÊNESE DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO

A Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho foi fundada por frei Caetano de Messina (1807-1878), frade capuchinho italiano que chegou ao Brasil ainda na primeira metade do século XIX, com o propósito de iniciar um trabalho missionário. Em 1841, o frei iniciou suas atividades religiosas no Nordeste brasileiro, por meio de obras diversas, entre elas a fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, na antiga cidade de Papacaça, hoje Bom Conselho, estado de Pernambuco. Nessa pequena povoação, em 1853, o frei Caetano fundou o colégio-convento sob os cuidados de irmãs franciscanas.

Remontando sua história, em 15 de agosto de 1807 nasceu, filho de Caetano Lentine e Maria Panti Lentine, o Frei Caetano de Messina – de batismo Santi –, na Vila Castanea, pertencente à região de Messina, na Itália. Em uma apresentação resumida, Rezende e Motta (1929) o descrevem como “Varão distinto, todo compenetrado das belezas da fê e dominado desse fogo, que só a caridade pode acender no coração de um homem”. (REZENDE e MOTTA, 1929, p. 279). Um terremoto devastador ocorrido na região de Messina impossibilitou o aprofundamento de dados sobre a infância e adolescência de Santi, visto que todos os arquivos da região foram destruídos em virtude dessa catástrofe natural (MELO, 2003). Sabe-se, entretanto, que na Festa da Purificação, em 2 de fevereiro de 1836, “fez sua primeira profissão e um ano mais tarde recebeu, das mãos do guardião, Frei Giambatista, o burel da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos” (MELO, 2003. p. 142); e que em 1837 trabalhou junto às vítimas do *cólera-morbo* em Catânia, atuando ainda, em 1840, como professor de Teologia e Filosofia.

Frei Caetano era um homem de traços marcantes, sério, compenetrado e pensativo. O hábito de franciscano menor capuchinho (marcado pela presença do capuz) e o crucifixo relacionam suas características com a causa do evangelho e com as missões populares, reforçando assim o impacto que sua presença causava.

Figura 01: Frei Caetano de Messina



Fonte: REZENDE e MOTTA, 1929, p. 281

Sobre sua vinda para o Brasil, foi precisamente em 11 de setembro de 1841, no Porto da cidade de Recife/ PE, que chegou a essa terra o “missionário gigante”, como fora chamado, numa comitiva que trazia, despachado de Roma, conforme o Decreto da *Propaganda Fide* de 20 de junho de 1841, além dos frades: Frei Plácido de Messina, Prefeito; Frei Caetano de Gratiere e Frei Serafim de Catânia. Sobre tais missões, destacou-se:

[...] dimensão especialmente particular à organização dos frades da Ordem Menor do cenário do Segundo Reinado. Primeiramente pelo caráter oficial que a missão capuchinha assume no período – notadamente por meio dos acordos firmados entre o Governo Imperial, o Vaticano e a *Propaganda Fide* – e , em segundo lugar, a partir da reflexão que esses missionários produziram sobre o espaço e os povos dos sertões [...] (SANTOS, 2008, p. 18)

Entende-se que nesse período as contribuições dos frades foram marcantes tanto para a Igreja quanto para o Estado, que ao longo das viagens missionárias difundiram a fé, enquanto acalmavam situações conflituosas e higienistas – pela construção de cemitérios, hospitais e escolas, entre outros. No tocante à relação com o Estado:

Até o final do Império os capuchinhos italianos tiveram imensa colaboração com o governo brasileiro, especialmente o Frei José Plácido de Messina, ao liderar as missões de 1941, na pacificação da revolta dos Cabanos em Alagoas; o Frei Caetano de Messina continuaria o trabalho de José Plácido, ao atuar na Revolução Praieira (1848-1850) e no Ronco das Abelhas (1851-1853), ambos em Pernambuco. (SAMPAIO E MADEIRA, 2008, p. 75)

Por serem estrangeiros e não estarem envolvidos nas disputas políticas locais, os frades capuchinhos ganharam significativa importância diante dos interesses do Estado, haja vista serem considerados pacificadores dos tumultos políticos existentes na época, de modo que:

A partir da década de 1840, os missionários capuchinhos foram requisitados da Itália para o Brasil, por um chamado explícito do Governo Imperial, com despesas pagas pelos cofres públicos, recursos originários da concessão de loterias para aquisição ou edificação de prédios que lhes serviriam de abrigo (SAMPAIO E MADEIRA, 2008, p. 76).

Além de apaziguarem os conflitos, o trabalho dos missionários também beneficiava o Estado por mobilizar o povo na construção de “obras para uso, como casas de recolhimento para crianças pobres ou mulheres desamparadas, cemitérios, igrejas, açudes, estradas, cacimbas, pontes, arquedutos etc” (SAMPAIO E MADEIRA, 2008, p. 76). Tais obras eram, em tese, responsabilidades do Estado, porém eram realizadas pelo povo, sob a orientação dos missionários, através de doações e trabalho de mutirão.

Do Frei Caetano, no exercício de ações como essas, podem ser destacados a passagem e o trabalho, especialmente nos Estados de Pernambuco e Rio de Janeiro⁹, em cujas terras foram realizadas muitas obras, sendo que “Todas surgiram da necessidade do povo” (MELO, 2003, p. 78) e dada expansão de sua ação missionária em tão curto espaço de tempo, foi denominado veloz como o vento e incansável como o amor (MELO E TENÓRIO, 2014).

Nesse misto de relação com o Estado e com a Igreja, no exercício da missão, o Frei Caetano “pregava a exaltação à união das famílias, reconstruía igrejas no intuito de renovar a fé e a consciência das coisas sagradas, construía açudes, colégios, orfanatos, e santa casa, demonstrando na prática que a igreja se preocupa com o homem todo, com o seu progresso” (PALAZZOLO, 1966, p.175). Atuava também junto aos enfermos, visto que “Nas calamidades públicas era anjo consolador. Nos frequentes surtos epidêmicos de febre amarela, de cólera e de varíola, acorria pessoalmente dirigindo aos seus confrades para assistir aos enfermos, instalar postos de isolamento e providenciar sustento aos indigentes” (PALAZZOLO, 1966, p.175). Nos lugares por onde passava, onde faltava a ação do Estado, ali se fundamentava a ação de Caetano, motivando o povo, com recursos próprios e com trabalho realizado em mutirão, a solucionar os problemas que atingiam questões básicas e essenciais para o bem-estar local. Não obstante a relevância de suas obras, interessa a esta dissertação o resultado de missão realizada em Bom Conselho, antiga Papacaça:

⁹ Sobre as missões realizadas pelo Frei Caetano, ver Quadro 07, no Anexo 01.

A povoação de Papacaça, actualmente Bom Conselho, foi um dos lugares em que Frei Caetano mais empenhou o seu zelo apostólico.

Encontrando ali grande depravação nos costumes, e compreendendo que o melhor meio de se moralizar um povo é começar pela educação da infância, fundou um collegio para orphans desvalidas, ao mesmo tempo que recomendava aos pais a boa educação dos filhos. A esse collegio deu taes proporções que poderia abrigar commodamente cerca de quatrocentas alumnas. (REZENDE e MOTTA, 1929, p. 283)

Ao fundar o colégio e juntamente com ele a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, a pretensão de frei Caetano de Messina era que a congregação desenvolvesse uma ação missionária e educacional (MELO, 2004) e contribuísse para “[...] imprimir um perfil de conduta na população sertaneja, ordenada pela moral cristã-católica, na tentativa de apaziguar conflitos, disseminar valores dessa tradição e contribuir na consolidação do Estado imperial” (SAMPAIO; MADEIRA, 2008, p. 76). Esta interpretação pode ser vislumbrada no registro da fundação constante do livro de tombo da congregação (1853-1951):

[...] no dia 12 de fevereiro subiu no púlpito ardendo em zelo e chamando: povo, povo de Papacaça, queres tu dar fim a mancebia? Queres tu povo, deixar a prostituição, queres dar nova vida a Papacaça, as tuas filhas enchê-las de honestidade? [...] Povo, povo (dizia ele com voz cheia de zelo) quereis tu que levante uma torre fortíssima contra a impureza? O povo unísono exclamou: queremos. Então o Revmo. Frei Caetano disse-lhes: Então você povo por alguns dias me emprestareis vossos braços, vossas vontades, vosso dinheiro. O povo respondeu: tudo o quanto temos, e a nossa vida está a vossa disposição. (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1853, p. 1)

Tal relato representa a fundação do colégio-convento e da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, por meio de quatro jovens que se tornaram freiras e deram continuidade à obra do frade capuchinho. Foram elas: irmã Tereza de Jesus Vilela Teixeira, irmã Natália Gomes Brasileiro, irmã Isabel Gomes Brasileiro e irmã Maria de Jesus Camello. Ao inaugurar o colégio-convento, colocado sob os cuidados da recém-criada congregação, o frade franciscano tinha claro o desejo de imprimir uma educação feminina que correspondesse aos futuros papéis de esposa e mãe aos quais estavam destinadas as mulheres na sociedade brasileira do século XIX. Assim, a instrução intelectual delas consistia na instrução elementar, ou ensino das primeiras letras, nas denominadas “prendas domésticas” e em regras de moralidade e civilidade. Daí o comentário encontrado na carta de frei Afonso Maria de Bolonha dirigida ao então Presidente da Província de Pernambuco a respeito da educação dispensada no colégio-convento das irmãs franciscanas:

A educação que recebem é sem distinção e necessária para uma mãe de família pobre nesses sertões: leitura, escrita, primeiras operações de aritmética e gramática portuguesa. Todos os trabalhos de agulha, próprios de uma senhora educada, são ensinados com perfeição: costura, renda, crochê, flores, bordados em lã, em seda ou em ouro, tecer e até encadernação de livros. Aprendem a cozinhar, lavar e engomar. Como lazer e ginástica algumas vezes nos trabalhos de enxada como a plantação de algumas hortaliças e legumes nas chácaras internas e mais próximas da casa (MELO, 2003, p. 207).

Essa citação traz elementos da cultura escolar presente na instituição, destacando as atividades oferecidas e o cuidado em garantir uma educação adequada à representação que se fazia da jovem sertaneja. Dominar as prendas do lar e estar apta para atividades manuais e para o trabalho com a terra atestavam a apropriação feita quanto a esta representação, dando ênfase ao papel da figura feminina pobre no sertão pernambucano.

A ação de Frei Caetano para a fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho apresenta também fortes características do processo de “feminização da Igreja” da época, que buscava diminuir o poder do laicato masculino. Todavia, “longe de significar um investimento das mulheres no exercício do poder sagrado, representa, de fato, a reafirmação do seu estatuto subordinado” (NUNES, 2007, p. 491). Observa-se, assim, a ênfase dada à obediência e ao permanente cuidado e zelo pelo “bem espiritual e temporal dessa fortaleza de bons costumes” (MELO, 2003, p. 204).

A obra de frei Caetano expandiu-se e lançou-se por outras localidades do Nordeste brasileiro em missão educativa, atendendo aos chamados dos bispos diocesanos da região. Assim, adentrando o século XX, no ano de 1947, as irmãs do “Bom Conselho” chegaram a Sergipe e iniciaram suas atividades na cidade de Lagarto.

2.3 – MISSÃO FRANCISCANA EM LAGARTO: FUNDAÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Desde os primórdios de sua história, a cidade de Lagarto estava

[...] impregnada de valores cristãos, marcadamente católicos, em que a figura do padre se apresentou não só como agente religioso, mas também como agente sociopolítico, tendo sido decisivo em ações que fomentaram seus principais acontecimentos. Esse aspecto não só definiu a sua identidade, como foi fator decisivo em sua formação e desenvolvimento (SANTOS, 2016, p. 50).

A respeito da origem da cidade de Lagarto, “[...] uma carta de Sesmaria, datada de 1596, concede as terras que seriam mais tarde a Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto ao Sr. Antônio Gonçalves de São Tomé” (SANTOS, 2016, p. 62 - 63). A povoação foi então se organizando e dando origem à fundação do Povoado Santo Antônio, em 1604. Todavia, uma epidemia de *cholera-morbus* influenciou o deslocamento de grande parte da população para as imediações de onde hoje está situado o Santuário de Nossa Senhora da Piedade. Como o surto dizimou grande parte da população, os frades carmelitas residentes numa localidade de nome Porções, Riachão do Dantas, onde tinham um convento, vieram em socorro da população, e tendo eles clamado a intercessão de Nossa Senhora da Piedade para vir em auxílio sob os convalescentes e perseguidos pela moléstia, tiveram suas orações atendidas, estabelecendo, dessa forma, a devoção mariana, que por sua vez deu origem à paróquia que levaria o nome da mesma santa.

É possível, portanto, afirmar que a devoção à Virgem da Piedade e a história de Lagarto caminharam entrelaçadas, de modo que a povoação ficou conhecida como Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, sendo alterada para Lagarto apenas em 20 de abril de 1880, quando foi elevada à categoria de cidade. Santos (2016) apresenta a existência de aulas de Gramática Latina na região em 1820, citando o Ato de 30 de março de 1829, do Presidente Inácio José Vicente da Fonseca, que nomeia, para a cadeira de Primeiras Letras da Vila do Lagarto, o Sr. José Francisco Gonçalves. O autor destaca que:

A cadeira de Latim em Lagarto já existia desde 1824. Em ata da Sessão do Conselho do Governo da Província de Sergipe de 13 de dezembro de 1828 consta que a Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto não vinha satisfazendo aos requisitos às Escolas de Primeiras Letras e Escolas de Língua Latina. A Vila ofertou até a segunda metade do século XIX, uma das nove aulas de Latim, da Província de Sergipe, até ser extinta em 1844, pela Resolução Provincial número 127 de 18 de março. Quatro anos depois, foi restaurada pela Resolução Provincial de número 221 de 22 de maio de 1848. Pitangueira reassumiu o posto em 12 de outubro de 1856. Em 1857, por força da Resolução Provincial de número 479 de 28 de março, a cadeira de latim foi transferida para a Vila de Simão Dias, quando Pitangueira se vê obrigado a lecionar francês, percebendo 300\$0 de gratificação anual, que mal dava para o seu sustento (SANTOS, 2016, p. 122).

Com as dificuldades apresentadas pelas aulas públicas, a ação particular foi remediando o atraso. A princípio, “Coube a Dona Maria Teles Cerqueira, sua cristianização em Lagarto. Ela manteve, desde a década de 1920, em sua residência, um processo de alfabetização de crianças” (SANTOS, 2016, p. 322). Em sua casa, Dona Maria lecionava, dando origem a uma escolinha particular que levava o nome de Nossa Senhora Auxiliadora, de cuja devoção também

se responsabilizava em espalhar com cultos e procissões, sob o apoio do Cônego Geminiano de Freitas.

Convém destacar que “O ensino particular, em geral, era doméstico e familiar, sob a responsabilidade de ‘inteligentes moças’, popular e carinhosamente conhecidas, mais tarde, pela alcunha de ‘tias’ ” (SANTOS, 2016, p. 330). Assim, nas primeiras décadas do século XX, eram essas mestras que alfabetizavam as meninas de Lagarto.

Tinha as grandes mestras, D. Valdice, mãe da desembargadora Dra. Madilene; Tinha D. Zizi; D. Uda Mendes de Oliveira – foi minha mestra... grande mestra! Elas tinham escolas particulares... Eram elas que alfabetizavam as crianças de Lagarto. Tinham outras, mas não lembro o nome agora. (COSTA, 2017)

Ainda no contexto educacional, cabe especial atenção à criação do Grupo Escolar Sílvio Romero, inaugurado no dia 23 de dezembro de 1924, por meio do Decreto nº 783, de 24 de fevereiro de 1923. A administração desse estabelecimento ficou sob os cuidados do Padre Possidônio Pinheiro da Rocha, atestando a estreita relação que, na prática, havia entre o Estado e a Igreja, apesar de os documentos da época apresentarem outra proposta.

No tocante à “freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, enquanto instituição Católica inserida no projeto romanizador, esta foi fundada pelo governo do Arcebispo, na ausência do primeiro Arcebispo, D. Gaspar Barata, em 11 de dezembro de 1679” (MORAIS, 2014, p. 33). Assim, essa freguesia, que tinha como padroeira a Mãe da Piedade, passou pelo seguinte processo: pertenceu à Arquidiocese de São Salvador da Bahia; em 1910, passou a integrar a Diocese de Aracaju, por ocasião da criação desta; e por fim, tornou-se integrante da diocese de Estância, após elevação da Arquidiocese de Aracaju seu desmembramento, dando origem às dioceses de Estância e Propriá, em 1960.

Quando ainda integrava a Diocese de Aracaju, a sociedade de Lagarto, marcada fortemente pela presença católica desde sua origem, sob a influência do Monsenhor João de Souza Marinho, manifestou o desejo de receber religiosas que contribuíssem na formação intelectual, moral e religiosa da infância e juventude residente naquele local. Obtendo o apoio do Bispo Diocesano, em 1946, iniciaram-se as tentativas de trazer um grupo de religiosas que pudessem concretizar esse projeto.

O plano foi apresentado ao Bispo de Aracaju, Dom José Tomaz Gomes da Silva, que aprovou a fundação do estabelecimento e escolheu a Congregação das Religiosas de Nossa Senhora do Bom Conselho para dirigir o colégio. Nesse intuito, o bispo enviou um convite à Madre Rosa da Penha Lima, Superiora Geral da Congregação, que, autorizada por Dom Miguel de Lima Valverde, Arcebispo de Olinda e Recife, aceitou o convite e enviou irmãs da

congregação para iniciarem os trabalhos na cidade de Lagarto, especialmente na condução do Educandário.

A revista do Centenário da citada Congregação (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953) aborda a existência das cartas oficiais enviadas pelo Bispo de Aracaju endereçadas à superiora geral da época, expressando o desejo desta fundação. Assim, como testemunha a letra do próprio Hino do Colégio, a iniciativa foi do Pároco, que, tendo seu anseio acolhido pelo Bispo, mediu a oficialização do pedido:

1946...

Madre Rosa continua em seu labor no Imaculada Conceição em Recife.

Um dia recebe do Exmo. e Revmo. D. José Tomaz Gomes da Silva então Bispo de Aracaju, uma carta pedindo religiosas para um colégio na cidade de Lagarto em Sergipe.

Madre Rosa reflete e entrega o caso ao Exmo. e Revmo. D. Miguel Valverde então Arcebispo de Olinda e Recife, e disto comunicou ao Sr. Bispo de Aracajú. As cartas se repetem, insistentes mesmo. Então, de acordo com a autoridade eclesiástica superior fica determinada a fundação da nova casa.

(CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29-30)

A decisão pela vinda das irmãs nesse relato não pareceu algo fácil. Eram muitas as dificuldades vividas pela Congregação na época, principalmente as financeiras. Todavia, também pesava a questão da distância, visto que as outras cinco obras existentes na época situavam-se entre Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Além da distância, outro agravante era a “insegurança” que a nova missão apresentava. O relato da vinda expressa claramente os sentimentos que cada irmã trazia consigo:

Do Imaculada Conceição um pequeno grupo de religiosas se despede e embarca... Para onde se destinam?... Em que plagas pousarão estas pequenas franciscanas?...

E à medida que o trem se distanciava de Recife, seus corações sobem ao trono de Deus pedindo auxílio para aquela empresa: Deixar a Casa Generalícia, a Madre Rosa – a Mãe terna e boa que lhe segredara a hora da despedida palavras tão repassadas de carinho, as bondosas companheiras de hábito, a Capelinha onde receberam seu burel... Lá se vão... rostos serenos, olhos perdidos no infinito como em profunda meditação... E o que elas sonham com a nova casa, com o batalhão de alminhas infantis que encontrarão lá na distante Lagarto; e já antegozam o sabor dos sacrifícios que terão de vencer para realizar a missão que lhes está confiada.

Uma série de grandes dificuldades as aguardava, preparando-lhes uma entrada bem árdua e que exigia constantes renúncias do que se chama comodismo. (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29)

O relato faz se pensar que não havia grandes certezas. Embora o local da fundação estivesse claramente definido, havia inseguranças sobre as condições do novo empreendimento. A carga emocional também foi levada em consideração. O fato de terem deixado a “terna” Madre Rosa, as “bondosas companheiras de hábito” e a “capelinha onde receberam o burel” foi posto como desafio superado em oração, colocando “os corações no trono de Deus”. (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29)

O ponto central, no entanto, fixou-se na expectativa do exercício da missão junto ao “batalhão de alminhas infantis”, cuja importância era tanta que “antegozam o sabor dos sacrifícios” (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29) que seriam enfrentados para realizá-la.

As dificuldades enfrentadas durante a viagem também foram destacadas:

7 de janeiro – 1º dia da viagem, chegaram a Maceió, onde encontraram a edificante hospedagem das Irmãs Catarinas. Mas nem sempre assim aconteceu... Depois de 4 dias de jornada interrompida mais de uma vez, em transportes difíceis sem ao menos encontrarem pousada certa onde eram obrigadas a demorar, conseguiram chegar a Lagarto. No ponto do ônibus as esperava prazenteiro o Revmo. Vigário Mons. Marinho e duas mocinhas filhas de um grande amigo, o Sr. José Marcelino Prata, distinto cidadão de Lagarto. (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29)

Apesar das dificuldades do percurso, em 1947 chegaram as irmãs, sob a égide da espiritualidade franciscana e tendo por patrona Nossa Senhora do Bom Conselho. Era o início da história da escolarização católica presente em Lagarto no Colégio Nossa Senhora da Piedade. Em 10 de janeiro de 1947, chegaram as pioneiras que formaram a comunidade religiosa na cidade de Lagarto: Maria Gabriela (madre superiora) e as irmãs Maria do Espírito Santo, Maria Terezinha, Maria Clara, Maria do Calvário, Maria Gertrudes e Maria Angélica, as quais se estabeleceram na casa paroquial até o dia da inauguração do colégio.

Na figura adiante é possível observar uma comunidade de irmãs (que provavelmente compunham a fraternidade do “Piedade”, no ano do centenário da Congregação – 1953), tendo ao centro e na frente a figura da Madre Natalia, em postura que reproduz sua autoridade. A representação das demais freiras indica a compreensão ideal de religiosa: vestidas no hábito marrom, com beatilha branca, véu preto, cordão franciscano com três nós indicando os votos de pobreza, castidade e obediência, e um terço grande atado ao cordão, demonstram postura

orante, séria, centrada, organizada e reverente à madre que as dirigia. Era este também o perfil das freiras que chegaram a Lagarto.

Figura 02: Irmãs da fraternidade do Nossa Senhora da Piedade



Fonte: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 30.

Com a presença das Irmãs, a inauguração do Educandário Nossa Senhora da Piedade deu-se no dia 23 de fevereiro de 1947, em sessão solene, “com uma cerimônia que ficou marcada pelo idealismo e seriedade com que foi feita” (SANTOS, 2007, p. 15), conforme se pode perceber na transcrição da Ata de Fundação:

Aos vinte e três dias do mês de fevereiro de mil novecentos e quarenta e sete, às dezesseis horas, em prédio próprio adquirido com uma parte já recebida da subvenção a que se precedeu e ainda há uma outra parte a receber-se, prédio este sito à rua Misael Mendonça desta cidade de Lagarto, em sessão solene foi inaugurado o Educandário “Nossa Senhora da Piedade”, em boa hora confiado às Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, vindas de Recife – Pernambuco.

Ocuparam, respectivamente, a presidência de honra e efetiva o Pároco Monsenhor João de Souza Marinho e o cidadão Manoel Emílio de Carvalho, Prefeito da cidade. Abrindo a sessão o Presidente de honra Monsenhor João de Souza Marinho, disse que Lagarto estava de parabéns com a fundação deste estabelecimento de instrução benção escolhida de Deus elemento primacial para a grandeza desta terra tão querida e justamente amada dos Lagartenses. Seguiu-se com a palavra do cidadão José Vicente de Carvalho, d. Presidente da Congregação Mariana, que numa linguagem aprimorada contou com entusiasmo que lhe é peculiar, as glórias e triunfos duma educação sadia.

Pelo móvel Educandário falou a senhorita Maria Augusta de Carvalho que disse com muito espírito e arte do fim desta instituição e da muita alegria que enchia os corações dos pais e filhos Lagartenses. Encerrada a sessão cuja ata vai ser assinada, seguir-se-ha a parte recreativa que constará do histórico da fundação dêste estabelecimento de ensino. Eu, Antônio Xisto dos Santos, Secretario ad-hoc escrevi a presente (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947-1966, p. 1).

O prédio que no relatório fora apresentado como próprio teve a *priori* na sua escritura, como proprietário, o pároco Mons. João de Souza Marinho, que, por sua vez declarou: “A esse tempo não se sabia, ainda qual a congregação religiosa que viria tomar posse. Assim, pois, aquele prédio não me pertence e sim às irmãs do Bom Conselho, para a educação da juventude Lagartense” (MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1953, p. 62). A escritura do prédio, de fato, só foi transferida para o nome da Congregação em 1974.

A presença do pároco e do prefeito à solenidade atesta a importância social do projeto educacional e religioso ali estabelecido. A fala de ambos, assim como a da senhorita Maria Augusta de Carvalho, demonstra expectativas positivas em relação à educação que seria mediada pelas irmãs. Neste mesmo prisma, também o senhor José Vicente de Carvalho, após destacar as vantagens da nova instituição, “concitou o povo a cooperar para que o Educandário pudesse corresponder ao fim visado” (MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1953, p. 62), de modo que “Foi grande a afluência do povo, demonstrando o seu verdadeiro interesse, por esse empreendimento de sadio e subido alcance” (MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1953, p. 68/69). Todavia, sobre as reais finalidades da instituição, seus estatutos descrevem:

Art. 1. – O Educandário fundado nessa cidade em 23 de fevereiro de 1947, por iniciativa do mons. João de Souza Marinho, com apoio moral do Sr. Bispo Diocesano e das autoridades locais – eclesiástica e civis, tomou o nome de Educandário de “Nossa Senhora da Piedade”. Art. 2. – Tem por finalidade a educação física, moral e intelectual da jovem, preparando-a convenientemente para o lar e para a sociedade. a) Recebe pensionistas externos e logo que possível, também semi-internos e internos, cujas mensalidades são fixadas no início de cada ano escolar a critério da Diretoria. b) Recebe, outrossim, órfãs /desvalidas, cujo número depende das possibilidades do Educandário e do auxílio dos poderes públicos (CERTIDÃO DE ESTATUTOS – Verbo-ad-verbum, 27 de setembro de 1969).

A proposta, portanto, passava pela “educação física, moral e intelectual”; e como era característico da época, desejava preparar suas alunas para “o lar e para a sociedade”. Não obstante o texto do estatuto citar o internato como plano futuro, este funcionou ainda no

primeiro ano, segundo relato da ex-aluna Amazilde Ribeiro Viana: “Comecei a estudar no colégio no ano da fundação. Fui a primeira aluna interna. [...] Fiquei no internato até o dia de fugir para entrar no convento, 08 de dezembro de 1953” (VIANA, 2017).

Apesar da pobreza inicial, o colégio recebia alunas pagantes e não pagantes. Das não pagantes algumas prestavam serviços (geralmente de limpeza), como forma de pagamento, outras ofereciam frutos agrícolas (como farinha e feijão, entre outros) e outras, por fim, recebiam bolsas de estudos, conseguidas pelas irmãs, junto aos poderes públicos.

Tudo no Educandário era realizado pelas próprias irmãs, desde arar a terra até ensinar e dirigir a instituição. No tocante à administração também, os estatutos esclarecem:

Capítulo II. Da administração e representação

Art. 4. – O Educandário é administrado e representado por uma diretora, três conselheiras, servindo uma de secretária e uma tesoureira, eleitas por um triênio na forma dos Sagrados Cânones.

Capítulo III. Dos Estatutos e Contratos.

Art. 5. – Os presentes estatutos são passíveis de reformas sempre que o bem da coletividade escolar o reclamar, mas sempre a critério da Diretoria. a) O corpo administrativo, que é eleito pela Madre Geral e seu conselho, findará o seu contrato após um triênio. b) Terminado o prazo contratual, cabe a Madre Geral, ouvindo o seu conselho, eleger ou reeleger a nova diretoria por mais um triênio. [...]

Capítulo V. Das obrigações dos administrativos

Art. 7.- Os membros administrativos se obrigam a ministrar às suas alunas os métodos escolares de ensino em vigor em todo o território nacional, proporcionando-lhes higiene e conforto. a) As órfãs desvalidas receberam o ensino gratuito, bem como refeição, livros, etc. b) Obriga-se a administração a apresentar anualmente, a Madre Geral e aos poderes públicos que subvencionam o Educandário “Nossa Senhora da Piedade”, um balancete da receita e despesa. (CERTIDÃO DE ESTATUTOS – Verbo-ad-verbum, 27 de setembro de 1969.

Como na administração dos próprios conventos, era a madre geral a autoridade máxima no colégio. A ela cabia nomear o corpo administrativo e era também a ela que se deveria prestar conta do serviço educacional, que por sua vez precisava atender aos métodos escolares nacionais, atendendo igualmente às condições de “higiene e conforto”.

É importante destacar que dada a pobreza da Congregação, o prédio adquirido para o funcionamento do Educandário era na verdade uma casa que antes pertencera a Severina do Sacramento e Maria Guiomar de Oliveira, cujas adaptações foram sendo feitas à medida que as poucas condições lhes permitiam, uma vez que o colégio “nascera nos rigores do mais perfeito franciscanismo” (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 29-30).

No relato de irmã Ana Maria (Josefa Seixas de Andrade), ex-aluna e freira, podem ser atestadas as dificuldades nas condições de vida das mestras/religiosas: “Soubemos que as freiras usavam lata de doce para se servir, e resolvemos fazer uma campanha, vendendo bilhetes de rifa de um quadro, para comprar o necessário para as irmãs (prato, talher, açucareiro...) e levamos numa bandeja os presentes. Ah, foi uma alegria muito grande das irmãs!” (ANDRADE, 2007). O Jornal “A cruzada” noticiou inclusive o bilhete vencedor da mencionada rifa (JORNAL A CRUZADA, 1947, p. 4)

A pobreza e as dificuldades certamente não impediram as religiosas de dar continuidade a missão educativa, uma vez que em seu propósito de vida já haviam assumido esta condição na consagração e profissão dos conselhos evangélicos: pobreza, castidade e obediência, como proferem na “fórmula” para os votos:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Diante de Deus, de sua Igreja e da assembleia aqui presente, eu, NN., consciente da minha opção, confiada no amor eterno do Pai, na intercessão de Maria Santíssima do Bom Conselho e na ajuda das minhas irmãs, faço a Deus, nas mãos da Superiora Geral (ou sua delegada), os votos simples, públicos, de Pobreza, Castidade e Obediência, segundo a Regra e Vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira ordem regular de São Francisco e as constituições das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, com o empenho de observa-los por toda a vida (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1989, p. 37).

Dessa forma, viver na pobreza, para elas, passava pela dimensão de associar-se a Cristo, pobre e crucificado; um ato de amor a Deus e não uma fonte de sofrimento, como poderia ser entendido em outra realidade. Isso justifica o fato de as próprias freiras não haverem solicitado a ajuda da comunidade nesse sentido, mas apenas acolhido como abertura a doação espontaneamente feita pelas alunas.

Em relação às salas de aula, também não havia mobília suficiente. “As aulas funcionavam em dois turnos porque as salas de aula tão pequenas e desprovidas de mobília assim exigiam. As alunas que podiam, levavam cada uma sua cadeira e as outras, sentavam nos banquinhos toscos, única mobília que no Colégio havia” (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1958, p. 30).

De acordo com os registros coletados até o momento, é possível inferir que, embora não houvesse significativo “lucro”, a receita cobria as despesas e aos poucos (mês a mês) melhorava as condições de vida das irmãs, possibilitando compras de louças, por exemplo, e melhorias nas instalações da instituição, conforme se pode observar no prospecto geral das despesas do colégio no ano de sua fundação.

Ao comparar as figuras 04 e 05 a seguir, é possível perceber que no ano de 1947, a receita foi superior às despesas, deixando um lucro de Cr\$ 9.522,50 (nove mil, quinhentos e vinte e dois cruzeiros e cinquenta centavos), não obstante todas as dificuldades.

Figura 03: Prospecto geral das despesas do Educandário – 1947 / Despesa

Prospecto geral da Despesa do Educandário N.ª S. da Piedade					Ano de 1947		DEVE	HAVER
DATAS								
Janeiro						Cr\$	3.170,30	
Fevereiro						"	1.819,30	
Março						"	2.817,60	
Abril						"	1.686,40	
Maio						"	1.329,80	
Junho						"	2.340,30	
Julho						"	1.741,50	
Agosto						"	1.887,40	
Setembro						"	2.452,50	
Outubro						"	3.036,20	
Novembro						"	3.151,10	
Dezembro						"	3.586,60	
Total						Cr\$	28.959,40	

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1954, p. 26.

Figura 04: Prospecto geral das despesas do Educandário – 1947 / Receita

The image shows a handwritten financial ledger on lined paper. The title at the top is 'Prospecto geral da Receita do Educandário de N. S. da Piedade'. Below the title, there are columns for 'AS' (likely 'Ano'), 'Ano de 1947', 'DEVE' (Debit), and 'HAVER' (Credit). The ledger lists months from January to December, followed by a 'Total' row, 'Despesa do ano' (Annual expense), and 'Saldo q^o passa para Janeiro de 1948'. The numbers are written in a cursive script.

AS	Ano de 1947	DEVE	HAVER
Jan.		3.294,20	
Fev.		3.010,00	
Março		3.624,00	
Abril		2.646,00	
Mai		2.454,00	
Junho		2.581,00	
Julho		1.750,00	
Agosto		2.056,00	
Setembro		2.589,00	
Outubro		2.328,00	
Novembro		2.249,00	
Dezembro		1.147,00	
Total		38.482,20	
Despesa do ano		28.959,70	
Saldo q ^o passa para Janeiro de 1948		9.522,50	

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1954, p. 25.

No tocante ao trabalho educacional e religioso realizado, este atendia às expectativas da sociedade e da Igreja, com se pode observar nas palavras do bispo diocesano, registradas em ata:

Com autorização do Revmo. Pároco Mons. João de Souza Marinho, transcrevemos o tópico de um termo da Visita Pastoral do Exmo. Dom Fernando Gomes

“Visitamos o Educandário de “Nossa Senhora da Piedade”, sob a direção das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho que nos causou boa impressão e fazemos votos a Deus para que essa casa de educação cresça cada dia mais e se dedique inteiramente à formação da juventude feminina.

Congratulamo-nos com o Revmo. Pároco, Mons. Marinho, pelo generoso e edificante esforço empregado em favor desse Educandário e deixamos a nossa palavra de louvor ao Vigário e as beneméritas Irmãs pelo que já conseguiram fazer. 23 – 10 – 49 (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1966, p. 2).

Outra observação dessa natureza, também identificada no mesmo Livro de Atas, é esta, datada de 1961:

Com muito prazer visitamos o Ginásio de Nossa Senhora da Piedade encontrando tudo na mais perfeita ordem.

Abençoaamos esta casa dirigida pelas beneméritas Irmãs Franciscanas de N. S. do Bom Conselho fazendo votos a Deus pela bôa marcha dos trabalhos deste viveiro de santidade.

Lagarto, 8 de setembro de 1961

+ José, Bispo Diocesano”

(COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1966, p. 2).

Conforme as representações publicadas nos livros de Atas, a missão havia sido assumida e já podiam ser observados os primeiros frutos do educandário que crescia e ganhava o respeito das autoridades religiosas no campo da educação feminina, assim como das autoridades civis do local e da sociedade em geral. Tal reconhecimento social dava-se também pelas práticas vivenciadas da instituição, tema da seção a seguir.

3. ENTRE OS SAGRADOS SABERES E OS SABERES SAGRADOS: ASPECTOS DA CULTURA ESCOLAR

O desafio de apresentar a cultura escolar como objeto histórico implica, através da experiência de problematizar as informações encontradas nas fontes, observá-la, atingindo as possibilidades e limites de cada fato, fazendo emergir a necessidade de reflexão acerca da memória e história, dos conflitos e acomodações e da relação desses elementos com a temporalidade. Partindo desse pensamento, convém conhecer a realidade familiar das alunas do Educandário Nossa Senhora da Piedade para, a partir daí, compreender melhor seus comportamentos e representações.

Considerando as informações contidas no Livro de Registro Escolar: matrícula, professores e aparelhamento escolar do Educandário Nossa Senhora da Piedade de 1948, a realidade financeira das famílias que tinha, em sua maioria, a profissão paterna como base era relativamente estável para a realidade rural na qual estava imersa. O quadro a seguir possibilita perceber de forma clara esta questão.

Quadro 06: Profissão dos pais de alunos matriculados no Colégio Nossa Senhora da Piedade em 1948

PROFISSÕES PATERNAS IDENTIFICADAS	QUANTIDADE DE PAIS QUE EXERCIAM ESSA PROFISSÃO
Agente de estatística	1
Agricultor	12
Alfaiate	4
Barbeiro	1
Botequineiro	1
Carpinteiro	1
Coletor	3 (sendo um, pai de duas alunas)
Comerciante	7
Dentista	1 (sendo este, pai de duas alunas)
Dir. serviço municipal	1
Eletricista	1
Enfermeiro	1
Escrivão	1
Estivador	2
Exator	3 (sendo um, pai de duas alunas)
F. Estadual	1
F. rendas municipais	1
Farmacêutico	3
Fazendeiro	21
Guarda da exatonia	1
Industrial	2
Lavrador	1

Marceneiro	1
Mecânico	1 (sendo este, pai de duas alunas)
Médico	1
Negociante	21
Ourives	2
Pedreiro	4
Proprietário	5 (sendo um, pai de duas alunas)
Sapateiro	3
Sol. de polícia	1
Telegrafista	5

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1948.

As quantidades são mais significativas nas profissões de fazendeiro e negociante, somando 21 registros em cada uma delas. É provável que essas profissões estivessem entre as mais lucrativas, oferecendo, assim, condições de esses pais investirem em educação privada para suas filhas. Nessa mesma realidade financeira, o quadro apresenta, embora em menor quantidade, comerciantes, farmacêuticos, dentista e médico. Possivelmente esse fato justifica que nos relatos, algumas ex-alunas tenham mencionado que a instituição era colégio para ricos.

Há também 12 registros de pais agricultores e um de lavrador. Contudo, a fonte não deixa clara a diferença entre eles. Alguns desses estavam, certamente, entre aqueles que pagavam as mensalidades escolares de suas filhas ofertando às freiras os frutos agrícolas do seu trabalho.

Das 121 matrículas efetuadas no ano de 1948, apenas duas apresentam como responsável pela matrícula a figura materna. E nestas não aparece a identificação do nome do pai nos outros registros das alunas, ao contrário do que acontece nos registros dos demais alunos, que, embora apresentem o pai como responsável, trazem também a identificação da mãe. As fontes não esclarecem o porquê desta questão. Porém, no tocante à questão da profissão materna, a mesma fonte informa que, dentre as mães, havia: 113 donas de casa, quatro despachantes, uma comerciante, uma costureira e duas professoras públicas.

O supracitado livro de matrículas também deixa evidente que a grande maioria dos pais e mães não tinham instrução maior que a primária, como se pode observar neste quadro:

Quadro 07: Grau de instrução escolar dos pais de alunos matriculados no Colégio Nossa Senhora da Piedade em 1948.

INSTRUÇÃO ESCOLAR	QUANTIDADE DE PAIS	QUANTIDADE DE MÃES
Analfabeto(a)	2	2
Primário	110	115
Secundário	4	4
Superior	3	-

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1948.

De fato, a educação não era uma prioridade naquela realidade onde a instrução primária já se fazia suficiente para atender às necessidades locais. Todavia, a força da influência da Igreja católica na localidade – uma vez que nesses registros de matrículas todas as famílias se declararam católicas – pode ter sido a grande motivadora para o ingresso de tais alunos no Educandário Nossa Senhora da Piedade, tendo em vista a expectativa de uma educação cristã e moralizante.

Nessa perspectiva, a escola era vista como lugar onde grupos se legitimavam e ideologias culturais e sociais eram formadas, mantidas e estabelecidas, de modo que estar numa escola católica, onde as professoras eram as próprias irmãs, sob a influência do padre e o apoio do bispo, era uma excelente opção para garantir o futuro católico e moral das jovens lagartenses.

Outrossim, para a compreensão prática desse fato faz-se necessário “[...] tentar penetrar no dia a dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor(a)/aluno(a) e aluno(a)/aluno(a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e punições” (LOPES e GALVÃO, 2005, p. 52), a fim de conhecer profundamente o cotidiano e, através deste, a história dessa instituição de ensino que se deixa revelar em parte, pela análise de suas relações e representações, de seus espaços e de seu currículo.

3.1 – RELAÇÕES, REPRESENTAÇÕES: AGENTES DA AÇÃO EDUCATIVA

O colégio, que nascera para educar a mocidade lagartense, trouxe ao longo de sua história representações significativas quanto ao seu papel social.

Aos olhos das ex-alunas, o CNSP era “colégio para rico”, de modo que estudar nele era considerado um grande privilégio. Por esta razão as “meninas pobres ou com menos condições” que conseguiam matricular-se na instituição, fosse através de bolsas de estudos, da gratuidade propriamente dita ou da mensalidade paga através de serviços ou “frutos agrícolas cultivados pelos pais”, como já fora mencionado, consideravam-se beneficiadas e por isso, extremamente agradecidas às irmãs pela concessão de tal benefício.

Aí, algumas pessoas dizem assim: “Você é louca pelo colégio! Eu gosto, mas você é louca pelo Colégio!” – Eu digo – Eu acho que você precisava menos do que eu. (risos) Necessidade minha nega... Eu sei que tudo o que o colégio fez, foi bom para mim. Devo muito à irmã Cândida. Depois teve também Ir. Marta. Mas, aquela que mais me marcou foi irmã Cândida. Por quê? Papai tinha ido me matricular... aí, ele disse: “não posso pagar a mensalidade” – Então, eu entrei na filantropia. Tinha um número de filantropia! Mas sempre tinha uma que chegava na sala pra dizer: “A mensalidade” – eu ficava com uma vergonha... Aí, eu dizia: “Papai, tem que ir no colégio” – “Não se

preocupe”. Ele dizia – “A irmã Cândida disse que você não paga” (OLIVEIRA, 2017).

Assim, havia no educandário, realidades distintas que variavam entre: alunas pagantes, alunas bolsistas, alunas gratuitas, alunas internas pagantes e alunas internas gratuitas. As relações estabelecidas com elas também eram marcantes, principalmente no tocante aos trabalhos e convivência entre as alunas e as irmãs. O livro de matrícula datado de 1947 a 1962 registra, apenas nos anos de 1961 e 1962, ainda que não completamente, informações que identificam alunas pagantes ou não pagantes.

Quadro 08: Número de alunas contribuintes, gratuitas, bolsistas ou não identificadas

NÚMERO DE ALUNAS:	ANO LETIVO: 1961	ANO LETIVO: 1962
CONTRIBUINTES	76	67
GRATUITAS	61	60
BOLSISTAS	24	1
NÃO IDENTIFICADAS	22	16

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 a 1962, p. 25 a 41

A informação torna-se importante por indicar que havia essas três realidades entre moças que se matriculavam na instituição. Provavelmente eram as “gratuitas” que “pagavam” seus estudos com produtos agrícolas ou com trabalho. No entanto, independentemente da realidade financeira, ser aluna do “Colégio das freiras” representava um grande privilégio: “Aluna do Colégio das freiras não era uma pessoa comum. As alunas tinham que ser diferentes. A gente tinha que ser aquele espelho que refletisse uma luz diferente dos outros. Responsabilidade grande!” (MATOS, 2017).

Outra representação importante nessa abordagem diz respeito à figura das irmãs, e são muitas as que envolvem a figura da freira dentro dos colégios católicos. Nunes (2007) afirma que:

No fim do século XIX as freiras já se encarregavam de inúmeras tarefas necessárias à sociedade, particularmente no campo da educação, da saúde e da assistência social. Afora as mulheres pobres, as freiras foram as primeiras a exercerem uma profissão, quando ainda a maioria da população feminina era do lar (NUNES, 2007, p. 482).

Se por um lado eram vistas como pioneiras no exercício profissional, por outro também precisavam ter claro seu papel religioso e social; daí afirmar a mesma autora que “A história da vida religiosa é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade” (NUNES, 2007, p. 483). Destacando especificamente as Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, vindas para Lagarto, tais aspectos ganharam contornos distintos, tendo em vista o

lugar social de onde são vistas. Dentro do espaço escolar essa diferença fica evidenciada nas representações feitas pelas ex-alunas internas e não internas. Deixando claro que a convivência revelou para o primeiro grupo aspectos mais íntimos, porém não mais importantes que os do segundo grupo.

Referindo-se às irmãs, Vina (Josefa Amélia Siqueira Fonseca), ex-interna, demonstrava intimidade, fazendo memória aos fatos passados:

Eu me escondia detrás da porta da cozinha para comer os doces da irmã Perpétua. (Risos) Era maravilhoso! Nossa! Coitada! E se a madre descobrisse ia brigar com quem? Com ela! [...] E a gente amava a irmã, porque ela era um doce com a gente. Ela fazia um doce tão gostoso e a gente ia lá... A gente se escondia atrás da porta e ficava lá comendo doce. Ainda tinha uma cadeirinha lá, para a gente sentar. O que você acha? Tem coisa que a gente não esquece nunca!

E na sala de aula era uma maravilha! Nossa! Tinha a madre Teresinha que também era uma pessoa muito boa com a gente.

Mas, olha irmã Lutgarda era um doce de pessoa e irmã Christina, eu a amava! As pessoas diziam: “Ah, irmã Christina é muito rígida!” Comigo não! Ela era um amor de pessoa! Tinha também a madre Aparecida (que depois também saiu da congregação... Quando eu soube, falei: “Gente! Não acredito num negócio desse! Porque ela era muito boa com todas! O que fazia com uma, fazia com todas). Só tinha uma freira que era ruim com a gente. Não posso falar o nome dela não... pelo amor de Deus (risos). Porque ela era muito ruinzinha... essa irmã era muito ruim com a gente... Era... eu fiquei sabendo que ela não era mais freira... há muito tempo eu fiquei sabendo que ela não era mais.

Teve uma vez que a madre viajou para Recife e deixou ela tomando conta da gente. Era época de férias e já estava determinado quem iria sair e quem não ia. Ela não deixou ninguém sair, para a gente carpir... limpar o terreno que era do outro prédio... o antigo Silvio Romero. A prefeitura sempre mandava limpar. Mas, ela era tão “boazinha” com a gente, que não aceitou a prefeitura e pôs a gente lá para limpar, carpir... Estourou a mão da gente! Pense! ... Quando a madre chegou, nós contamos para ela. A madre falou que tinha deixado essa ordem, que não era para ter feito isso com a gente. Não era, mas fez! Passou! Nós limpamos!

Apesar disso, era uma vida amorosa. Eu gostava muito das irmãs. Elas não eram ruins comigo. Elas me ouviam, mas não faziam o que eu queria. (FONSECA, 2017)

O relato apresenta uma relação de proximidade, apontando sentimentos, comportamentos e fatos vividos. Ao falar sobre “comer doce escondido”, a ex-interna adentra nas regras do que era ou não permitido às irmãs, no convento. Nesse caso, a irmã Perpétua arriscava ser repreendida pela madre. A relação estabelecida pelas irmãs entre si era, portanto, observada pelas jovens do internato, as quais conviviam mais de perto com as religiosas.

O sentimento de carinho é percebido quando cita a madre Teresinha, a irmã Lutgarda e a irmã Cristina, que, mesmo sendo apontada como rígida, foi considerada “um amor de pessoa”.

Todavia, no trecho onde apresenta a irmã cujo nome não foi citado, o tom, antes terno, dá lugar à crítica e à ironia: “ela era tão ‘boazinha’ com a gente”. A expressão “boazinha” vem carregada da revolta de ter realizado um trabalho tão pesado (ao ponto de lhes machucar as mãos) e sem necessidade, visto que os funcionários da prefeitura estavam à disposição para isso. Essa irmã é a única apontada como alguém ruim. Outra questão importante no relato é a atitude da madre que ao retornar e ser informada do fato, se posiciona favorável às alunas, demonstrando que havia diálogo e compreensão entre essas partes.

Nesse viés, é possível atestar que a relação das internas com as irmãs não se detém em impressões, mas na constatação a partir de experiências vividas. Em contrapartida, os relatos das alunas não internas citavam características mais “intelectuais” ou “místicas” de quem olha e admira mantendo uma certa “distância”:

Eu tinha aula pela manhã com irmã Espírito Santo e à tarde era bordado com irmã Terezinha.

Irmã Terezinha esteve muito doente. Então, eu chegava na janela dela, na hora do lanche, e dizia: “Irmã Terezinha, minha mãe dizia que para tosse é bom mel rosado”. E eu ia comprar o mel rosado para ela!

À tarde eu limpava o canteiro dela, do jardim. Cada freira tinha um canteiro. No outro dia, irmã Espírito Santo diria: “Essa, deixa os livros para vim limpar canteiro”!

Irmã Espírito Santo tinha mania de livros. Ela dizia: “Quando saírem, não saiam com umas doidivas. Vocês levem, nem que seja um livro na mão. Não saiam sem nada!”

Irmã Espírito Santo era muito enérgica. Ela só queria que a gente olhasse para os livros. A mulher dos livros. Era uma mulher inteligentíssima! Traduzia inglês para francês, francês para português. Muito inteligente! E era de Bom Conselho, de Papacaça!

Diante dela, nós só faltávamos fazer a vênica¹⁰ com a perna esquerda! Porque com a direita ela já havia ensinado que só para o Santíssimo. Irmã Espírito Santo ensinava que era para fazer a vênica com a perna direita para o Santíssimo com sacrário fechado; com as duas pernas, para o Santíssimo exposto; e com a perna esquerda, para Papa, príncipes e etc. (COSTA, 2017)

A irmã Espírito Santo foi apresentada como “a mulher dos livros”. Ao que apresenta o relato, parecia ser seu objetivo despertar o mesmo comportamento em suas alunas. O livro era apontado como mediador da sensatez e bom comportamento, de modo que a irmã recomendava que ao sair de casa levassem-no, e não saíssem como “doidivas”, com mulheres extravagantes ou imprudentes. A própria freira era essa referência: “era uma mulher inteligentíssima”, diante

¹⁰ Fazer reverência. Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/reverenciassem>. Acessado dia 19/07/2017 às 22h38.

de quem as alunas “só faltavam fazer vênia com a perna esquerda”, ou seja, alguém digno de muito respeito e reverência.

De fato, para o segundo grupo, as irmãs eram representadas com grande “veneração”:

A gente via as Irmãs como pessoas de destaque. Aquelas pessoas imaculadas, puras e que, na mentalidade do que passavam para a gente, eram pessoas purificadas. Eram seres humanos diferentes da gente. Mesmo porque a própria indumentária já era algo diferente, né?

A freira era a mãe, era a professora, era especial! Alguém diferente! (MATOS, 2017)

As representações se misturavam entre rigor (no sentido moralizante) e cuidado (relacionado, neste caso, ao cuidado materno). As freiras eram assim, apresentadas sempre com muito respeito, e tal fato tornava-se mais intenso quando a freira em questão era a superiora.

Quando a superiora chegava era uma coisa assim de... nem sei comparar. Era uma maravilha... Parecia que tinha chegado uma deusa. Era uma coisa muito fina! (COSTA, 2017).

A madre Natalia a gente só escutava a voz. Nós não tínhamos acesso a ela. E as demais irmãs, só as víamos como professoras, na hora da aula.

Mas, tudo isso, ninguém via a diretora. Não sei se na época não podia aparecer... Não sei! Não existia essa comunicação.

Madre Natalia, só a voz! E quando fazia “uh...” no altofalante... todo mundo: estátua! Onde estivesse ficava... Era muito respeito! (MATOS, 2017).

A superiora era representada de forma quase sobrenatural. Como se não fosse alguém deste mundo. Sobre esta experiência, Vina comentou:

As irmãs ainda eram daquela época que só faziam o que a superiora aceitava. Principalmente a madre geral, a superiora geral.

E ela era rígida! Quando ela veio a primeira vez as meninas eram tudo (fez um gesto com as mãos indicando nervosismo). “Minha gente, isso é um bicho de sete cabeças? Né possível que a gente não vá falar com essa mulher!”.

Quando foi um dia teve uma reunião dela com a gente. Aí, ela perguntou um negócio lá: “quem quer falar?”. Todo mundo olhou para a cara de quem? Aí, eu: “Solange, você fala?”. Tinha uma Solange lá. Aí, ela: “Eu passo a palavra!”. Falei: Vixe! Agora danou-se!

Aí, ela falou assim: Eu tô escutando. Se tiver alguma coisa que eu não estiver ao favor, no final eu explico.

Aí, eu falei! Desabafei! Falei das minhas colegas, falei o que não achava certo. O que eu achava errado dentro do colégio. O que eu achava que não devia ser assim.

Quando terminou ela não falou nada para a gente. Conversou com a superiora e a superiora é que veio falar com a gente.

Ela falou assim: “Mas, Vina, porque você fez isso?”. Eu falei com a madre porque aqui, com nossa coordenadora, é tudo dominado e a gente não pode ter medo (FONSECA, 2017).

Havia, portanto, uma maior aproximação das irmãs por parte das alunas internas dada a maior convivência. A proximidade abria espaço para estreitar relações e, inclusive, enxergar defeitos e falhas.

Na figura 05 adiante observa-se que entre as irmãs e alunas havia uma relação de respeito, proximidade e carinho. Todas sentadas no chão, descontraídas, uma aluna inclinada sob o colo de uma das irmãs, abraçando-a, numa atividade recreativa realizada fora do ambiente escolar. Essa mesma relação ganhava tons mais solenes quando a ocasião era oficial, como se pode observar na figura 06:

Figura 05: Irmãs e alunas em dia de passeio. s/d.



Fonte: Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida.

Figura 06: Irmãs e alunas no clube social de 1964.



Fonte: Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida.

Não obstante as diferentes relações, é possível perceber, em ambas as situações, que há profundo respeito e admiração. Mesmo das “mais próximas” há o distanciamento necessário, mantendo clara a forma de ver nas irmãs alguém fora do mundo; alguém a quem se precisava respeitar como algo sagrado, “consagrado”!

3.2 – O ESPAÇO FÍSICO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

O prédio da Rua Major Mizael Mendonça, 371, em Lagarto, não apresentava a infraestrutura adequada a uma instituição educacional. Todavia, era dele que se podia ouvir o som do orfeão, aclamando a Maria, a Virgem Imaculada, e congregando, em fila indiana, crianças perfiladas, impecavelmente fardadas, meninos e meninas¹¹ que, atentos, seguiam as mestras, que, vestidas com seus longos hábitos franciscanos, dirigiam-se à pequena capela para buscar, diante do que lhes era Sagrado, a inspiração para sua formação moral e intelectual.

¹¹ Da fundação ao ano de 1949, o Educandário Nossa Senhora da Piedade recebeu alunos de ambos os sexos. A partir de 1950 até 1966, passou a receber apenas o público feminino.

Figura 07: Fachada do Educandário Nossa Senhora da Piedade em 1947



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Cristiane da Silva. Autoria desconhecida.

Os primeiros três anos após a fundação do Educandário foram marcados por processos de reformas e adaptações do prédio residencial, com o objetivo de adequá-lo às exigências de um estabelecimento de ensino e para as necessidades das religiosas.

A casa que lhes fora entregue deveria passar por uma grande limpeza a fim de ficar em condições de ser habitada. E as próprias Irmãs se encarregaram do árduo trabalho... Manejando a enxada, elas mesmas prepararam os canteiros do jardim... lavam o piso, arrancam o mato do quintal. Não dispunham de móveis, e os objetos mais indispensáveis como louças, cadeiras, cobertores, eram dados um a um, à medida em que sua extrema pobreza inspirava a compaixão dos que as visitavam.

As aulas funcionavam em dois turnos porque as salas tão pequenas e desprovidas de mobília assim exigiram. As alunas, que podiam, levavam cada uma sua cadeira e as outras, sentavam nos banquinhos toscos, única mobília que havia... No mais perfeito franciscanismo (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS..., 1958, p. 29-30).

Posta a situação inadequada no prédio, segundo os relatórios anuais enviados à Casa generalícia, foram realizadas reformas, incluindo a construção de uma sala, visto que “o colégio era um grande sítio, e todos os eventos que fazíamos, como dramas e piqueniques, com animação das alunas que tocavam acordeom, eram feitos debaixo das árvores que havia” (MATOS, 2017). As reformas e melhorias eram feitas com verbas conseguidas junto aos poderes públicos ou através de recursos angariados através de eventos feitos pelas alunas e

irmãs: “Nós fizemos uma festa de São João para levantar aquele primeiro piso, onde hoje é a secretaria. Ali, quem levantou foi a 1ª turma, no tempo da Ir. Terezinha” (LIBÓRIO, 2017).

Na administração da madre Maria Nathalia foram efetivadas “reformas no refeitório das irmãs; na clausura antiga e na cozinha; construção de outra clausura; aquisição de mobiliário e material didático de Física, Química e Desenho; construiu também o muro” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947-1958). A política de reforma e expansão do prédio continuou com madre Maria das Neves quando se iniciaram reformas na clausura, construção de um pavilhão constando de cinco dependências: diretoria, secretaria, parlatório, portaria e arquivo. “Neste mesmo ano foi aberto um poço com 23m de profundidade. Em 1959 foi aberto outro poço no prédio onde funciona o Ginásio e um galpão para recreios e festivais que não foi concluído por falta de verbas” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1959). Saliente-se ainda que nessa administração, precisamente em 1959, teve início o Curso Ginásial, funcionando a título precário.

A instalação do “colégio de freiras” em casa residencial, com adaptações posteriores, evidencia uma característica da primeira metade do século XX, em que casas e/ou sobrados antigos, construídos originalmente para residência familiar, passavam por modificações visando à adaptação dos prédios para a finalidade escolar, sem, contudo, modificar substancialmente o destino original de residência. Desta forma, na primeira metade do século XX, as casas que abrigavam colégios particulares, em regra, possuíam um salão de aulas de pequenas proporções e de um ou dois quartos onde funcionavam dormitórios para os poucos alunos pensionistas que garantiam uma renda extra ao proprietário (CONCEIÇÃO, 2012).

Em cidades como Aracaju e Estância, antigos sobrados residenciais tiveram seus cômodos adaptados para servirem como salões de aula e dormitórios para os alunos pensionistas. Em Aracaju, o Grêmio Escolar (1906-1937), fundado e dirigido pelo Dr. Evangelino Faro, estava instalado em um sobrado na Praça da Matriz, e, “na melhor posição da cidade”, na rua da Aurora, estavam estabelecidos os internatos dos colégios Boa Esperança, N. Sra. Santana e Escola Americana. Igualmente, foi para essa mesma rua que os salesianos transferiram, em 1911, o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora. Na cidade de Estância, o Colégio Serigi, sob a direção do professor Temístocles Alves Viana, também funcionava em um sobrado, localizado na Praça 7 de Setembro, n.º 36, e em um palacete no mesmo endereço estava instalado o Colégio Tobias Barreto (CONCEIÇÃO, 2012, p. 257).

Os edifícios, originalmente planejados para o funcionamento de colégios particulares, foram uma iniciativa que somente as congregações católicas instaladas em Sergipe tiveram condições de materializar. Em Aracaju, os primeiros foram os colégios N. Sra. de Lourdes das Irmãs Sacramentinas, Salesiano N. Sra. Auxiliadora e Patrocínio São José; e na cidade de Propriá,

o Colégio Nossa Senhora das Graças (CONCEIÇÃO, 2012). Contudo, as condições financeiras das irmãs franciscanas, instaladas em Lagarto, não permitiram a construção de um prédio originalmente planejado para os serviços educacionais e religiosos.

Assim, a partir de 1960, uma ênfase foi dada às práticas pedagógicas do Ginásio. Nesse período já era possível observar mudanças significativas na arquitetura inicial, inclusive no tocante a sua fachada, que havia perdido o jardim para dar espaço à continuidade do prédio.

Na figura 08 em sequência é perceptível que não houve mudança no modelo arquitetônico do prédio inicial, mas se conservou a estrutura já existente, acrescentando-lhe uma expansão, pela construção de um novo espaço, em modelo igual ao anterior, onde antes havia um jardim, que pode ser observado na figura 07 (p. 53) desta seção.

Figura 08: Aluna de bicicleta em frente ao Colégio em 1960



Fonte: Acervo da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

O movimento de reforma física não cessou, de modo que em 1965 realizou-se a construção de um pavilhão com salas de aula para o funcionamento dos cursos Ginásial e Pedagógico.

Na figura 9 é possível observar um grupo de alunas com instrumentos musicais nas mãos, na laje do prédio, logo que foi concluída parte térrea do pavilhão. Ao fundo pode-se visualizar o telhado de algumas casas da Rua Mizaél Mendonça, onde o Colégio está situado.

Figura 09: Grupo de alunas do 2º Ano Pedagógico de 1966, na laje do Colégio



Fonte: Acervo da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

Sobre essa construção, o relatório das atividades escolares de 1965 assim descreve:

Entre as realizações do corrente ano são dignas de realce, entre outras, a construção de um pavilhão com salas de aulas para o funcionamento dos Cursos Ginásial e Pedagógico. Após seis meses de ter parado os trabalhos por falta de recursos financeiros o novo prédio foi contemplado com uma subvenção extraordinária de Cr\$ 7.000.000 (sete milhões de cruzeiros), pelo Ministério de Educação e Cultura. Recomeçados os trabalhos, estamos procurando adiantar a obra a fim de recomeçar as aulas em o novo pavilhão (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1965).

Embora no relatório seja citada apenas a verba de subvenção, para a construção do prédio foram necessários ainda outros valores conseguidos através de doação e de uma festa junina realizada pelas alunas da primeira turma do Curso Pedagógico.

Figura 10: Alunas de 1967, tendo ao fundo o prédio do colégio em construção



Fonte: Acervo da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida.

Essa foto que data de 1967 mostra ao fundo, ainda em obras, o prédio que já era usado para as aulas do curso Pedagógico. Mais detalhes sobre o seu desenvolvimento são apresentados no relatório datado de 16 de agosto de 1968:

ÁREA LIVRE:

Possui um pátio descoberto, revestido de grama, para evitar poeira e desigualdade do terreno. Em torno deste, há um passeio calçado, evitando-se deste modo a invasão das águas.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO:

O prédio é simples quanto ao estilo arquitetônico, possuindo luz natural abundante, ventilação adequada e todos os requisitos da arquitetura moderna e higiênica.

Está recuado das grandes edificações.

O material da construção é sólido, durável, resistente às intempéries do tempo, ao fogo, aos abalos sísmicos, etc, satisfazendo às exigências da acústica.

SALA DE AULA:

Num total de (6) seis salas de forma retangular, medindo 7 x 6, com capacidade máxima para acomodar 40 alunos.

O piso das salas de aula é de ladrilho de cimento de material resistente, sendo conservado com cêra.

CÔR DAS PAREDES:

Branca, totalmente lisa, sem cornijas ou adornos, evitando-se o acúmulo, de pó e facilitando a limpeza.

O rodapé feito de material lavável, permitindo sua conservação em boas condições higiênicas. Resistindo ao desgaste pelo roçamento dos alunos.

TETO:

Liso, caiado de branco, favorecendo a iluminação, sobretudo artificial indireta.

ACÚSTICA:

As condições de acústica são tais que, permitem, perfeitamente, se ouvir a voz do professor falando em tom natural.

VENTILAÇÃO:

Sabendo que a ventilação das classes é de grande importância para o trabalho escolar, uma vez que, a normalidade disciplinar tem origem em perturbações respiratórias, decorrentes do ar viciado que se produz pela respiração de outros organismos. Daí a necessidade de constante renovação do ar nas salas de aula. A melhor forma de ventilação é, com efeito, a ventilação natural, resultado do contacto direto do interior com o ar livre do exterior. E a janela representa ainda um instrumento principal da sala de aula, como ainda, põe o aluno em contato com o mundo exterior, descansando a vista com a paisagem.

Despertando no educando o exemplo e a prática, o amor e a atividade ao ar livre.

ILUMINAÇÃO:

Para facilitar a distribuição da luz, as janelas são bastante altas e dispostas de forma a evitar reflexos nos quadros-escolares e, bem assim, de maneira a permitir que as carteiras possam ser arranjadas para efeito de receberem a luz (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1968).

Como é possível observar, a casa que a princípio foi adaptada para funcionar como educandário foi recebendo ao passar dos anos as devidas transformações, reformas e implementações de modo a tornar-se um prédio, com espaço totalmente apropriado para o funcionamento de uma unidade escolar. Os elementos descritos no relatório anterior demonstram o cuidado com cada detalhe, atendendo a “todos os requisitos da arquitetura moderna e higiênica”. Destacam-se a área livre, o material usado para a construção, as dimensões das salas de aula, a cor branca das paredes e o cuidado em dispor de material lavável no rodapé dessas, garantindo a limpeza do ambiente; o piso de ladrilho, “conservado com cêra”; e o teto em condições de favorecer a iluminação. Também foram apresentadas informações positivas sobre a acústica, ventilação e iluminação do prédio.

O mesmo relatório descreve ainda as condições das instalações hidráulicas e sanitárias do colégio das freiras:

PROVISÃO DE ÁGUA:

A escola é abastecida por suficiente serviço d’água nas devidas condições de potabilidade.

O ambiente é sadio, isento de poeiras, de emanções mal cheirosas, etc, satisfazendo totalmente às prescrições de ordem higiênica estabelecidas pela Saúde Pública.

A purificação da água é feita por processo mecânico. Havendo na escola (6) seis filtros de vela.

LAVATÓRIOS:

Dispomos de (4) quatro pias, número proporcional à capacidade de matrícula escolar.

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS:

A escola dispõe de (6) seis sanitários de louça com dispositivo para descarga e bem assim, para papel higiênico. Tem piso de ladrilho, com paredes revestidas de azulejos (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1968).

A questão higienista nesses aspectos é contemplada, evidenciando que as alunas dispunham de condições de qualidade também nesse serviço. Por fim, o relatório cita a existência de uma biblioteca que, embora apresentada como “pequena”, oferecia o necessário para atender bem sua função.

BIBLIOTECA:

O estabelecimento dispõe de uma pequena sala-biblioteca, medindo 6x7, com 4 mesas de fórmica, 24 cadeiras, 9 estantes, sendo: 4 de metal e 5 de madeira. Contém um acervo de 40 obras, perfazendo o total de 2480 volumes. (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1968)

É interessante observar que tal relatório não cita o espaço de uso das internas (dormitórios e refeitório por exemplo), bem como aquele que era do uso das irmãs (clausura e capela, entre outros), provavelmente porque a finalidade de sua escrita não necessitava de tais informações. O que importa, no entanto, é perceber a evolução arquitetônica do “Piedade”, que já atingia a imponente característica das instituições educacionais católicas da época.

3.3 – O MODELO DE EDUCAÇÃO OFERECIDO

Segundo o relatório das atividades exercidas pelo Ginásio Nossa Senhora da Piedade em 1965, este “foi fundado em 1947, com o nome de Educandário Nossa Senhora da Piedade, com o objetivo de ministrar à juventude uma completa formação religiosa, moral, social e intelectual” (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1965). Nesta perspectiva, as atividades desenvolvidas na instituição pautavam-se no desejo de educar tendo em vista a fé, a cidadania e a aprendizagem.

Nos anos iniciais de fundação, esse colégio ofereceu aos seus alunos apenas o curso primário, atendendo até o ano de 1949 crianças de ambos os sexos, conforme o certificado de registro escolar nº 248, datado de 30 de junho de 1948.

No livro para ponto diário de 1947, as listas de chamadas feminina e masculina aparecem separadamente, embora na prática essas crianças assistissem às aulas no mesmo ambiente. Entre os anos de 1947 e 1953 as aulas eram ministradas exclusivamente por religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, organizadas conforme o quadro a seguir:

Quadro 09: Professoras do educandário nos anos de 1947 a 1949

ANO	1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO
1947	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Calvário	Irmã Maria Terezinha	Irmã Maria do Espírito Santo
1948	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Terezinha	Irmã Maria do Espírito Santo
1949	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Gabriela
1950	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Gabriela
1951	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Sagrado Coração	Irmã Maria Rafaela
1952	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Sagrado Coração
1953	Irmã Maria Clara	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Flórida	Irmã Maria Sagrado Coração

Fonte: COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1959; COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1948; COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1948 -1951; COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1948 - 1955.

Havia turmas que estudavam no turno da manhã e outras à tarde, considerando a falta de espaço para o funcionamento de todas em um único turno. No tocante às professoras/freiras registradas no quadro 08, o livro de registro escolar: Matrícula, professores e aparelhamento escolar, 1948 – 1950, apresenta-as com Normalistas, aptas, portanto, para realizar a função de professoras primárias. No entanto, em outras atividades oferecidas às alunas, também irmãs sem muita instrução intelectual ministravam aulas, como se vê no comentário da ex-aluna Altair de Souza Libório:

Uma coisa daquela época que marca muito a gente é que todas as freiras ensinavam. Até quem não tinha instrução. Como Irmã Marta. Ela ensinava trabalhos manuais. Às vezes para escrever um nome no quadro ela pedia a gente para escrever e a gente notava que ela não sabia. Mas, todas ensinavam. Não tinha professor! (LIBÓRIO, 2017).

É importante destacar que somente nos documentos posteriores a 1954 é possível encontrar a presença de professoras sem vínculos religiosos com a Congregação das Irmãs Franciscanas, como é o caso das Professoras Faustina de Castro e Adeilde Silva, citadas na Ata

de exame de promoção de 1954 (COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, 1947 – 1959, p. 15).

Em 29 de julho de 1954, o Diário Oficial do Estado de Sergipe, ANO XXXVI, nº 11846, p. 1, publicou a autorização que concedeu ao Educandário Nossa Senhora da Piedade a possibilidade de ministrar o Curso de Ensino Normal do Primeiro Ciclo, sob a denominação de Curso de Regentes de Ensino Nossa Senhora da Piedade, e em março de 1959, foi registrada, sob o nº de União 2853, nº de Estado 12-24 e nº de ministério 101603/59, a autorização de funcionar como Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DE SERGIPE, 1972).

Apesar de autorizada a funcionar como Ginásio da Escola Normal, a instituição ainda não dispunha de prédio apropriado para esta finalidade. Conseguiu assim, através do Governo do Estado, a liberação para funcionar por tempo indeterminado, no prédio onde antes estivera o Grupo Escolar Silvio Romero¹² (que, na ocasião, acabara de ser transferido para um novo espaço). O citado prédio estava localizado em frente ao Ginásio da Escola Normal Nossa Senhora da Piedade, o que facilitou esse processo, viabilizando às freiras a possibilidade de atender nos dois espaços sem maiores problemas, até que se concluíssem as obras já apresentadas na seção 3, tópico 3.2 desta pesquisa.

O objetivo da instituição, todavia, conforme apresentado no início desta seção, não se limitava em oferecer educação intelectual. Por isso, proporcionava igualmente aulas e experiência relacionada à formação religiosa, moral e social.

Aulas de trabalhos manuais, pinturas, datilografia e acordeom eram demonstrações de atividades oferecidas na perspectiva de preparar as jovens para a família e a sociedade, em conformidade com o artigo 25, inciso 3 do Decreto-lei nº 8.347, de 10 de dezembro de 1945: “A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher no lar” (BRASIL, 1945).

Na figura 11 pode-se observar alunas concentradas (algumas de farda e outras não), em aulas de bordado (tendo o bastidor e tecido nas mãos), costura (sentadas nas máquinas de costura) e datilografia (uma jovem, à direita, tecendo na máquina de datilografia),

¹² O Grupo Escolar Sílvia Romero foi inaugurado no dia 23 de dezembro de 1924 na cidade de Lagarto. “Foi planejado para atender não só a uma concepção pedagógica de época, marcada pelo método intuitivo e pelo método analítico de ensino e leitura, mas também para enfatizar a feição monumentalizante da arquitetura de então [...] Embora o Grupo Escolar Sílvia Romero não tenha sido confessional, de alguma forma, atuação de padre, interna e externa, naquela instituição foi ao encontro do que se vinha propugnando aos mesmos desde 1911, no sentido de cuidar de almas e do espírito, mas também do magistério moral e ideológico”. (SANTOS, 2016, p. 336)

acompanhadas da mestra franciscana, em espaço aparentemente preparado para a realização dessas atividades.

Figura 11: Alunas em aulas de bordado, costura e datilografia, acompanhadas da mestra



Fonte: Acervo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida

Todavia, outras manifestações como catequese, retiros e criação de grupos de jovens, a exemplo da Juventude Estudantil Católica ¹³, introduziam no ambiente pedagógico a possibilidade de vivência e cultivo da fé, dimensão que será melhor explorada na seção 4, tópico 4.1.

¹³ A Juventude Estudantil Católica foi um grupo basicamente feminino, fundado em 1935, que tinha por finalidade a descoberta da Igreja pelos estudantes e a difusão do cristianismo dentro das escolas. Era basicamente catequético, introduzindo o cristianismo sem retirar o estudante do seu meio, através de uma ação individual ou de um trabalho coletivo nos colégios. O Movimento, com o passar dos anos, assumiu um caráter social e político. Todavia, com o golpe militar em 1964 e com a hierarquia eclesiástica contrária a este tipo de posição, o mesmo se desfez. http://www.pucsp.br/cedic/fundos/juventude_estudantil.html. Acessado em 08/09/2017 às 20h33.

Figura 12: Grupo de alunas da Juventude Estudantil Católica fazendo uma apresentação.



Fonte: arquivo pessoal da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

Se a fé se fez presente nas práticas do Colégio Nossa Senhora da Piedade também serviu de base para introduzir nas jovens posicionamentos sociais, pela criação do grêmio lútero-recreativo São Francisco de Assis. Nesse espaço as jovens descobriam e exploravam seus talentos tocando, cantando, dançando, apresentando peças teatrais, recitando e até mesmo debatendo e discutindo questões importantes para sua realidade. Era um espaço de lazer e ao mesmo tempo de formação intelectual e social.

O grêmio se reunia no último sábado de cada mês, num salão que nós construímos. Chamávamos grêmio lútero-recreativo. Era muito divertido. Havia hora para tudo: Apresentávamos o quadro “Fatos e boatos” que era um momento de descontração, recitávamos poesia (havia uma declamadora oficial, era Tereza), encenávamos pequenos contos, nos divertíamos aprendendo sobre a vida dos grandes escritores brasileiros... Era fantástico! (HORA, 2017).

O lúdico mediava, desta forma, a construção de saberes, que dialogavam entre o conhecimento intelectual, social e cultural das alunas. Destas práticas, resultou uma postura mais crítica e participativa dessas jovens nas relações escolares e sociais.

Figura 13: Alunas em apresentação musical no grêmio do Colégio.



Fonte: Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida

Outro aspecto marcante da atuação em meio à sociedade estava relacionado à questão do exercício da cidadania. Reconhecer a importância do Estado, ser um bom brasileiro, conhecer e amar os símbolos da pátria faziam parte da proposta oferecida pelas irmãs. Daí a evidência na oração proferida pelas alunas todos os dias antes de começarem as aulas: “Deus, infundi em nós brasileiros o amor ao estudo e ao trabalho para que façamos de nossa pátria uma terra de paz!” (HORA, 2017).

A oração era usada para o despertar de um espírito patriótico, presente no interior da instituição, mediante uma formação que era voltada ao indivíduo e à sua utilidade ao país.

Nesse mesmo contexto se inseria a participação nos desfiles cívicos que eram vivenciados com grande ênfase. Sobre isso, Eletice Matos afirmou: “No dia 07 de setembro, era obrigado a parar e era obrigado a desfilar! Era uma coisa de muito ... “Tem que ser!” (MATOS, 2017). Não obstante a obrigatoriedade, para algumas alunas esse era também um momento prazeroso de se apresentar como aluna do colégio das freiras: “O povo corria para ver o colégio das freiras! Chamava o colégio das freiras! E a gente tudo fardada. Coisa mais linda! Eu tinha o maior gosto de desfilar com aquela farda de gala” (OLIVEIRA, 2017). É importante explicar que:

As festas cívicas escolares deveriam contribuir para o novo regime, demonstrando o progresso do país, entendido como uma visão positiva do futuro e apresentando um novo modelo de cidadão republicano a ser incorporado por todos, contribuindo, desta forma, para a constituição de um imaginário político, histórico e social consoante às novas propostas dos dirigentes (CÂNDIDO, 2015, p. 233).

Assim, o cuidado em apresentar o Colégio no desfile cívico mantendo a tradição e civismos era significativo. Havia a preocupação de não exagerar nas fantasias, de modo a garantir uma postura mais tradicional e respeitosa, como era esperado na época.

Figura 14: Alunas em desfile cívico de 1960



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

Sobre a questão do civismo, destacava-se sua obrigatoriedade legal, conforme a Lei Orgânica do Ensino Secundário, Decreto-Lei N° 4.244, de 9 de abril de 1942, cap. VII, art. 22:

Os estabelecimentos de ensino secundário tomarão cuidado especial e constante na educação moral e cívica de seus alunos, buscando neles como base do caráter, a compreensão do valor e do destino do homem, e, como base do patriotismo, a compreensão da continuidade histórica do povo brasileiro, de seus problemas e desígnios, e de sua missão em meio aos outros povos. (BRASIL, 1942)

Desejava-se com isso formar “[...] a consciência patriótica de modo especial pela fiel execução do serviço cívico próprio da Juventude Brasileira, na conformidade de suas prescrições”. (BRASIL, 1942). Daí a prática de cantar todos os dias o Hino Nacional e na semana da pátria, especialmente, entoar outros hinos cívicos, em um ritual em que se observavam detalhes que garantiam a grandeza do momento: “Perfilados, com a devida postura

e olhando a nuca do colega da frente – essa era a posição certa -, cantávamos o hino nacional com todo respeito (HORA, 2017).

A própria farda fazia referência às posturas desejadas na instituição. A primeira farda das alunas era composta de saia de prega grená com suspensório, blusa branca de tergal com mangas compridas, gravata e laço grená com bolinhas brancas no cabelo, da mesma cor da saia, meião branco e sapato preto. A partir de 1950, a saia passou a ser azul marinho (conservando o mesmo modelo); a camisa de uso diário era de mangas curtas (sendo a de mangas compridas utilizada apenas como uniforme de gala, usado em ocasiões especiais), o laço deu lugar a uma boina azul (integrante da farda de gala), as meias soquetes substituíram o meião e permaneceu o sapato preto. “No que diz respeito à disciplina, o uso desse vestuário também estendia o regimento interno para além de seus portões” (SILVA, 2015, p. 198). Daí, em seus relatos as ex-alunas afirmarem que não poderiam ser vistas acompanhadas de rapazes se estivessem com a farda do colégio, fato que elas driblavam levando roupas escondidas da mochila para trocarem caso conseguissem fugir do colégio para encontrar com algum garoto (OLIVEIRA, 2017).

Em relação à farda masculina – visto que havia alunos estudando no colégio nos três primeiros anos após sua fundação – estes usavam um modelo que se assemelhava à roupa de um soldado, a exemplo do período da ditadura conhecido como Estado Novo em que “os alunos, eram comparados a soldados” (SILVA, 2015, p. 206).

Também para a prática de Educação Física, disciplina obrigatória segundo a Lei do Ensino Secundário, houve mudanças no fardamento. A princípio “tinha o nosso short, o famoso “sacolão”, que era nossa farda de Educação Física (Risos). Era aquele negócio comprido e amarrado com um “fluflu” abaixo do joelho (Risos)” (MATOS, 2017). Depois passou a ser uma saia branca também de pregas, como se pode observar na imagem que apresenta alunas em aula de educação física.

Figura 15: Alunas em aula de educação física.



Fonte: CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1953, p. 30. Autoria desconhecida.

No tocante à aprendizagem propriamente dita, também havia grande zelo e rigor em mantê-la, de modo que as alunas eram sabatinadas com frequência e avaliadas através de boletins que apresentavam notas por comportamentos e bancas examinadoras (presentes nos exames de promoção, admissão e 2ª época). O rigor em aplicar bem o conhecimento passava também pela prática.

Foi no banco do Nordeste, e fomos fazer outras apresentações. [...] Fui pro palco para agradecer. A Ir. Ana Maria mandou eu agradecer – “Agradecer a todos vocês! – Não me lembro mais... Só sei que parou nessa... “A todos vocês, o nosso agradecimento – o muito obrigado!” – Quando eu desci, ela falou: “Volte pra dizer: “Muito obrigado, não! Muito obrigada!” Voltei e disse! Aí marcou. Nunca mais esqueci. (risos) (HORA, 2017).

Tais elementos demonstram o tipo de pessoa que a educação mediada pelas irmãs do Colégio Nossa Senhora da Piedade queriam formar: culta, moral, cristã e boa cidadã.

4. “A ARTE DE EDUCAR A VONTADE”: formando o comportamento ideal

No arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade foi possível encontrar, entre as notas fiscais, uma que se referia à compra do livro “A arte de educar a vontade”. Infelizmente esse livro não foi encontrado, mas a provocação de seu título inspirou esta seção que trata do cuidado das metras franciscanas em oferecer às alunas uma educação que as preparasse para a vida no modelo cristão. Nesse contexto, como também evidenciado em outros estudos “os livros elencados para o consumo das internas deviam ser de acordo com as intenções do Educandário e da Congregação: a produção de moças puras, educadas e disciplinadas para o bem casar” (CASADO; OLIVEIRA, 2003, p. 562). Este precisava ser um diferencial do colégio das freiras e por isso, grande ênfase era dada às questões ligadas ao comportamento. Tanto era importante que Altair Libório citou:

O aluno tinha até um caderno e todo mês ele recebia um boletim. Esse boletim todo mês tinha que ser dado ao aluno, com a nota de 0 a 10. E as cores diferentes também. Cada boletim tinha uma cor diferente e a nota 10 era o azul. Me lembro como hoje.
E a gente fazia aquele álbum do ano todinho com esses boletins.
Era a nota do comportamento da gente. Era como hoje, os pais vinham no colégio apanhar as provas. Eles vinham acompanhar o comportamento da gente. Era mais relacionado com o comportamento do que com a aprendizagem, porque se você se comporta bem, você tem aprendizagem! (LIBÓRIO, 2017).

Não eram admitidas posturas que estivessem em desacordo com a proposta da instituição. E quando maus procedimentos aconteciam, as pessoas relacionadas a estes eram convidadas a deixar o colégio:

Mas, quando qualquer coisa surgia – que sempre surgia – era um terremoto! Qualquer coisa que fugisse da moral, já era desligado. Por exemplo, uma aluna engravidava! Não ficava no colégio!
Aluna do Colégio das freiras não era uma pessoa comum. As alunas tinham que ser diferentes.
A gente tinha que ser aquele espelho que refletisse uma luz diferente dos outros. Responsabilidade grande! (MATOS, 2017).

A representação da jovem comportada e digna de ser espelho para as demais era cultivada no Colégio e acolhida pelas alunas que se apropriavam deste conceito como uma responsabilidade a ser assumida. Todavia, apesar do rigor, ocorreram situações muito delicadas, cujas consequências foram bastante contundentes:

A história que eu falei sobre uma aluna ... Essa é que repercutiu!

Então, a gente votava pra escolher, democraticamente o nome do jornalzinho, que era nossa pretensão pra criar, que graças a Deus se criou. Pois é, uma colega me comunicou: “tem alguém tirando o jornal do mural”. Aí eu fiquei de tocaia pra esperar. [...] Eu fiquei observando, quando ela fez a menção de rasgar, eu já tava esperando. Aí eu: “vupt”! E tomei dela... e nós brigamos.

[...] Então, ela foi pra casa, pegou um revólver e voltou para o colégio. Aí gritaram: “Ir. Cândida, tem alguém com revólver, pra matar Piedade!” Ir. Cândida na sala de aula, né, pegou uma cadeira, escorou e ficou na porta. E todo mundo dentro... Ave Maria... E aquele grito todo. Foi aquele pandemônio! A aluna com o revólver assim, batia e empurrava... (risos) Eu me escondi.

No final me levarem pra casa. Mas eu fiquei com medo, porque minha casa passava pela casa dela e ainda peguei suspensão. Eu ia para o colégio apenas para fazer teste... Irmã Ana Maria me deu suspensão, porque disse que fui eu que provoquei... ela foi tirar e eu avancei. Disse que eu devia ter cautela. Quanto a outra, eu não me lembro. Parece que ela saiu do colégio e foi para Aracaju (HORA, 2017).

Nas festas, a exemplo dos festejos juninos, as quadrilhas eram organizadas de modo que só dançavam meninas:

As mulheres se vestiam de homem. Eu, muitas vezes dancei com as meninas, vestidas de homem. Tenho fotos vestida de homem aqui no colégio. [...] Quem tinha posição, comprava um vestido bonito, estampado, bem enfeitado... E quem não tinha, vestia as roupas dos irmãos, as calças dos irmãos, botava um remendo e era o homem da quadrilha (risos) E as brincadeiras eram lindas, maravilhosas e todo mundo ficava satisfeito. Era assim! Uma sanfona que as próprias alunas tocavam, que aqui tinha aula de música. Aqui tinha aula de música, tinha piano, sanfona... Aí, as meninas aprendiam... Todos aprendiam! Uma tocava sanfona, outra tocava maracá, outra tocava... e fazia a bandinha do colégio! Elas tocavam e a gente dançava. Era a gente mesmo que fazia a festa! Era maravilhoso! (OLIVEIRA, 2017)

É importante destacar que “muito mais do que a alegria e a liberdade que caracterizavam as festividades em outros locais, na escola elas ganhavam contornos singulares, uma liberdade regulada, um saber esquadrinhado com o objetivo de garantir sua finalidade pedagógica” (CÂNDIDO, 2015, p.247). Assim, o que para as alunas era visto como espaço de diversão, para as educadoras era também espaço de aprendizagem, moralização e modernidade. A carta circular nº 06, de 19 de maio de 1965, da superiora geral, Madre Maria Celeste, entre outros assuntos, destaca:

A Igreja pede ainda aos religiosos o testemunho de pobreza e o testemunho de serviço. “Vim para servir e não para ser servido” disse Nosso Senhor. Verifiquemos se as nossas obras – colégios, juvenatos, orfanatos, assistência a ancião, etc., estão dando este testemunho da caridade, se realmente estão construindo o reino de Deus nas almas.

Procuremos atualizar as nossas técnicas de ensino, adotar métodos novos, tudo contribui para o enriquecimento pessoal e da comunidade que cada superiora dirige, mas, sobretudo, sejamos apóstolas na profissão (CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, 1965).

Enfatizando o desejo da igreja, a madre exorta sobre o testemunho e convida a atualizar as técnicas de ensino, meio pelo qual o serviço de construção do reino de Deus se tornava concreto na história da congregação.

4.1 – APRENDENDO A DOBRAR OS JOELHOS: PRÁTICAS DE ORAÇÃO

Destacando o projeto romanizador da Igreja católica, evangelizar através da ação educativa era a grande razão da presença das irmãs em Lagarto. Assim, o cultivo de práticas de oração, retiro, catequese e outras expressões religiosas misturavam-se às atividades escolares, edificando uma cultura que ficaria impregnada na história tanto da instituição, quanto das alunas que por ali passaram.

A ênfase na fé era bem vista e muito valorizada pela sociedade lagartense, de modo que as famílias se esforçavam para colocar as filhas na instituição, a fim de que elas recebessem esse tipo de formação: “Um dia, uma vizinha me disse: Ninha, eu deixei de ter as coisas em casa para pagar o Colégio para a minha filha, pois é o único que dá formação religiosa aqui em Lagarto” (LIBÓRIO, 2017). Era, portanto, diante do Sagrado que a aula começava e terminava:

Nós rezávamos na capela antes de entrar; rezávamos na sala de aula, antes de começar a aula; e para terminar a aula rezava para ir embora. Então, aquilo era uma coisa constante.

Assim, o sininho tocava... a Irmã balançava o sininho e a gente ia para a capela (MATOS, 2017).

O desejo de estabelecer na formação das alunas a dimensão do “sagrado” como mediador de todas as coisas é presente no rigor da rotina orante que marcou profundamente a vida de algumas alunas que conservavam os hábitos da instituição. Muitas delas aprenderam com as freiras a orar antes de realizar ações cotidianas, tomar decisões e resolver problemas.

Todos os dias invocava ao Espírito Santo. Na entrada da aula, né? Todos os dias, por isso todos os dias que eu vou... Eu invoco o Espírito Santo. Pelo hábito do colégio, invocar o Espírito Santo, desde a catequese, que eu fiz aqui. Minha Primeira Comunhão foi feita porque aprendi aqui. Tudo que eu sei de religião eu aprendi aqui, tudo, tudo... (OLIVEIRA, 2017)

A catequese preparatória para receber a primeira comunhão, como afirmou a ex-aluna, era também realizada no Colégio, demonstrando claramente a relação Igreja Católica e colégio.

Figura 16: Alunas que fizeram a primeira comunhão, acompanhadas pelo Monsenhor Marinho. 1948.



Fonte: Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida

Além das práticas cotidianas de oração, havia outras experiências que mediavam a fé, como retiros e práticas devocionais. Os retiros também eram muito comuns para as alunas, de modo a possibilitar-lhes experiências mais profundas de vivência do sagrado, como se pode observar:

Com Frei Eliseu Vieira Guedes, as santas e maravilhosas missões. Lagarto não chovia há 6 meses. Ele cantava conosco: “Lenta e calma sobre a terra desce a noite, foge a luz. Quero agora despedir-me: boa noite, meu Jesus”. Pois é, esse era santo! Terminava a santa missão com chuva! Tenho um santinho do término do retiro pregado por ele no Colégio Nossa Senhora da Piedade. Tivemos retiro santo com o padre Luciano Cabral Duarte [...] Recém-chegado da Europa, com uma bela bagagem religiosa [...] Doutorado na Sorbone, Paris! Tivemos um belo e santo retiro com padre Ângelo, salesiano. Quando terminou ele fez um passeio com todas nós e andamos nas ruas da periferia de Lagarto. (COSTA, 2007)

Além da quantidade de retiros realizados, chama atenção a seleção dos pregadores, uma vez que todos os sacerdotes citados eram reconhecidos na época como grandes estudiosos da fé. Destaque-se ainda Frei Eliseu, que também era considerado um “santo popular”, em decorrência das grandes demonstrações de fé geradas de pregações e ações efetivadas durante as Santas Missões realizadas em Lagarto e nas regiões vizinhas.

Figura 17: Alunas após retiro, acompanhadas pelo Frei Eliseu. Sem data.



Fonte: Arquivo do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Autoria desconhecida

Enquanto colégio católico, destacava expressivamente o incentivo à devoção a Maria, mãe de Jesus, especialmente durante o mês de maio.

E teve uma coisa que me marcou muito: foi o mês de Maria, o mês de maio! Tinha um ramallete espiritual. Cada aluna recebia a missão de fazer seu ramallete espiritual: missas, jejuns, caridade... E a gente, durante o mês, o que fosse fazendo ia anotando... Aí, no dia 31, tinha aquela coroação feita por nós, vestidas de anjinhos... Coroava Nossa Senhora e colocava o “ramallete” com o que a gente fez.

Quer dizer, a gente ficava ansiosa por isso. Porque passaram para a gente que aquele ramallete Nossa Senhora recebia e iria ficar satisfeita porque a gente tinha feito aquilo tudo durante o mês (MATOS, 2017).

A construção do “ramalhete espiritual” citado pela ex-aluna demonstra que as práticas excediam os muros do colégio e alcançavam a vida social das suas alunas, propondo-lhes mudanças comportamentais identificadas na participação de missas, práticas de jejuns e exercícios de caridade. Sobre outros resultados das práticas devocionais marianas vivenciadas no mês de maio, pode-se destacar o testemunho da ex-aluna Josefa Seixas de Andrade, que se tornou freira e passou a chamar-se irmã Ana Maria:

Outro dia, quando eu cheguei em casa, Dinha Lourdes me perguntou por que eu estava diferente, silenciosa, preocupada... e eu respondi: “Olhe, Dinha Lourdes, se não fosse esta máquina de costura eu ia ser freira!” Ela achou muito engraçado, riu e disse: “Eu nunca ouvi dizer que máquina de costura impedisse de ninguém ser freira”. Eu disse: Esta daí vai me impedir, porque eu não vou deixar papai pagando costura para essa multidão de gente. Na minha casa eram 10 pessoas e eu costurava para todas e estava preocupada em deixar papai com esta despesa toda. Porém, a cada dia eu ia sentindo que a presença daquelas irmãs me convidava para uma coisa diferente. Era mesmo para ser freira. Eu sentia assim: que elas tinham um Deus muito forte, que elas transmitiam uma felicidade muito grande e aquela felicidade, eu imaginava que era o Deus que elas possuíam. E eu pensava: eu também quero ser assim. Eu quero ser freira! Elas não sabiam que eu estava passando por tudo isso. Os dias foram se passando e eu tive a felicidade de participar de um mês de maio no colégio. Juarez Prata, que era seminarista, pregou sobre o evangelho de Maria e Marta. Eu então saí da capela, nesse dia decidida mesmo. Eu quero ser Maria, e pronto! Então, eu vim ser freira! (ANDRADE, 2007).

A experiência vivida por essa jovem foi tão significativa que, tendo se tornado freira, passou a influenciar outras jovens, a partir do mesmo texto bíblico:

Naquela época não tinha funcionário para fazer limpeza, nem das carteiras da gente. Quem lixava eram as irmãs; quem envernizava eram as irmãs... Então, como eu era menina de colégio, elas me convidaram pra limpar as carteiras e envernizar. Me lembro como hoje, lá naquele outro prédio, do Silvio Romero. Aí, irmã Ana Maria disse um dia assim: “Oh, Altair! Maria escolheu a melhor parte e essa não lhe será tirada”. Aí, despertou em mim a vocação. Foi essa frase que Ir. Ana Maria disse para mim, envernizando uma carteira (LIBÓRIO, 2017).

No período em evidência, pelo menos cinco alunas se tornaram religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho: Josefa Seixas (irmã Ana Maria), Lizete Prata (irmã Edite), Amazilde Viana (irmã Anunciação), Altair Libório (irmã Altair) e Gení Reis. Apenas esta última não permaneceu na Congregação.

Além da devoção mariana, as irmãs incentivavam as alunas a outras devoções, celebrando com novenas e cultos as festas de santos como: São Francisco, Santa Clara e Santa

Teresinha. As alunas também participavam na paróquia das procissões de Nossa Senhora da Piedade (padroeira da cidade) e *Corpus Christi*. “Era o-bri-ga-tó-rio! O Colégio formava na missa do dia 08 de setembro! Farda de gala, morrendo de calor... Não podia faltar! Com aquelas bandeiras que eu levei várias” (MATOS, 2017).

Figura 18: Alunas acompanhando a procissão de Nossa Senhora da Piedade.



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

A participação nos eventos católicos, tais como as procissões, além de fortalecer a prática dos exercícios religiosos nas alunas, também era oportunidade de apresentar para a comunidade local as atividades do colégio, funcionando, por este motivo, igualmente como espaço de dar-se a ver, reforçando a representação que aquela sociedade fazia sobre a importância da educação católica para a formação das jovens lagartenses.

Em relação às aulas de religião, estas reforçavam os ensinamentos ligados à doutrina católica.

As aulas de religião eram como um curso de teologia. Elas ensinavam História Sagrada, catecismo da Igreja Católica, orações e liturgia. Tínhamos até aulas sobre os objetos, cores litúrgicas, paramentos... tudo de Igreja! [...] patena, cálice, hóstia, galheta, tudo o que eu aprendi sobre a igreja, foi aqui no colégio (OLIVEIRA, 2017).

Todavia, esse conhecimento não se limitava às alunas do colégio. Sendo o primeiro a oferecer o Curso Normal, formou as primeiras professoras, e estas propagavam o que haviam aprendido, inclusive nos aspectos religiosos, pelos colégios por onde passavam: “Olha, no Silvio Romero, onde eu trabalhei na época, levei muita coisa daqui. Aula de Religião não tinha no colégio do Estado, mas eu levei daqui. Por quê? Porque aprendi aqui, né? E não só isso: a tratar as crianças com amor, porque tudo que aprendi aqui eu levei pra lá” (OLIVEIRA, 2017).

4.2 – SORRISOS, LÁGRIMAS, BRINCADEIRAS, CASTIGOS E PERALTICES

Se eram vistas pelas alunas como representação da autoridade da própria mãe, as irmãs interferiam na vida das alunas proporcionando-lhes alegrias e/ou tristezas, conforme a missão educativa assim solicitasse.

E eu não perdia a missa. Todos os dias eu ficava atrás das freiras. Um dia eu tirei o véu!

A madre tinha mania de ficar debaixo da mangueira, num banquinho, e chamava as alunas que ela queria brigar, que queria dizer alguma coisa. A madre Gabriela. Aí, eu disse: “hoje eu não tenho nada para ela reclamar!”. Aí, ela olhou para mim, e fez: “Essa, cortou o cabelo e tira o véu na frente do Santíssimo exposto!”. E eu mais nunca tirei o véu! Saía da igreja com o véu caindo aqui pelo pescoço. Nunca mais tirei o véu! (MENDES, 2017).

Maternas e rígidas, as mestras franciscanas ofereceram às suas alunas diversos momentos de crescimento, alguns acompanhados de sorriso e outros de lágrimas. Sobre os sorrisos cabe remontar as situações vividas nos momentos de lazer como recreios, passeios, piqueniques, encontros do grêmio e realização de dramas (peças teatrais), entre outros.

Naquela época o colégio fazia uns passeios. Era piquenique! Seu Martin Almeida, que era um fazendeiro e tinha as filhas aqui, às vezes cedia a fazenda dele para o Colégio fazer os piqueniques. Era aquela coisa!

Havia tardes de lazer. Aí, juntavam as meninas que tocavam acordeom. Tinha Irmã Maria Cândida que dava aula de piano. A Irmã Cândida era considerada o rouxinol do colégio... “aquela” voz! E aí, fazia assim, nesse sítio, que era um sítio enorme. Aí, tinha aquela tarde de lazer maravilhosa. A gente juntava todo mundo e vinha pra aqui. Com a presença dos professores e as meninas tocando sanfona. E era esse o divertimento!

Quando ia para esses passeios, quem tinha seu acordeom, levava.

O Colégio também fazia dramas, que hoje é teatro. Faziam aquela história! Criavam aquela história e faziam aquele drama. As personagens quem eram? As alunas! Isso aí apresentava no final do ano com cortininha... Drama mesmo! (MATOS, 2017).

O sítio do Colégio, muitas vezes citado pelas ex-alunas nos relatos, era o espaço onde aconteciam de fato os eventos do colégio, até o período em que foi construído o primeiro pavilhão do novo prédio.

Figura 19: Alunas em momento de comemoração no sítio. Sem data.



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

Nesse mesmo espaço, havia, além das fruteiras que serviam de diversão para as alunas, brinquedos que tornavam o ambiente mais divertido: “tinha aquela área toda, também magnífica, com um coqueiro; me lembrei agora de um balanço que tinha, um vai e vem (risos). Esse vai e vem deu dor de cabeça em muita gente, nas irmãs também” (ALMEIDA, 2017).

Todavia, outros espaços também eram aproveitados para o lazer, como o largo situado em frente ao colégio. Nele se realizou, por exemplo, uma gincana promovida pelo Grêmio lútero-recreativo São Francisco de Assis:

Figura 20: Alunos participando de uma prova da Gincana em 1964



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Piedade Hora. Autoria desconhecida

Enfatizando as lágrimas, estas algumas vezes produziram bons frutos, embora à custa de sofrimento, como no caso dessa ex-aluna, que preferiu não ser identificada ao citar este fato:

Um dia eu fiz um cartaz e deu um erro lá... e uma irmã quando leu no cartaz, na frente da turma toda, disse: “Você é burra!” Desse dia até hoje eu não leio em público. [...] Foi por isso que eu fiz o curso de Letras: eu queria mostrar para a irmã que eu iria escrever certo. [...]

Porque ela expos o cartaz e depois disse: essa palavra está certa, Altair? Na minha visão estava. Parece que foi uma troca que eu fiz de “f” por “r”, um negócio assim. “Você é burra! Você tem que estudar mais” [...]

Isso me marcou tanto que decidi ser professora de Português!

Outras lágrimas, todavia, foram derramadas por situações de injustiça e até mesmo de repressão. A exemplo desses casos é possível citar o ocorrido com a ex-aluna Piedade Hora:

Havia a madre superiora que tomava conta de lá, a Irmã Verônica. Ela veio substituir Ir. Ana Maria e eu contestava as coisas que ela dizia e comentava que a boa era a irmã Ana Maria. Aí, ela fez marcação comigo. Acho que foi uma perseguição injusta, ela cismou comigo. Ela achava tipo, que eu era uma rebelde, que de maneira sutil dizia que eu era indesejável aqui. Aí eu chorei.

Pelo amor de Deus, eu não tenho onde estudar, eu não posso pagar, aqui tem pedagógico, eu preciso... Eu tenho a impressão de que ela não é mais freira não, irmã Verônica.

Ela foi terrível comigo! Aí veio a madre. Não sei se foi madre, acho que foi a madre Olivete. Bom, disse: “não, não vai ser assim não”. – “Você promete que vai respeitar a irmã?” – tudo muito bem. Eu tinha que prometer, mas eu tinha que ficar à lei da mordaza, não podia reclamar de nada. Eu fiquei quietinha, não questionava nada. Mas isso não abalou meu amor pelo colégio, porque ela não representa todo meu colégio, nunca representava mesmo! (HORA, 2017).

As formas de castigar eram variadas: chamar os pais, deixar a aluna de joelhos, não permitir que saísse para o recreio, ou obrigar a escrever frases que refletissem sobre o erro cometido.

Ah, gente.... me lembro de um dia que nós estávamos lá... era mês de agosto. Então, estavam ensaiando as bandas, e os colégios ensaiavam para poder desfilar no dia 7. E quando o colégio Silvio Romero ia passando, a turma todinha veio pra frente e começou a gritar, a respeito do Silvio Romero. Sei que a gente tinha uma frasezinha que eu não me lembro. Irmã Ana Maria botou todo mundo de castigo na sala e só saíram de lá depois de uma hora, escrevendo uma frase: “Meninas educadas não mangam...” Não, como foi? “Meninas educadas tratam os outros bem, não dizem palavras feias com os colegas”. Era uma frase grande, pra elas colocarem todinha, escrever 150 vezes a frase. Aí, eu chorando dizia: “Mas eu não fiz isso!” Eu não fiz porque estava brincando lá pra trás, né. Foi justamente no período que eu lasquei a cabeça; até que ela chegou e disse bem assim: “Tá com um gorro na cabeça, mas vai ficar. Vai ficar porque você também tava lá”. Eu cheguei disse: “Tava não. Eu estava brincando lá atrás”. Porque mesmo com a cabeça quebrada, eu não deixava de correr e de passar pelo local que tinha quebrado a cabeça.

Mas ela disse: “Não, vai escrever também!” Não escrevi as 150, mas fiquei lá até 2h30. Saí eu, saiu Teresinha e saíram as outras. Eu porque estava com a cabeça quebrada, a desculpa. Eu já cheguei em casa azeda, reclamando porque tinha ficado. Papai disse: “Bem empregado! Mais tivesse, pra você aprender” (ANDRADE, 2017).

Como tantos outros aspectos, os castigos passavam por vezes pela dimensão do sagrado, buscando despertar nas alunas não apenas o reconhecimento do seu erro, mas também o temor a Deus em relação a esses erros:

Uma vez eu fui para um churrasco e lá pinteí as unhas. Quando vim para o Colégio na segunda-feira não deu tempo de tirar o esmalte. Irmã Espírito Santo me botou de castigo para eu mostrar as unhas a Jesus. Me botou na capela de castigo. Eu disse: Irmã Espírito Santo, a senhora não disse que Deus vê tudo? E Ele não vê que estou com as unhas pintadas? Aí, ela botou mais ainda. (risos) (COSTA, 2017).

Embora com tanta formação disciplinar, as alunas também aprontavam algumas peraltices:

Eu me lembro que irmã das Graças dava aula de Português à gente. Aí, não tinha aqueles caixõezinhos de colocar giz? As meninas levavam uma barata e colocavam dentro. Ela tinha medo de barata, né, aí pegava a gente e ia dar aula na frente da igreja do Rosário. Toda vez que eu passo ali, me lembro disso! (LIBÓRIO, 2017).

Não obstante as experiências por vezes dolorosas, todas as alunas entrevistadas demonstraram gratidão pela educação recebida e atribuem o sucesso alcançado por elas aos conhecimentos adquiridos e experiências vividas no colégio: “Mãe analfabeta, semianalfabeta, não tinha formação nenhuma. Deu o que tinha de dar, mas não tinha por onde me dar. Então eu enveredei por um caminho melhor, porque estudei aqui!” (HORA, 2017). O mesmo sentimento de reconhecimento é percebido em alguns relatos, mesmo quando se fala da vida pessoal:

Mas, o CNSP é uma marca! Como educandário, como ginásio... Ele é uma marca e eu posso dizer o seguinte, como ex-aluna eu posso dizer o seguinte: tudo o que se viveu aqui, tudo o que se recebeu daqui foi muito válido! E pra quem sabe aproveitar, foi uma sustentação para o resto da vida. Porque eu, diante de tudo o que passei na minha vida... dos piores buracos que a vida me ofereceu, eu não afundei porque vivi do que recebi aqui. Eu tentei me fortificar no que recebi aqui. Uma semente muito bem lançada! (MATOS, 2017).

A representação da educação mediada pelas Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, bem como a forma como as ex-alunas se apropriaram da cultura escolar vivida naquela instituição, marcaram a trajetória de vida de muitas lagartenses, apontando-lhes rumos e valores a seguir.

4.3 – A CULTURA DO INTERNATO

A produção historiográfica educacional de Sergipe, não obstante as pesquisas já realizadas no campo da educação católica feminina, ainda traz grande lacuna no tocante à questão do internato de meninas. Conceição (2017) aponta para a existência desses espaços educativos:

Quadro 10: Internatos Femininos

Internatos Femininos			
Nº	Estabelecimento/Denominação	Local	Diretor e/ou Proprietário
01	Colégio Boa Esperança	Rua da Aurora, nº 60, Aracaju	Marianna Braga
02	Colégio Camerino	Estância	Maria Cândida de Carvalho
03	Colégio Coração de Jesus	Riachuelo	Eulina de Aquino Vasconcellos
04	Colégio Maria Auxiliadora	Praça 7 de Setembro, Estância	Laura Gomes Leite, auxiliada pelas professoras A. Salles, Constança Pitangueira
05	Colégio Nossa Senhora da Glória	Maruim	Cecília Maia
06	Colégio Nossa Senhora da Conceição	Aracaju, Travessa Cel. José de Faro	Maria da Glória Chaves
07	Colégio Nossa Senhora das Graças	Praça Tobias Barreto, Propriá	Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
08	Colégio Nossa Senhora de Lourdes	Aracaju	Congregação das Irmãs Sacramentinas
09	Colégio Nossa Senhora Santana	Av. Barão do Rio Branco, Aracaju	Quintina de Oliveira Diniz (1908), Sylvia de Oliveira Ribeiro (1916)
10	Colégio Patrocínio de São José	Praça Tobias Barreto, Aracaju	Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição
11	Colégio Santa Cruz	Aracaju, Rua da Avenida, Bairro Industrial	Maria Margarida da Santa Cruz e Santos
12	Colégio Santa Terezinha	Boquim	Padre Gumercindo Santos
13	Educandário Nossa Senhora da Piedade	Lagarto	Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho
14	Imaculada Conceição	Capela	Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição
15	Internato S. Cecília	Laranjeiras	Cecília Curvello
16	Sagrado Coração de Jesus	Estância	Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição

Fonte: CONCEIÇÃO, 2017, p. 370

No Colégio Nossa Senhora da Piedade, o internato era uma opção para as jovens da zona rural que desejavam estudar, mas não tinham condições de deslocar-se diariamente para a cidade. Não havendo muitas opções, restava a algumas dessas jovens o deslocamento de longas distâncias, o analfabetismo ou o internato. As que optavam pelo internato ainda precisariam ter a sorte de conseguir esta vaga no “Colégio das freiras”, único estabelecimento da cidade a oferecer este serviço.

Eu batalhei para entrar lá dentro. Na época que eu queria, eu queria e meu pai não aceitava, minha mãe também não aceitava. Porque a primeira vez que eu passei na frente do colégio, eu vi as freiras e falei: eu venho morar nessa casa!

Sabe, porque para a gente que mora no sítio o estudo é difícil. O que é de você fazer num ano, você faz em dois, três. Porque onde a gente morava era muito longe para ir para a escola.

Você chegar numa escola depois do intervalo. Que que você aprende?

Então, eu fui para o colégio já com uma idade avançada.

Mas, fui com uma finalidade: queria estudar!

Mas, já era bem mais velha do que os que estavam lá dentro (FONSECA, 2017).

A maioria das jovens internas pagavam sua estada e estudos na instituição através de prestação de serviços, como limpeza do colégio, trabalhos na secretaria, biblioteca e portaria, entre outros.

Eu ajudava em tudo o que precisava: tinha minha semana de cozinha, tinha minha semana para ajudar a limpar as salas de aulas. Eu ia! O que mandasse fazer eu fazia. [...]

Eu batalhei, batalhei... fiquei na portaria. [...]

Eu era responsável de fazer a feira do colégio [...]

Durante a semana também, se precisasse ir no açougue, eu era a responsável. Também com Irmã Cristina. Ela tinha um negócio lá que vendia terço, livrinho, que era na portaria. Então, eu também era responsável por isso. [...]

Eu cheguei a ajudar no Jardim de Infância lá. Também trabalhei na biblioteca, tomava conta de entregar os livros para os alunos, essas coisas... Cheguei até a dar aula no 2º ano primário (FONSECA, 2017).

Havia também internas pagantes, cujas mensalidades “representavam fonte de recursos para a manutenção de atividades assistenciais e religiosas” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 377), inclusive da manutenção do próprio internato. Essas internas, por sua vez, não precisavam ajudar nos trabalhos de limpeza do colégio. “Todas as internas trabalhavam, menos aquelas que eram filhas... que podiam pagar, né! [...]. Mas, tinha umas também que os pais... Eram filhas de fazendeiros, não é! Os pais pagavam e elas não faziam nada” (FONSECA, 2017).

Segundo a mesma ex-aluna, todas as internas (pagantes ou não) tinham acesso aos mesmos ambientes educacionais. Não havia refeitórios, dormitórios ou salas de aulas separadas para não pagantes, como era típico nas escolas particulares da época, a exemplo do Colégio Nossa Senhora das Graças (em Propriá), que mantinha a Escola Santo Antônio, para atender separadamente às crianças menos favorecidas (ARQUIDIOCESE DE ARACAJU, 1949).

No Colégio Nossa Senhora da Piedade, embora alguns aspectos fossem comuns a todas as alunas, havia diferença em relação à prestação do serviço. As “gratuitas” tinham a obrigação de ajudar nas tarefas “domésticas” e, igualmente, dedicar-se aos estudos como as demais, sendo-lhes exigido igual empenho, embora em condições desiguais.

Além dos estudos (e trabalhos, no caso das internas), comportamentos também eram trabalhados no dia a dia do internato, a exemplo da forma de se portar à mesa:

As irmãs falavam: “Vocês estão aqui para se educar! Aprender coisas bonitas. [...] Tinha uma freira que falava assim: “Às vezes, sempre e nunca!” Era na mesa... a posição dos braços. Punha essa parte do braço na mesa: sempre; o meio do braço: às vezes; e punho e cotovelo: Nunca!
Eu achava lindo o modo da gente no refeitório, porque elas ensinavam como se alimentar. Como se comportar.
Quer dizer, você saía dali, você não iria passar vergonha aonde você fosse. Porque você aprendeu dentro do colégio (FONSECA).

Havia momentos de descontração e lazer, onde a relação entre as irmãs e as internas parecia mais próxima:

A gente jogava bola; a gente jogava pingue-pongue; a gente brincava de queimado lá dentro. Era gostoso!
Tinha umas irmãs que, com os hábitos delas pra lá e pra cá, jogavam bola. Elas falavam: “Vocês fizeram eu sujar minha beatilha! Vina, você vai passar!”
Aí, eu falava: “Eu passo!” E passava... com aquela goma dura... eu passava!
Então, a gente era uma família!
Tinha suas coisas rígidas? Tinha! Mas, nós tínhamos lazer. Tinha nossas horas de brincar junto, de conversar, de nos divertir (FONSECA, 2017).

No tocante aos castigos, no entanto, estes eram mais rigorosos do que com as alunas não internas.

Todo final de semana eu vinha para casa. Porque a maioria não tinha essa liberdade. Porque dependia do comportamento. E eu vinha para casa. Todo sábado meu irmão vinha me pegar ou meu tio. E eu voltava na segunda-feira cedo... Porque ... eu era responsável de fazer a feira do colégio. (Vina)
Uma vez eu peguei um castigo lá. Ah, deixa eu te contar esse! Uma vez nós fomos tirar jaca... eu subia na jaqueira... e a jaca quase que arrebatava Irmã Geralda.
Porque a gente levava uma corda e amarrava no talinho da jaca, né? E eu: “Irmã Geralda, lá vai a jaca! Pelo amor de Deus sai de baixo!”. Gente, por pouco aquela jaca não caiu na cabeça dela. Aí, eu não sei, a Irmã que cuidava da gente, que eu não lembro mais quem foi: “Quem derrubou a jaca?”. A irmã Geralda falou: “Não é para falar quem foi!”... Porque se falasse era eu sozinha que recebia o castigo. E não fui só eu. Tinha outras que eu não vou revelar o nome delas, porque eu não vou descobrir agora (risos). Aí, puseram a gente de castigo, no pátio onde tinha um jardimzinho ... Aí, gente, eu achava aquilo muito fora de sério: a gente lá, naquele sol, para arrancar todos os matinhos do jardim, de joelho! Meu Deus! ... A gente tinha que pôr o joelho naquele chão quente! Aí eu falava assim: “Senhor, Senhor, não faça ferida no meu joelho não. Faça no dela!” mandava fazer no joelho dela, que era a superiora... malvada, né?” (risos)
Aí, eu falava: “Você está pensando que menina de colégio não apronta? Apronta! Apronta!” (risos) (FONSECA, 2017).

Esse relato da ex-interna apresenta a questão disciplinar no colégio comparando-a com a forma militar de educar:

Era militarzinho!

Para a gente ir para o refeitório tinha hora certa. Fila! Aí, gente! Eu detestava aquela fila. Cada uma no seu lugarzinho, com seus talheres com nome, guardanapo com nome... A gente era responsável até pelos talheres, que a gente levava de casa. Tudo com o nome, bonitinho!

Por exemplo, você atrasou com alguma coisa. Você ficava sem comer. Ficava! Porque entrou no refeitório e você não estava na fila. Aí, uma vez eu falei para a irmã: “A gente explicou porque atrasou. Você acha certo a gente ficar sem comer?” Aí, com o tempo, ela começou a dizer que quem atrasasse cinco ou dez minutos podia entrar.

Isso também eu consegui: ela dar os dez minutos de atraso (FONSECA, 2017).

Embora não fossem freiras, algumas regras impostas às alunas estavam diretamente associadas aos costumes vivenciados nos conventos.

Assim, os horários impostos, as obrigações religiosas diárias (missa diária, recitação do terço, retiro, exercícios espirituais), a guarda do silêncio, especialmente no refeitório e dormitório, o comedimento nos gestos e brincadeiras, o cuidado com a seriedade das roupas, o estilo “conventual” dos prédios marcaram estes internatos (CONCEIÇÃO, 2017, p. 377).

A cultura própria do convento era, portanto, imposta às internas especialmente pelas práticas e comportamentos exigidos na instituição:

Você amanhecia o dia para ir para a missa. Sua roupa, que era uma jardineira xadrez verde com uma blusa branca, aquela jardineirinha já estava lá, nas cadeiras para a gente vestir. Não é militar? É! Mas, eu respeitava. [...] Eu achava lindo a jardineira. Me sentia muito assim: importante! Ficava na matriz, sentada nos bancos da frente. As meninas do colégio! Quem não queria uma vida daquela? Era muito bom! [...] A gente levantava cedo, tomava banho, assistia à missa, depois da missa tomava café e ia pra sala de aula. Terminavam as aulas, fazia mais o que tinha para fazer, vinha o almoço. Aí, cada uma ia fazer suas obrigações (FONSECA, 2017).

Depois do almoço descansava, ia para o jardim e depois se recolhia às 17h para o terço, e às 18h era o ângelus. A gente rezava antes das irmãs chegarem, depois ficávamos aguardando a hora da janta, sentadas do lado de fora da capela.

Depois da janta, quem quisesse ficava conversando com as coleguinhas; senão, iria dormir (NASCIMENTO, 2017).

Em relação aos dormitórios, eram três quartos interligados por portas. O critério para a divisão das internas nos quartos era a faixa etária: “Havia dormitório das pequenas, o das grandes, e o quarto da irmã” (NASCIMENTO, 2017). É importante destacar que “Em internatos confessionais católicos, as irmãs tomavam para si o encargo de vigiar o dormitório [...] para velar pela moralidade das meninas e socorrê-las em qualquer necessidade” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 227). Neste mesmo modelo, no Colégio da Piedade havia uma irmã que dormia com as internas: “o quarto dela, só era ela. Mas a porta tinha acesso ao nosso. Ela era a última a deitar. Tadinha! Tinha um dó dela” (FONSECA, 2017). Isso porque a vigilância era vista como um elemento extremamente necessário dentro dos internatos, uma vez que “Buscava-se educar pelo exemplo, mas também pela vigilância, visando a coibir condutas em desacordo com a moral” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 226).

Havia, nos primeiros anos, a exigência de uma roupa própria para dormir, o que com o passar dos anos foi flexibilizado:

Nós usávamos camisola de manga comprida. Um calorzão e a gente lá com aquelas camisolas de manga comprida. Falei: “Gente, tira essa manga! Não estamos só nós aqui?”. Com o tempo foi encurtando a manguinha... Daqui a pouco, arrancou a manga! Ia dormir, né! Pra que isso? (FONSECA, 2017).

Havia em cada proposta do internato a intenção de moralizar: “Às vezes a gente falava muita besteira e elas começavam a brigar, porque não podia falar aquilo. Mas, a gente não falou palavrão!” Ela falava: “Mas, vocês estão aqui para se educar! Aprender coisas bonitas”. (FONSECA, 2017), sendo esta uma das marcas mais acentuadas entre todas as que foram deixadas pelo internato das mestras franciscanas do bom conselho.

4.4 – JORNAL “O ESTUDANTE”: VALORES, BUSCAS E INQUIETUDES DAS ALUNAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Inquietudes, sonhos de transformação social, necessidades de se fazer ouvir: são marcas da cultura escolar do Colégio Nossa Senhora da Piedade registradas em um impresso produzido pelas suas alunas e denominado “O Estudante”.

O estudo de impressos enquanto significativo elemento da cultura material escolar vem ganhando visibilidade na história com o advento da Nova História Cultural, que se propõe a valorizar novas fontes que testemunham, por sua materialidade, o cotidiano histórico, analisando-as a partir dos conceitos de representação e apropriação apresentados por Chartier (2009), que, por sua vez, adverte que:

[...] as apropriações concretas e as intervenções dos leitores (ou dos espectadores) dependem, em seu conjunto, dos efeitos de sentido para os quais apontam as próprias obras, dos usos de significados impostos [...] e expectativas que regem a relação que cada comunidade mantém com a cultura escrita (CHARTIER, 2009. p. 43).

Nesse sentido, é importante destacar que “[...] os leitores se apropriam dos impressos de formas distintas. Isso significa que os enunciados não chegam aos leitores conforme a vontade de seus produtores” (SANTOS, 2006, p. 27).

A análise de “O Estudante” viabiliza, portanto, a compreensão de aspectos da cultura escolar da mencionada instituição, destacando que essa deve efetivar-se a partir do funcionamento interno da instituição, a fim de garantir a compreensão desta a partir das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém (JULIA, 2001, p.10). Assim, o desafio de apresentar a cultura escolar como objeto histórico implica observá-la para além das suas normas e finalidades, trazendo à tona a necessidade de fontes fidedignas, a exemplo de impresso, visto que estas “possibilitam-nos conhecer uma determinada realidade, não apenas no campo dos acontecimentos e fatos educacionais, mas igualmente sobre temas que se desenrolavam naquele momento”.(VIDAL, 2009, p. 2). Outrossim, a construção e assimilação da historicidade relacionam-se a uma conjuntura que se alarga atingindo as possibilidades e limites de cada realidade social, fazendo emergir a necessidade de reflexão acerca da memória e história, dos conflitos e acomodações e da relação destes elementos com a temporalidade.

Muitos são os trabalhos desenvolvidos a partir de impressos sergipanos de cunho católico e/ou educacional, sendo uma amostra destes o que se vê no quadro a seguir:

Quadro 11: Alguns trabalhos sobre impressos sergipanos católicos e/ou educacionais do Século XX

TÍTULO	AUTOR	CATEGORIA, INSTITUIÇÃO E LOCAL	ANO
Jornais, revistas e outras publicações periódicas de 1832 a 1908.	GUARANÁ, Armino	Artigo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro/RJ	1908
Imprensa em Sergipe	ARAÚJO, Acrísio Torres	Livro Brasília/DF	1993
Os impressos sobre a Educação em Sergipe (1889 – 1930).	SOUZA, Cristiane Vitório	Artigo. Cadernos UFS – História da Educação. São Cristóvão/SE	2003

“A Cruzada Católica”: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX.	SOUZA, Valéria Carmelita Santana.	Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão/SE	2005
Educação na imprensa católica: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961 – 1969)	SANTOS, Ana Luzia	Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão/SE	2006
“O Necdalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909 – 1911)”	VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos	Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão/SE	2009

Fonte: Banco de teses e dissertações CAPES. Acessado em 09 de setembro de 2017, às 13h06. FREITAS e DANTAS, 2008.

Ainda sobre as publicações católicas que circularam em Sergipe, merece destaque o artigo de Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Maria José Dantas, intitulado “Impressos católicos em Sergipe e suas contribuições para a História da Educação”, que apresenta um levantamento apontando estudos na área, além de práticas e conceitos educacionais, revelando, nesse instrumento, elementos formativos, civilizatórios e portadores de inovações pedagógicas e metodológicas (FREITAS e DANTAS, 2008).

O jornal configura-se como um importante elemento histórico por sua proximidade com os sujeitos e, conseqüentemente, por sua expressividade sem máscaras da realidade circuncindante:

Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Actores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas quase sempre “quentes”, as questões essenciais, que atravessam o campo educativo numa determinada época. A escrita jornalística não foi ainda, muitas vezes, depurada das imperfeições do cotidiano e permite, por isso mesmo, leituras que outras não autorizam. (NÓVOA, 1997, p. 30-31)

Daí se entender que “Deste modo, podemos perceber que os impressos possibilitam-nos conhecer uma determinada realidade, não apenas no campo dos acontecimentos e fatos educacionais, mas, igualmente, sobre temas que se desenrolavam naquele momento” (VIDAL, 2009, p. 2).

É dentro desse pressuposto que o jornal “O Estudante”, produzido pelas alunas do Curso Pedagógico do Colégio Nossa Senhora da Piedade, apresenta traços significativos da cultura escolar da instituição, bem como da elaboração do pensamento de suas alunas.

Segundo relato da ex-aluna irmã Altair, o jornal das alunas do “Piedade” teve suas primeiras tiragens mimeografadas. Todavia, não trazia este nome e tinha uma característica de reivindicação. “Era para solicitar melhorias, pedir cadeiras novas – porque eram aquelas cadeiras conjugadas. Era mais para isso! Essas coisas de aluno! E olhe que tinha que passar pela diretora. Só era liberado depois que a irmã Verônica assinasse e ela era muito exigente” (LIBÓRIO, 2017).

Resgatado e ganhando nome, entre abril de 1966 e outubro de 1967, numa versão impressa em gráfica, o referido jornal ganhou maior visibilidade e chegou a publicar nove números, dentre os quais foi possível apresentar sete, por conta da impossibilidade de localizar as edições de número 3 e 4.

Quanto a sua materialidade, “O estudante” era impresso na tipografia do deputado José Ribeiro, a quem as alunas agradecem na primeira edição lançada. Era feito em papel jornal, contendo, cada exemplar, quatro páginas, o que ocupava os dois lados da folha de tamanho A3 dobrada ao meio.

Figura 21: Exemplar do Jornal “O estudante”



Fonte: Acervo pessoal da ex-aluna Josefa Nery

Em todas as edições analisadas foi utilizada a mesma logomarca para identificação do jornal. Nela aparecia o nome do impresso “O estudante”, em letras maiúsculas, entre dois traços. Em seguida era identificado ano de edição, número, nome do órgão do qual fazia parte, cidade e ano civil.

Os artigos, em geral, eram organizados em colunas (geralmente duas ou três), com títulos em destaque, desde a primeira página. Não havia no jornal anúncios comerciais. As edições eram vendidas isoladamente, podendo também ser adquirida a assinatura anual e/ou semestral do impresso.

O trato dos assuntos abordados nos jornais encontrados deu-se, a princípio, pela catalogação das obras e organização do material de modo a possibilitar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, resultando na criação do seguinte quadro:

Quadro 12: Informações sobre o jornal O estudante (1966 a 1967).

ANO	Nº	DATA	EDITORIAL	COLUNAS FREQUENTES	COLUNAS VARIÁVEIS
I	1	Abril de 1966	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento Impresso nas oficinas de “A VOZ DE LAGARTO”	Pensamentos que merecem ser lidos Crônica da semana Ria se quizer Trovas	Nosso agradecimento ao deputado José Ribeiro Para o leitor Homenagem ao Herói O amor Cantinho do curioso Poema “te sigo esperando” A adolescência Parabéns a Célia Conhecendo os grandes vultos Os Bailes A nossa sociedade Aniversariantes do mês
I	2	Maio de 1966	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Maria Francisca de Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento Impresso nas oficinas de “A	Pensamentos que merecem ser lidos Crônica da semana Ria se quizer Trovas O estudante	História do dia das mães Perfil de uma amiga O grande homem Garotas da nossa geração Mãe querida Colégio de “Nossa Senhora da Piedade” Noticiário estudantil Dia das mães Notas sociais Sorri na monotonia do dever cotidiano

			VOZ DE LAGARTO”		
I	5	Agosto de 1966	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Maria Francisca de Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento Impresso nas oficinas de “A VOZ DE LAGARTO”	Aniversariantes do mês	Superiora geral regressa ao Brasil O Namôro Festa de Nossa Senhora da Piedade As belas definições de saudade Dia dos pais. Tenha classe, garôta! O livro Pelo mundo afora A prudência Considerações sobre o amor Aquilo que o dinheiro não pode comprar A nossa sociedade O valor da leitura Estudante
I	6	Setembro de 1966	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Maria Francisca de Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento Impresso nas oficinas de “A VOZ DE LAGARTO”		4ª Gincana automobilística: obstáculos A festa da padroeira À mestra querida Professorandas em excursão Curiosidades A humildade Programa da festa da padroeira Um grande dever esquecido Sabedoria da vida, sabedoria da morte Perdoar
I	7	Outubro de 1966	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Maria Francisca de Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento	Crônica da semana	A Igreja do rosário Casamento Ideal Uma palavra boa A nossa sociedade Juventude Em busca de paz Agradecimentos Origem da língua portuguesa O estudo O futebol tem sua história Um programa para cada dia

			Impresso nas oficinas de “A VOZ DE LAGARTO”		
II	8	Setembro de 1967	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Maria Francisca de Oliveira Parte social: Edna Almeida e Inês Santos Parte humorística: Auxiliadora Oliva Nascimento Impresso nas oficinas de “A VOZ DE LAGARTO”	Pensamentos que merecem ser lidos Ria se quizer A entrevista do mês A crônica da semana	De parabéns estudantes do Colégio Nossa Senhora da Piedade 2º lugar, por quê? Noticiando Quadrilhas “Como ser feliz” Cousas que incomodam Aniversário de casamento É lamentável mais é verdade Alegria Franciscana
II	9	Outubro de 1967	Diretora chefe: Maria de Piedade Hora Secretária: Maria Elenice Oliveira Tesoureira: Aldemira Alves da Silva Parte social: José Carlos de Carvalho e Maria Hortência Silva Parte humorística: Raimunda Alves da Silva Impresso nas oficinas de “A SEMANA”	Ria se quizer Pensamentos que merecem ser lidos O educador	Colégio Nossa Senhora da Piedade e o seu jornal Coisas que não retornam A perseverança Aí vem teu grande dia Liquidação Autorização Seja indulgente Você sabia? Canção do otimismo Piedade Hora comenta O que diz o evangelho

Fonte: JORNAL O ESTUDANTE, 1966-1967

Quanto ao seu objetivo, como afirma o editorial de sua primeira edição, “*O Educador*” foi criado pela iniciativa do Grêmio Literário São Francisco de Assis, com objetivos claros:

A nossa intenção é que este veículo divulgador venha criar entre seus leitores uma consciência sensível para os problemas sociais, uma mentalidade ao serviço do bem comum de todos os Estudantes e não Estudantes. Deste modo o Grêmio Literário São Francisco de Assis, sob a presidência da Pedagoga¹⁴

¹⁴ Expressão usada pelas ex-alunas do Curso Pedagógico, durante as entrevistas concedidas, para se autonear.

Piedade Hora, criou este pequeno jornal com o apoio das alunas e professoras do Ginásio N. Sra. da Piedade, colégio no qual temos a honra de ser alunas. (JORNAL O ESTUDANTE, Ano I, n. 1, p. 1, abril, 1966).

Pela finalidade formadora, esse mesmo editorial ainda destaca: “Que seus artigos ponham claro a responsabilidade em construir a cidade terrena, em colaborar por um mundo mais humano, isso é, mais justo, e como órgão formativo, elevar a cultura de nossa gente”. (JORNAL O ESTUDANTE, Ano I, n. 1, p. 1, abril, 1966)

Todavia, esse jornal torna-se importante sobretudo por trazer os temas, ideias e comportamentos das suas autoras, abrindo as portas que possibilitam problematizar suas polêmicas, discutir seus pensamentos e descortinar sua cultura.

Exemplo claro dessa perspectiva pode ser observado na análise da coluna “Ria se quizer”, que possibilitava o encontro com a materialidade das propostas editoriais, ainda que de forma lúdica e divertida, uma vez que tocam em assuntos importantes e provocam reflexões significativas para sua realidade.

“Ria se quizer” formatava-se como um espaço onde se podia encontrar piadas, variando de uma a cinco por edição, geralmente assinadas por diferentes alunas ou até mesmo não assinadas. Dos sete números analisados, os de número 5, 6 e 7 não apresentaram essa coluna, não evidenciando também quaisquer justificativas para tal exclusão, sendo que a edição de número 6 traz, embora denominada de “Curiosidade”, uma piada envolvendo fonética, vocabulário, criatividade e humor.

Um rapaz chega num restaurante, senta-se, chama o garçom.

- Fineza, faça, favor.
- Que deseja?
- Frango, frito.
- Com quê?
- Farinha, feijão, farofa.
- Quer pão?
- Faça fatias.
- E bebidas?
- Frisante.
- Qual sua profissão?
- Ferreiro.
- Já deixou?
- Fui forçado.
- Por quê?
- Faltou ferro.
- Onde você mora?
- Fortaleza.
- Em que bairro?
- Floriano
- E a rua?

- Florianópolis.
- Como é seu nome?
- Francisco Fagundes Fontes Feitosa.
- Olhe, se você disser mais seis palavras com F não paga a refeição.
- Foi formidável, ficando fiado, fico freguês (JORNAL O ESTUDANTE, Ano I, n. 6, p. 2, setembro de 1966).

Não obstante o caráter lúdico, os princípios da moralidade e formação cidadã são facilmente encontrados nas piadas, assim como temas relacionados à família, à importância da leitura (e dos estudos) e a valores a serem cultivados, como se pode observar:

- Papai, o professor me elogiou hoje. – Que disse ele? – Disse: ‘Vocês são uma récula de quadrúpedes, e o maior de todos eles é o João!
- O pai zangado com o filho:
- Será que o professor não desconfia que eu ajudo você a fazer os deveres de casa?
- Acho que sim, papai. Ele já me disse que era impossível que uma pessoa só fizesse tantos ERROS (JORNAL O ESTUDANTE, Ano I, n. 1, p. 3, abril, 1966).

A relação das piadas com os conflitos e buscas das alunas pode também ser percebida em alguns momentos quando os personagens das piadas passam a receber os nomes das próprias pedagogistas e de pessoas ligadas a elas (como namorados ou familiares).

NO EXAME DE GEOGRAFIA

- A professora pergunta a Virgínia Libório quantas são as partes do mundo.
- Vendo que ela está hesitando trata de ajudá-la um pouco.
- São tantas quanto as vogais.
- Cinco, respondeu logo Virgínia, a, e, i, o, u.
- Essas são as vogais. Mas, e as partes do mundo? Vamos, também começa com a ... Ásia.
- Ah! Já sei: Ásia, Esia, Isia, Osia, Usia (JORNAL O ESTUDANTE, Ano II, n. 8, p. 3, setembro de 1967).

É possível ainda encontrar piadas feitas a partir de situações vividas pelas próprias alunas:

- Vocês notaram que a nossa Miriam tem ficado ultimamente mais simpática e elegante; e essa transformação devemos a Casca?
- Temos ultimamente em nosso meio um coração inflamado por um amor brasileiro, este coração flechado pelo cupido é o da nossa Piedade Hora (JORNAL O ESTUDANTE, Ano I, n. 2, p. 3, maio de 1966).

Pode-se perceber, não obstante o caráter lúdico, que dessa citação deixam-se escapar elementos significativos ligados a situações reais, vivenciadas pelas pedagogistas, apontando para a apropriação de elementos sociais na cultura institucional, uma vez que, sendo um colégio de freira e exclusivo para meninas, no Nossa Senhora da Piedade, temas relacionados às questões sentimentais das alunas certamente não eram do interesse pedagógico. Neste caso destaca-se a afirmativa de Dominique Julia:

Seria conveniente analisar atentamente as transferências culturais que foram operadas da escola em direção a outros setores da sociedade em termos de forma e de conteúdos e, inversamente, as transferências culturais operadas a partir de outros setores em direção à escola (JULIA, 2001, p. 37).

Dessa forma, é possível identificar fatos, como início de namoro e namoro escondido, materializando a vivência de uma cultura que passa a fazer parte da instituição marcadamente fundamentada nos princípios de moralidade da época.

Ao abordar seus conflitos e buscas na coluna “Ria se quiser”, as alunas do Nossa Senhora da Piedade encontram no lúdico o espaço necessário para expressarem suas inquietações, como se estas não passassem de brincadeiras, e portanto, não lhes trouxessem maiores riscos, uma vez que, sendo piadas, não representavam a verdade fidedigna, mas apenas elementos mediadores de diversão para os leitores.

Brincar com seus conflitos permite às pedagogistas a profunda experiência de rever seus valores sociais, éticos e morais, na busca por desenvolver a possibilidade de uma leitura crítica e consciente, muito embora divertida, de sua própria realidade e da forma de lidar com ela, como já previa o seu primeiro editorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colégio Nossa Senhora da Piedade foi a primeira e única instituição confessional e congregacional da cidade de Lagarto, e sua fundação está ligada ao projeto romanizador da Igreja Católica. No entanto, sua história não se limitou à função doutrinária, embora também o fizesse, mas atendeu igualmente às expectativas do Estado, no tocante à moralização e ao civismo, e tornou-se espaço da vivência de uma cultura escolar que se expandiu para além de seus muros, atingindo famílias, escolas (visto que após formadas, como professoras, suas alunas levavam essa cultura para outras instituições) e sociedade em geral. Conhecer a história desse colégio, desde sua fundação até o ano de 1964, possibilitou inserir, nas páginas da História da Educação Sergipana, a prática educativa das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, a saber: valores, crenças, conhecimentos e comportamentos.

Enquanto elemento romanizador, o “colégio das freiras” procurava incutir os elementos da moral cristã católica, por meio dos ensinamentos de práticas e da doutrina desta religião. Por sua vez, as alunas apropriaram-se de tais experiências, carregando-as pela vida e, mesmo após saírem do espaço escolar, continuaram a vivenciar e difundir as mesmas práticas religiosas. A fé era a mediadora de tudo no colégio e continuou ocupando este espaço para um grande número de ex-alunas. Contudo, também construíram representações quanto ao papel da mulher na sociedade e sua relação com a educação feminina, uma vez que priorizaram oferecer formação adequada para a ideia que aquela sociedade tinha de mulher ideal, preparando moças moral, social e intelectualmente para se tornarem boas mães de família, mulheres de fé e professoras capacitadas.

Nesse sentido, é importante destacar as descobertas efetivadas na pesquisa sobre a cultura própria do internato na instituição. Onde não havia registros documentais escritos sobre o funcionamento do internato, as vozes das internas trouxeram vida e viabilizaram o conhecimento de aspectos antes ignorados pela própria instituição, fazendo saber dos espaços, horários, rituais, trabalhos, estudos e relacionamentos, que marcaram a vida de tantas jovens pobres e, em sua maioria, da zona rural, as quais encontraram nesse espaço a única forma de garantir seus estudos.

As irmãs, representadas pelas ex-alunas como mulheres inteligentes, rígidas e maternas, ocuparam destaque nessa prática. Passaram privações, roçaram o mato em torno do terreno, administraram com sucesso (mesmo nos tempos mais difíceis conseguiram obter saldos positivos), atuaram como professoras em sala de aula, ensinaram os trabalhos manuais, música

(inclusive piano e acordeom), disciplinaram, castigaram, cuidaram e marcaram a história da instituição como exemplos de mulheres fortes e dignas de respeito e admiração.

O colégio, por sua vez, que nasceu em uma casa adaptada para as atividades educativas, foi se transformando, graças ao esforço das administradoras, poder público e empenho das alunas e sociedade lagartense. Doações, festas, privações (inclusive o próprio espaço, visto que as aulas funcionaram temporariamente no Grupo Escolar Silvio Romero) garantiram que aos poucos as melhorias fossem acontecendo e viabilizando a ampliação do prédio, que ganhou, por fim, estrutura imponente e grandiosa para a realidade local.

Trazer a memória do Colégio Nossa Senhora da Piedade para as páginas da história é possibilitar a compreensão de modelo educacional católico, entender a cultura escolar institucional, dar visibilidade a valores, ideias, buscas e inquietudes da geração que experimentou os efeitos de “uma educação revestida de hábito”.

Apesar de todos os frutos gerados a partir desta pesquisa e produção, dada a riqueza encontrada nas fontes, estas não foram de um todo esgotadas. Há possibilidades de caminhadas mais longas, pelas veredas da história e da prática educativa da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, quer seja nos demais colégios espalhados pelos estados e cidades onde atuam, quer seja em elementos do próprio Colégio Nossa Senhora da Piedade, tais como: as práticas devocionais desenvolvidas na instituição, o jornal “O estudante” e a historiografia dos anos posteriores ao marco temporal aqui estabelecido.

A ação educativa desenvolvida ao longo dos anos traz uma inquietante sede de conhecer mais, descortinando o passado e contemplando a história que eterniza cada instituição, congregação, profissional e aluno pelas marcas deixadas que dão sentido ao que passou e apontam para o que há de vir.

FONTES

1. Entrevistas

ALMEIDA, Josefa Darticléa Souza. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 07 de fevereiro de 2017.

COSTA, Elisa Eulália da. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 15 de dezembro de 2016.

FONSECA, Josefa Amélia Siqueira. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 23 de dezembro de 2016.

HORA, Maria da Piedade. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 09 de maio de 2017.

LIBÓRIO, Altair de Souza. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 31 de janeiro de 2017.

MATOS, Eletice Oliveira Hora de. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 15 de fevereiro de 2017.

MESQUITA, Maria Lina de. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 22 de fevereiro de 2017.

NASCIMENTO, Josefa Viana de Almeida. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 25 de janeiro de 2017.

OLIVEIRA, Célia Mariana Santos de. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 22 de fevereiro de 2017.

SILVA, Josefa Stela Carvalho da. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 13 de fevereiro de 2017.

VIANA, Amazilde Ribeiro. 2017. Entrevista concedida a Maria de Lourdes Martins da Silva. Lagarto, 30 de janeiro de 2017.

2. Jornais

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, ANO XXXVI, nº 11846, Aracaju, 29 de julho de 1954.

JORNAL A CRUZADA, Ano VI nº 09. Aracaju, 24 de Janeiro de 1924.

JORNAL A CRUZADA, Ano XIII, Segunda fase, nº 543. Aracaju, 20 de dezembro de 1947.

JORNAL A CRUZADA. Ano XV, Segunda fase. Aracaju, 15 de maio de 1949.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano I, nº 1, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Abril de 1966.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano I, nº 2, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Maio de 1966.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano I, nº 3, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Agosto de 1966.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano I, nº 6, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Setembro de 1966.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano I, nº 7, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Outubro de 1966.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano II, nº 8, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Setembro 1967.

JORNAL O ESTUDANTE. Ano II, nº 9, Órgão do Colégio Nossa Senhora da Piedade, Lagarto, Outubro 1967.

3. Documentos do acervo do Colégio Nossa Senhora da Piedade e da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de Atas do Educandário Nossa Senhora da Piedade. Lagarto, 1947 – 1959

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de Histórico e Atas de solenidades. Lagarto, 1947 – 1966.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de receitas e despesas. Lagarto, 1947 – 1954.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de registro escolar: Frequência diária. 1º Ano. Lagarto, 1948-1951

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de registro escolar: Frequência diária. 4º Ano. Lagarto, 1948-1955

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro de Registro Escolar: matrícula, professores e aparelhamento escolar. Lagarto, 1948.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Livro para ponto diário. Lagarto, 1947.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1951.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1952.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1953.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1954.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1955.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1956.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1957.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1958.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1959.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1960.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1961.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1962.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1963.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1964.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE, Relatório de atividades realizadas. Lagarto, 1965.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO. **Revista do centenário** – Recife/PE. 1958.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, Constituições, Cap. II, art. 20. Recife, 1989.

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, Carta circular nº 06. Recife, 19 de maio de 1965.

4. Documentos diversos

ARQUIDIOCESE DE ARACAJU. Livro de Tombo Nº 01, Aracaju, 1949.

CERTIDÃO DE ESTATUTOS – Verbo-ad-verbum. Lagarto, 27 de setembro de 1969.

BRASIL. Decreto-lei Nº 8.347, de 10 de dezembro de 1945. Dispõe sobre o ensino secundário e da nova redação aos arts. 5º, 15, 19, 20, 24, 25, 28, 35, 36, 38, 39, 43, 45, 49, 50, 51, 85, 88 e 91 do Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Rio de Janeiro: 1945. In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del8347.htm#art1. Acessado dia 08/09/2017, às 19h02.

BRASIL. Decreto-lei Nº 4.244 - de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Rio de Janeiro: 1942. In: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decretolei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%E1rio.htm. Acessado dia 23/11/2017, às 20h43.

MATRIZ DE N. S. DA PIEDADE. Livro de Tombo Nº 2, B. Lagarto, 1953.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DE SERGIPE, Certificado de Registro Escolar nº 248. Aracaju, 30 de junho de 1948.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO ESTADO DE SERGIPE. Certificado de autorização. Aracaju, 5 de setembro de 1972.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar Diligente do Pastor:** a Igreja Católica em Sergipe. São Cristóvão: Editora da UFS/ Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

AZEVEDO, Cristiane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe** (1911 – 1930). Cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFRN, 2009.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os Padres de D. José:** O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948). 2004. 151f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação de Mestrado).

_____, Raylane Andreza Dias Navarro. Os padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 21, n. 7, p. 136-160, set./dez. 2004.

BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Acolher, evangelizar e educar:** contribuição do Oratório Festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914-1952). 2011. 287f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2011. (Dissertação de Mestrado).

CÂNDIDO, Renata Marcílio. O que a escola festeja? Uma retomada histórica sobre os tipos e sentidos das festas escolares. In: CATANI, Denise Barbara; GATTI JÚNIOR, Décio (ORGs). **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Coleção História, pensamento e educação. Uberlândia: EDUFU. p. 229-250, 2012.

CASADO, Ricky Sammy Lunardello; OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Pelos lábios das freiras: o ensino de História Geral no Internato Santa Teresinha do Menino Jesus (Caicó, 1939-1945). Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil, **6º ENPEH - Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História**, Campinas, p. 562-568, 2003. Disponível em: <http://ojs.fe.unicamp.br/index.php/FEH/article/view/4621/3604> . Acesso em 18/11/2017.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa/Difel/Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. **A História ou a história do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar:** História do Internato no Ensino Agrícola Federal (1934 – 1967). São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

_____, Joaquim Tavares da. **Internar para educar:** colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Aracaju: Edise, 2017.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração:** memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903–1973). 2003. 129f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2003. (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação feminina**: Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estância – Sergipe (1950 – 1970). São Cristóvão: Editora UFS, 2011.

FRAGOSO, Hugo. Nordeste do segundo império – O apaziguamento do povo rebelado mediante as missões populares. Fortaleza: **Revista de C. Sociais**. v. 16117 N. 1/2, p. 45-92, 1985/1986.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). São Cristóvão, SE: UFS; NPGED, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; DANTAS, Maria José. Impressos católicos em Sergipe e suas contribuições para a História da Educação. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**/ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 37/2008. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, p. 133-162, 2008.

GRAÇA, Rogério Freire. **Civilidade e formação de professoras**: um mosaico do ensino Normal Regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância - SE, 1949-1955). 2012. 129f Aracaju, SE: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação de Mestrado).

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Vita Consegrata**. São Paulo: Paulinas, 1996.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, p. 9 – 43. Campinas: Editora Autores Associados, Nº 01, jan/jun. p. 9-43, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Memória-História**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como pensar. 2 ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MEIHY, José Carlos Sede Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MELO, Loreto. **Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho**: História, carisma e Missão. Recife: Congregação, 2003.

MELO, Loreto; e TENÓRIO, Mercês. **Veloz como o vento, incansável como o amor**. Recife: Ed. dos Autores, 2014.

MELO, Valéria Alves. **As Filhas da Imaculada Conceição**: um estudo sobre educação católica (1915 1970). 2008. 125 f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

MORAIS, Maria Eleonora de Jesus. **Província de Aracaju**. Evangelizando para a vida. Aracaju: EDISE, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; e NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu e a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NÓVOA, Antônio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In CATANDI, D. B.; BASTOS, M.H.C. (Orgs) **Educação em Revista**. A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, p. 11-31, 1997.

NUNES, Maria José Rosado. **Freiras no Brasil**. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) História das mulheres no Brasil. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PALAZZOLO, Jacinto de. **Crônica dos capuchinhos do Rio de Janeiro**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1966.

PROST, Antoine. **Doze lições de história**. [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

REIS, Maria Eliziana. “O bálsamo perfume das virtudes”: as Irmãs Franciscanas Hospitaleiras e a educação confessional em Sergipe. **Práxis Pedagógica**: Revista do Curso de Pedagogia. Aracaju, Volume 3, Número 5, Jul/Dez. p. 85-103, 2015.

REZENDE, Modesto; e MOTTA, Fidelis. **Os capuchinhos no Brasil**. São Paulo: Convento da imaculada Conceição, 1929.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Por uma educação católica**: um estudo sobre a disciplina religião no Ginásio Santa Teresinha (1947-1968). 2008. 182 f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2008. (Dissertação de Mestrado).

SAMPAIO, Dilson Gonzaga. **“Para tornar o estudo um farol no colégio o lema tracemos”** O Colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953). 2016. 179f. Aracaju, SE: Universidade Tiradentes, 2016. (Dissertação de Mestrado).

SAMPAIO, Wilson Correia; e MADEIRA, Maria das Graças de L. **Missões religiosas no nordeste do século XIX – conflitos e flagelos**: um exame sobre os aspectos formativos do povo. In: VERÇOSA, ELcio de Gusmão (org.). Intelectuais e processos formativos em Alagoas (Séculos XIX –XX), Maceió: EDUFAL, p. 73-87, 2008.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **Entre bordados, cadernos e orações**: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na escola da Imaculada Conceição (1922-1969). 2011. 185 f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2011. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Ana Luzia. **Educação na imprensa católica**: as representações do jornal “A Defesa” sobre a formação da juventude (1961-1969). 2006. 213f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2006. (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. Colégio Nossa Senhora da Piedade: Uma trajetória sexagenária (1947 – 2007). **Revista Perfil**. Lagarto: Edição 95, ano 10 – Nº 7. Setembro de 2007.

_____, Claudefranklin Monteiro. **Contradições da romanização da igreja no Brasil** – a festa de São Benedito em Lagarto (1971-1928). Aracaju: Edise, 2016.

SANTOS, Luciana dos. **Controvérsias em torno das práticas e terapias de cura**: a epidemia de cólera-morbus em Pernambuco (1855). p.267, 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. SILVA, Katiene Nogueira da. O que a escola faz ao instituir o uso dos uniformes escolares? In: CATANI, Denise Barbara; GATTI JÚNIOR, Décio (ORGs). **O que a escola faz?** Elementos para a compreensão da vida escolar. Coleção História, pensamento e educação. Uberlândia: EDUFU. p. 197-227, 2012.

SOUZA, Cristiane Vitório. Os impressos sobre a Educação em Sergipe (1889-1930). IN: **Cadernos UFS – História da Educação**, v. 5. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, p. 35-49, 2003.

SOUZA, Kátia Maria Araujo. Um olhar sobre as relações de poder ente o altar e o trono nas missões Capuchinhas Sanfranciscana. In: BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; SANTOS, Claudefranklin Monteiro (ORGs). **Temas de história e educação católica em Sergipe**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 137-165, 2003.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **“A Cruzada Católica”**: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. 2005. 144f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2005. (Dissertação de Mestrado).

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudos sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. **O Necydalus**: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909 – 1911). São Cristóvão, 2009. 211f. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2009. (Dissertação de Mestrado).